

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

Anna Carolina Ferreira Carrara

**A CONSTRUÇÃO PREFIXAL DE MODIFICAÇÃO DE GRAU - UMA
ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA DA MORFOLOGIA DERIVACIONAL**

Juiz de Fora

2015

Anna Carolina Ferreira Carrara

**A CONSTRUÇÃO PREFIXAL DE MODIFICAÇÃO DE GRAU - UMA
ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA DA MORFOLOGIA DERIVACIONAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Neusa Salim Miranda

Juiz de Fora

2015

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Carrara, Anna Carolina Ferreira.

A Construção Prefixal de Modificação de Grau - uma abordagem construcionista da Morfologia Derivacional / Anna Carolina Ferreira Carrara. -- 2015.

214 p.

Orientadora: Neusa Salim Miranda

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2015.

1. Gramática das Construções. 2. Construções Morfológicas. 3. Prefixação. 4. Modificação de Grau. I. Miranda, Neusa Salim, orient. II. Título.

Anna Carolina Ferreira Carrara

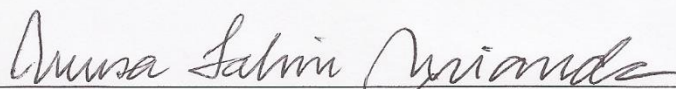
**A CONSTRUÇÃO PREFIXAL DE MODIFICAÇÃO DE GRAU - UMA
ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA DA MORFOLOGIA DERIVACIONAL**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

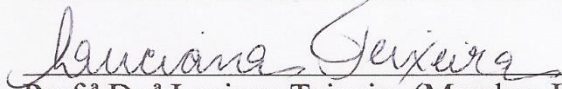
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Neusa Salim Miranda

Data da aprovação: 17 / 08 / 2015

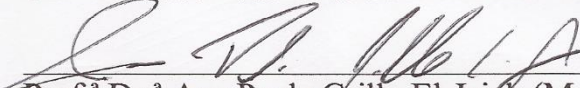
BANCA EXAMINADORA



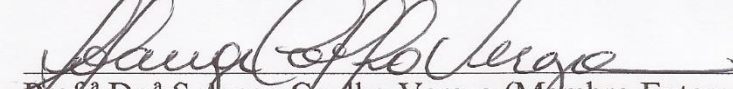
Prof.^a Dr.^a Neusa Salim Miranda (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF



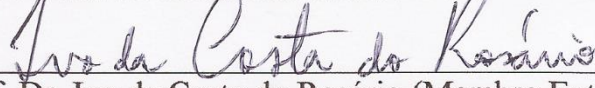
Prof.^a Dr.^a Luciana Teixeira (Membro Interno)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF



Prof.^a Dr.^a Ana Paula Grillo El-Jaick (Membro Interno)
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF



Prof.^a Dr.^a Solange Coelho Vereza (Membro Externo)
Universidade Federal Fluminense – UFF



Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário (Membro Externo)
Universidade Federal Fluminense – UFF

A linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. Isto significa que como escritor devo me prestar contas de cada palavra e considerar cada palavra o tempo necessário até ela ser novamente vida. O idioma é a única porta para o infinito, mas infelizmente está oculto sob montanha de cinzas.

Guimarães Rosa

Ao João Paulo, pela capacidade de imprimir
leveza em todas as coisas da vida e por
incentivar (e admirar) meu crescimento
profissional.

AGRADECIMENTOS

Comprometimento individual é o motor para o desenvolvimento de um trabalho de Doutorado, difícil e na maior parte do tempo solitário. Justamente por isso, a contribuição de algumas pessoas torna-se fundamental nesse processo e é preciso agradecê-las.

À minha professora/orientadora Neusa Salim Miranda, que ao longo de onze anos de convivência, além de orientar brilhantemente, me ensinou coisas que estão além dos meandros da Linguística - como amar o que faz, como se portar como um profissional ético e comprometido, como enxergar o potencial das pessoas, como ser muito exigente, terno e acessível ao mesmo tempo. Muito do que sou e tento ser hoje, como professora e já orientadora, reflete o que aprendi ao longo desses anos.

Ao meu marido, João Paulo, pelo companheiro incansável que foi nesses anos.

Aos meus pais, Sandra e Sebastião, pelo suporte de sempre, fundamental para que eu concluísse este trabalho e trilhasse o caminho até aqui.

À minha irmã Camila, pela amizade, conversas e carinho.

Aos meus tios, tias, avós e avôs, por formarem uma grande torcida para meu sucesso nessa empreitada.

À Prof.^a Margarida Basílio, por ter me recebido gentilmente na PUC/Rio e possibilitado a ampliação do meu conhecimento em Morfologia.

Aos colegas de jornada – Igor e Patrícia – por dividirem angústias e compartilharem conhecimentos.

Às bolsistas do projeto – Leila e Pilar – pela ajuda fundamental na montagem do *corpus*.

Aos professores do PPG Linguística, que tanto contribuíram para minha formação.

À Coordenadora do PPG Linguística, Prof.^a Luciana Teixeira, pela presteza e gentileza de sempre.

À Secretária do PPG Linguística, Rosângela Monteiro, por sempre facilitar as questões burocráticas.

À FAPEMIG, pelo apoio financeiro.

Aos professores e funcionários da UEMG - Unidade Carangola, pela possibilidade de realizar um trabalho comprometido, em especial à Prof.^a Ivete, coordenadora do curso de Letras da Unidade, primeiro professora admirada, agora colega de trabalho inspiradora.

Aos meus alunos do Curso de Letras da UEMG - Unidade Carangola, por serem um estímulo à minha busca por conhecimento, por despertarem em mim interesses que eu desconhecia e por torcerem para o sucesso deste trabalho.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste projeto.

RESUMO

O presente trabalho integra o macroprojeto ‘Construções Superlativas Morfológicas do Português’ (MIRANDA, 2011) e tem como objeto a Construção Prefixal de Modificação de Grau (CPMG), um dos nódulos dessa rede de construções superlativas mórficas, constituída pelos prefixos (super-, ultra-, hiper-, mega-, arqui-, maxi-, macro-, mini- e micro-) e exemplificada por ocorrências como (1) As modelos da Alessa entram com o cabelo **hiper volumoso** no Fashion Rio. Será tendência?; (2) Eu estava numa festa da minha prima. Me sentindo **super!**; (3) Eu **mega curti** o look dela na festa...incrível! Para descrevê-la, os pressupostos teóricos centrais assumidos foram a Gramática das Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006; BOAS, 2013) como um Modelo Baseado no Uso (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 1985, 2006, 2008, 2010; LANGACKER, 1987; CROFT; CRUSE, 2004), em um diálogo com a Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1977, 1982, 2008, dentre outros) e com modelos de formalização do *Constructicon* (FILLMORE, et. al., 2012). A escolha metodológica, ditada pelo compromisso com a empiria, recai em uma análise baseada em *corpus* (GONZALEZ-MARQUEZ et al., 2007), o que implica o uso de *corpora* eletrônicos tratados (*Corpus* do Português e Floresta Sintática) e, neste caso, de ferramentas computacionais (concordanciador eletrônico Web Concordancer Beta). Outro parâmetro analítico decorrente é a consideração da sensibilidade dos dados à frequência de tipos/*types* e à frequência de ocorrência/*tokens* - ligadas respectivamente à produtividade e convencionalização. Nesse viés, este trabalho ilustra a virada metodológica promovida pelos estudos sociocognitivistas e construcionistas da gramática e do léxico e desvela a relevância posta no uso e na diversidade linguística. Os resultados da análise da Construção Prefixal de Modificação de Grau, a partir de um *corpus* específico formado por 1.821 ocorrências, apontam para dois subpadrões da CPMG: (1) a CPMG Substantiva que, por sua vez, se subdivide em CPMG Substantiva de Tamanho, evocadora do *frame* Posição_em_uma_escala_superlativa_de_tamanho e a CPMG Substantiva Polissêmica, evocadora do *frame* Posição_entidade_em_uma_escala_superlativa; (2) a CPMG Predicadora, evocadora do *frame* Intensificação. Sustenta-se, a partir dos resultados auferidos, a relevância de uma interface entre Morfologia e Gramática das Construções (RHODES, 1992; BOOIJ, 2010).

Palavras-chave: Gramática das Construções, Construções Morfológicas, Prefixação, Modificação de Grau.

ABSTRACT

This work aims at analyzing the Prefixal Degree Modification Construction (henceforth CPMG) and it is part of the Project “Superlative Morphological Constructions in Portuguese” (MIRANDA, 2011). This thesis examines one of the nodes from those superlative morphological constructions that is constituted by the prefixes (super-; ultra-; mega-; arqui-; maxi-; macro-; mini- and micro-); which can be exemplified as: (1) As modelos da Alessa entram com o cabelo **hiper volumoso** no Fashion Rio. Será tendência?; (2) Eu estava numa festa da minha prima. Me sentindo **super!**; (3) Eu **mega curti** o look dela na festa...incrível! We used as theoretical framework to develop this work the Cognitive Construction Grammar (GOLDBERG, 1995, 2006; BOAS, 2013) as a Usage Based Model (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 1985, 2006, 2008, 2010; LANGACKER, 1987; CROFT; CRUSE, 2004), the Frames Semantics (FILLMORE, 1977, 1982, 2008, among others) and Constructicon Formalization Models (FILLMORE, et. al., 2012). The methodological choice was oriented by the commitment to empiricism, so we have developed a *Corpus*-based analysis (GONZALEZ MARQUEZ, et al., 2007), which implied in the use of treated electronic *corpora* (*Corpus* do Português e Floresta Sintática) and in this case with computational tools (the electronic concordance engine Web Concordancer Beta). Furthermore, other analytical parameter accounted was the frequency sensitivity of the data types and occurrence tokens - respectively connected to productivity and conventionalization. In this bias, this thesis illustrates the methodological turn promoted by socio-cognitivists, constructionist grammar and lexicon studies, which reveals the relevance of use in the linguistic variation. The outcome of the analysis, from an specific *corpus* constituted by 1.821 occurrences, lead to two CPMG patterns: (1) Noun CPMG, that could be classified in two sets: type (i) - Size, that is related to the frame *Position_in_a_superlative_scale_of_size*; type (ii) - Polissemic, that is related to the frame *Position_of_entity_in_a_superlative_scale*; (2) the Predicative CPMG, that is related to the *frame* Intensity. Finally, we argue that the results have showed that is vital an interface between Morphology and Construction Grammar (RHODES, 1992; BOOIJ, 2010).

Keywords: Construction Grammar, Morphological Constructions, Prefixation, Degrees of Modification.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA DA GRAMÁTICA E DO LÉXICO	23
2.1 A Gramática das Construções Cognitiva	24
2.1.1 A Gramática das Construções: panorâmica	24
2.1.2 A construção no modelo goldbergiano	26
2.1.3 A proposta de fusão dos argumentos do verbo com os argumentos da construção	30
2.1.4 A natureza das generalizações na linguagem	33
2.1.4.1 A GRCC como um Modelo Baseado no Uso	36
2.1.5 A relação entre construções	39
2.1.6 Avanços e questões em relação ao desenvolvimento do modelo construcionista	43
2.2 A Semântica de <i>Frames</i>	45
2.2.1 Semântica de <i>Frames</i> : conceitos básicos	45
2.2.2 O projeto lexicográfico <i>FrameNet</i>	48
2.2.3 Semântica de <i>Frames</i> e Gramática das Construções: compatibilidades e complementariedade	54
2.3 O Projeto <i>Constructicon</i>	56
2.3.1 A anotação construcional	56
2.3.2 As Construções de Grau	59
2.4 A articulação entre Morfologia e Gramática das Construções	63
3 FORMAÇÕES PREFIXAIS E SUFIXAIS DE GRAU EM PORTUGUÊS - O ESTADO DA ARTE	70
3.1 A marcação de grau por afixação - abordagens na Tradição Gramatical	71
3.2 Os prefixos e sufixos de grau - estudos dentro da Tradição Linguística	75
3.2.1 Os estudos sobre a marcação sufixal de grau	76
3.2.2 Os estudos sobre a marcação prefixal de grau	86
3.2.3 A marcação de grau por afixação nos Manuais de Morfologia e nas Gramáticas de Uso	94
3.3 Prefixação: um caso de derivação ou composição?	98
4 METODOLOGIA	101
4.1 A relevância dos <i>corpora</i> para análises construcionistas	101
4.2 A coleta dos dados	105
4.2.1 A ferramenta Web Concordancer Beta	108
4.2.2 O <i>Corpus</i> do Português	112
4.2.3 O Projeto Floresta Sintática	114
5 A CONSTRUÇÃO PREFIXAL DE MODIFICAÇÃO DE GRAU	118

5.1 A Construção Prefixal de Modificação de Grau e seus constituintes	121
5.1.1 A Construção Prefixal de Modificação de Grau e seus elos semânticos e formais	129
5.1.2 A CPMG Substantiva	134
5.1.2.1 A CPMG Substantiva de Tamanho	137
5.1.2.2 A CPMG Substantiva Polissêmica	149
5.1.3 A CPMG Predicadora	161
5.1.4 Quando o EC Escopo é uma Instanciação Nula	175
5.1.5 Alguns achados sobre o ambiente discursivo da Construção Prefixal de Modificação de Grau	182
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	202
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	208
 ANEXOS 1, 2 e 3: <i>Corpus</i> específico da CPMG	
CD <i>room</i> que acompanha esta tese	

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A estrutura simbólica da construção	27
Figura 2: As opções de busca no Web Concordancer Beta	109
Figura 3: A representação dos subpadrões da CPMG	206

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Representação da Construção de Movimento Causado	32
Quadro 2: Construto 1 – descrição informal da Construção de Modificação de Grau	61
Quadro 3: Construto 2 – descrição informal da Construção de Realização da Qualificação de Grau	62
Quadro 4: Exemplos da busca pela ‘palavra-chave’ <i>hiper-</i> no Web Concordancer Beta	110
Quadro 5: Construto 3 – descrição informal da Construção Mórfica de Modificação de Grau	130
Quadro 6: Construto 4 – descrição informal da Construção Prefixal de Modificação de Grau	132
Quadro 7: Construto 5 – descrição informal da CPMG Substantiva de Tamanho	134
Quadro 8: <i>Frame</i> Posição_em_uma_escala_superlativa_de_tamanho	140
Quadro 9: Construto 6 – descrição informal da CPMG Substantiva Polissêmica	150
Quadro 10: <i>Frame</i> Posição_entidade_em_uma_escala_superlativa	152
Quadro 11: Construto 7 – descrição informal da CPMG Predicadora	161
Quadro 12: <i>Frame</i> Intensificação	162
Quadro 13: <i>Frame</i> Foco_no_Experienciador	174

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Percentual dos eixos temáticos da CPMG

188

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Exemplos de construções do Português	28
Tabela 2: Níveis de anotação da UL <i>give</i> em ‘The teacher gave the student a book’	53
Tabela 3: Níveis de anotação da UL <i>give</i> em ‘The teacher gave a book to the student’	53
Tabela 4: Resultado da busca no Web Concordancer Beta	112
Tabela 5: Características do <i>Corpus</i> do Português	113
Tabela 6: Resultado da busca no <i>Corpus</i> do Português	114
Tabela 7: Características do Projeto Floresta Sintática	115
Tabela 8: Resultado da busca no Projeto Floresta Sintática	116
Tabela 9: Quantificação das ocorrências – Web Concordancer Beta	123
Tabela 10: Quantificação das ocorrências – <i>Corpus</i> do Português	123
Tabela 11: Quantificação das ocorrências – Floresta Sintática	124
Tabela 12: Quantificação total das ocorrências do <i>corpus</i> específico montado	124
Tabela 13: Características dos prefixos	128
Tabela 14: Quantificação das ocorrências dos subpadrões da CPMG Substantiva	137
Tabela 15: Categorias conceptuais do EC Escopo da CPMG Substantiva de Tamanho com o EC Modificador de Grau maxi-	143
Tabela 16: Categorias conceptuais do EC Escopo da CPMG Substantiva de Tamanho com o EC Modificador de Grau macro-	144
Tabela 17: Categorias conceptuais do EC Escopo da CPMG Substantiva de Tamanho com o EC Modificador de Grau mini-	146
Tabela 18: Categorias conceptuais do EC Escopo da CPMG Substantiva de Tamanho com o EC Modificador de Grau micro-	147
Tabela 19: Número de ocorrências e <i>types</i> do EC Escopo adjetivo da CPMG Predicadora	166
Tabela 20: Instâncias dicionarizadas da CPMG Predicadora com EC Escopo verbo	169
Tabela 21: Número de ocorrências e <i>types</i> verbais da CPMG Predicadora	172

Tabela 22: Número de ocorrências da CPMG com EC Escopo Instanciação	
Nula	178
Tabela 23: Número de ocorrências por eixos temáticos característicos	
da CPMG	187

1 INTRODUÇÃO

Um pouco por toda parte, os processos hiperbólicos e subpolíticos compõem a nova psicologia das democracias liberais. Nem tudo funciona na medida do excesso, mas, de uma maneira ou de outra, nada é poupado pelas lógicas do extremo. Tudo se passa como se tivéssemos saído da era do pós para a era do hiper.

Gilles Lipovetsky

A epígrafe eleita para abrir este estudo remete ao chamado “regime hiperbólico” que, na voz do filósofo francês Lipovetsky (2004), define a Hipermmodernidade. Tal regime expressa o excesso como uma exigência ou urgência da vida contemporânea. As mais diversas esferas da sociedade estão submetidas a um ritmo acelerado e hiperbólico: a circulação de capital, o consumo, os mercados gigantescos, os shoppings, a tecnologia, a televisão e seus espetáculos, as grandes cidades, o turismo. São os hipermercados, o hiperterrorismo, as hiperpotências, o hipertexto, as hiperclasses, enfim, o hipercapitalismo. E isto não se limita ao comportamento coletivo; ao contrário, os indivíduos também foram capturados pelos extremos: as bulimias, o doping, os esportes radicais, os assassinatos em série, a obesidade, as compulsões, a obsessão pela forma física e pela beleza.

Foi este pensamento de Lipovetsky (2004) sobre a dita “era do hiper” que, a princípio, serviu de gatilho para a eleição do tema e das questões que mobilizariam esta tese: qual seria o reflexo dessa modernidade superlativa em nosso modo de dizer? Em uma sociedade hipermoderna haveria um hipermodo de dizer? Em termos mais específicos, tal polarização das práticas e valores sociais estariam trazendo uma correlata

expansão de usos, implicando novos padrões e sentidos? Estaríamos, assim, caminhando em uma via de mão dupla: a hipermodernidade, conforme descrita por Lipovetsky (2004), se refletiria nos usos (expandidos e/ou novos) de construções hiperbólicas pelos falantes e esses usos frequentes só fariam exprimir as características da sociedade em que esses mesmos falantes vivem. De fato, é assim que construções - da gramática e do léxico - se configuram; emergem do uso e, reiteradas, se convencionalizam em um sistema linguístico para, depois, ante novos usos, voltarem a ser chama, se renovando e se expandindo.

Esta mesma curiosidade determinou a escolha do objeto desta tese: as construções mórficas de modificação de grau expressas pela fusão de marcadores prefixais (super-, ultra-, hiper-, mega-, archi-, maxi-, macro-, mini- e micro-) a bases substantivas, adjetivas, adverbiais e verbais, como ilustram os exemplos a seguir:

- (i) *...temos uma **hiperinflação** que decorre da impunidade total gerada por outro pilar do poder, os veneradores do ócio...* (Web Concordancer Beta)
- (ii) *Escandalizou a «situação», que viu nele o seu **archi-inimigo** a abater.*
(Floresta Sintática)
- (iii) *Noivinhas, a data para o meu casamento está **megalonge**, fico olhando coisas de casamento e bate uma ansiedade ...* (Web Concordancer Beta)
- (iv) *Eu **super ameí** o creminho!* (Web Concordancer Beta)

De fato, o encontro com Lipovetsky só trouxe à consciência as razões pelas quais o gosto pelo exagero já, de algum tempo, estivesse presente em minha vida acadêmica. Minha dissertação de mestrado (CARRARA, 2010) já tematizara a superlativação promovida por uma construção lexical do tipo X de Y (*Lindo de doer, feio de matar, festa*

de arrasar), vinculando-se a uma rede de estudos de caso sobre construções superlativas lexicais e gramaticais do Português (macroprojeto Construções Superlativas do Português: uma abordagem sociocognitiva - MIRANDA, 2007). Tal rede integrou seis dissertações de mestrado (SAMPAIO, 2007; CARVALHO-MIRANDA, 2008; ALBERGARIA, 2008; CARRARA, 2010; COSTA, 2010; MACHADO, 2011), uma tese de doutorado (PIRES, 2013) e um projeto de pós-doutoramento (MIRANDA, 2008). Os núdulos investigados por esse macroprojeto mostram, pela grande concorrência de redes, um território discursivo de grande riqueza expressiva. São recursos sintáticos, lexicais e mórficos ilustrados a seguir:

- (v) *Morro de medo de escuro. Morri de rir com o filme.* (SAMPAIO, 2007);
- (vi) *Não empresto um tostão! Não escrevo uma linha! Não dou um passo!*
(MIRANDA, 2008);
- (vii) *Não vou nem que Cristo desça da cruz! Não vou nem que a TAM me pague!*
(CARVALHO-MIRANDA, 2008);
- (viii) *É uma fera no computador; um monstro das artes* (ALBERGARIA, 2008)
- (ix) *Lindo de doer, feio de matar, festa de arrasar* (CARRARA, 2010)
- (x) *Rolar de rir, se borrar de pavor* (COSTA, 2010)
- (xi) *Gravidíssima, solteiríssima, casadíssima* (MACHADO, 2011)

O estudo de Machado (2011) sobre construções superlativas mórficas (item xi) abriu caminho para um novo macroprojeto - Construções Superlativas Morfológicas do Português (MIRANDA, 2011), que recorta seus objetos no campo específico da Morfologia Derivacional, buscando descrever os usos emergentes e convencionalizados de construções com afixos que operam como Marcadores de Grau. Este estudo e mais dois outros em fase de finalização (MACHADO, 2015; COSTA, 2015) integram, assim,

este macroprojeto, vinculando-se à linha de pesquisa Linguística e Cognição, do PPG Linguística da UFJF, e à *FrameNet* Brasil, em sua linha *Frames* e Construções.

Dentro do recorte apresentado, este estudo se define por um viés teórico sociocognitivista e construcionista. Assim, tendo a Linguística Cognitiva como paradigma, elege dois de seus principais modelos como fundamentos centrais para a análise - a Gramática das Construções Cognitiva nos termos de Goldberg (1995, 2006), vista como um Modelo Baseado no Uso (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 1985, 2006, 2008, 2010; LANGACKER, 1987; CROFT; CRUSE, 2004), em um diálogo com a Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1975, 1977a, 1977b, 1982, 1985; FILLMORE et al., 2003; PETRUCK, 1996, entre outros) e com modelos de formalização do *Constructicon* (FILLMORE, et. al., 2012).

A partir deste escopo teórico se define a entrada no campo da Morfologia. É sabido que a Gramática das Construções se erigiu, sobretudo, como um modelo de descrição da sintaxe, com algumas incursões no léxico (capítulo 2). De fato, em sua dissidência ao cognitivismo chomskiano, reconhecido pelo forte aparato analítico no campo da Sintaxe, era preciso enfrentar o adversário neste campo, mostrando a superioridade do modelo. A Morfologia, assim, já periférica no Gerativismo, também ficou à margem do modelo construcionista de gramática. A busca bibliográfica em torno da interface entre Gramática das Construções e Morfologia retornou com apenas dois nomes (RHODES, 1992; BOOIJ, 2010). Tal escassez tem ainda outra razão - a pobreza morfológica da língua inglesa (se comparada às línguas latinas, por exemplo) na qual a imensa maioria dos estudos construcionistas tem origem.

Frente à reconhecida escassez, a busca de sustentação empírica para o empreendimento teórico da Gramática das Construções no campo da Morfologia se coloca como uma questão central para este estudo.

Por outro lado, cabe considerar também que, apesar da profusão de recursos mórficos em nossa língua, a Morfologia ainda é, de fato, a “prima pobre” no campo das investigações linguísticas nas mais diversas vertentes teóricas (capítulo 3). A investigação acerca do repertório de construções mórficas escalares que integra a rede construcional da Língua Portuguesa é, assim, um vasto território a ser construído em direção a uma configuração mais precisa do uso do léxico e de sua renovação nesta língua.

Exposta a motivação de nossa pergunta, a gênese de nosso projeto e sua relevância ante a escassez de estudos construcionistas no campo da Morfologia, passamos à síntese dos objetivos que mobilizam o estudo da Construção Prefixal de Modificação de Grau (CPMG) - rótulo atribuído ao nosso objeto:

1. Postular a existência de um padrão construcional mórfico que recubra, de modo holístico, tais formações prefixais de grau;
2. Propor uma análise dos polos semântico e formal da Construção Prefixal de Modificação de Grau (CPMG), bem como das dimensões discursivas envolvidas em seu uso sincrônico;
3. Sustentar, empiricamente, articulações teóricas entre Morfologia Derivacional e Gramática das Construções implicadas nesta construção.

Para tanto, os fundamentos teóricos do modelo construcionista assumido, já explicitados nesta Introdução, são apresentados no capítulo 2.

O capítulo 3 apresenta o estado da arte em relação aos estudos descritivos desenvolvidos em Língua Portuguesa em torno da marcação de grau sufixal e prefixal, passando pelas Gramáticas Tradicionais (CUNHA; CINTRA, 2008; BECHARA, 2004), por diversas pesquisas dentro da Tradição Linguística (ROSA, 1983; GONÇALVES,

2002, 2003; TURUNEN, 2009; MACHADO, 2011; CAVALCANTI, 1980; RIBEIRO, 2006; SANDMANN, 1987), pelos Manuais de Morfologia (BASÍLIO, 2007, 2011; LAROCA, 2011; GONÇALVES, 2011) e pelas Gramáticas de Usos do Português (CASTILHO, 2012; PERINI, 2010; MOURA-NEVES, 2000). Ao longo de tais apresentações colocaremos em relevo as possíveis contribuições teóricas e analíticas ao nosso estudo, assim como procederemos a considerações críticas em relação a aportes e análises oferecidas.

A escolha metodológica deste estudo recai, por sua vez, no uso de *corpora* naturais (capítulo 4), diferindo da quase totalidade dos estudos sobre processos de derivação morfológica a que tivemos acesso (GONZALEZ-MARQUEZ et al., 2007). Assim, a partir de uma abordagem probabilística da linguagem, operamos com a frequência de tipos/*types* e de ocorrências/*tokens* nesta rede, indo ao encontro da máxima dos Modelos Baseados no Uso de que as construções de uma língua - em qualquer substrato - emergem de tipos/*types* exemplares que, usados e reiterados, geram generalizações de superfície, o que lhes permite a convencionalização e a consequente renovação e/ou ampliação do sistema.

No capítulo 5, apresentamos a Construção Prefixal de Modificação de Grau (CPMG), objeto deste estudo. A análise empreendida organiza-se do seguinte modo: primeiro, a apresentação da construção e dos Elementos Construcionais (EC) que a integram (seção 5.1). A subseção 5.1.1 traz a apresentação da Construção Mórfrica de Modificação de Grau, nos termos de uma formalização “em prosa” (FILLMORE et al., 2012), estabelecendo uma relação com a CPMG nos seus dois subpadrões: a Construção Prefixal de Modificação de Grau Substantiva (CPMG Substantiva), que será tratada na subseção 5.1.2; e a Construção Prefixal de Modificação de Grau Predicadora (CPMG Predicadora), apresentada na subseção 5.1.3. Em seguida, à subseção 5.1.4, trataremos

dos usos da Construção Prefixal de Modificação de Grau em que o EC Escopo é uma Instanciação Nula. Os processos de renovação e ampliação de uso são postos em análise na descrição de cada subpadrão da CPMG. Por fim, na subseção 5.1.5, procedemos a algumas incursões sobre a dimensão pragmática e discursiva da CPMG.

No último capítulo reunimos as considerações finais a respeito da pesquisa empreendida, colocando em relevo os ganhos teórico-analíticos oriundos deste trabalho, além de sua contribuição para a descrição da rede de construções superlativas do Português dentro da perspectiva construcionista da gramática e do léxico.

Passemos, pois, à configuração teórica deste estudo.

2 UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA DA GRAMÁTICA E DO LÉXICO

O estudo ora desenvolvido assume, como hipótese teórica sobre a arquitetura da Gramática e do Léxico, uma versão da Gramática das Construções - a Gramática das Construções Cognitiva nos termos de Goldberg (1995, 2006). A Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1975, 1977a, 1977b, 1982, 1985; FILLMORE et al., 2003; PETRUCK, 1996, entre outros), vista como uma teoria semântica que empresta fortes subsídios à Gramática das Construções, enriquece nossas bases teóricas e auxilia na fundamentação da nossa proposta de análise. Nesse diálogo, contribuições do modelo construcionista de Fillmore e colaboradores (FILLMORE et al., 2012) desenvolvidas especificamente em função do *Constructicon* - projeto que busca descrever as características gramaticais e semânticas das construções usando as ferramentas desenvolvidas pela *FrameNet* - constituem-se também como fortes aportes ao presente estudo.

Tais contribuições teóricas têm em comum a gênese que as vincula ao paradigma linguístico conhecido como Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1980[2002], 1999; FAUCONNIER; TURNER, 2002; FILLMORE, 1982; FILLMORE; JOHNSON; PETRUCK, 2003; SALOMÃO, 2009; CROFT; CRUSE, 2004) que, em sua constelação de modelos, sustenta, fundamentalmente, o relevo dos processos de significação na formulação de modelos sociocognitivos de linguagem e de gramática.

Dentro da configuração anunciada, este capítulo apresenta e discute essa versão cognitiva e construcionista de gramática e é organizado dentro da linha argumentativa que passamos a informar.

A primeira parte do capítulo (2.1) oferece um panorama geral do empreendimento teórico nomeado como Gramática das Construções (doravante GRC) e, em seguida, toma

o modelo goldbergiano, a Gramática das Construções Cognitiva, esclarecendo e discutindo os conceitos basilares do modelo para o recorte analítico aqui empreendido. A segunda parte do capítulo (2.2) é dedicada à Semântica de *Frames*. A terceira parte do capítulo (2.3) apresenta, em termos gerais, o *Constructicon* e sua contribuição mais específica para a descrição das Construções de Grau, objeto de nosso estudo. A quarta e última parte do capítulo (2.4) apresenta uma articulação entre Gramática das Construções e Morfologia nos termos de Booij (2010) e Rhodes (1992).

2.1 A Gramática das Construções Cognitiva

A abordagem construcionista que assumimos remete, em origem, aos trabalhos de Lakoff (1987) e de Fillmore, Kay, O'Connor (1988): é a abordagem de Goldberg (1995, 2006) definida como Gramática das Construções Cognitiva. Os princípios fundamentais e os conceitos basilares deste modelo de gramática e de linguagem serão apresentados nesta seção. Antes, um panorama do empreendimento construcionista mais amplo, sustentado pela Linguística Cognitiva.

2.1.1 A Gramática das Construções: panorâmica

A GRC abrange um conjunto de teorias gerais sobre a gramática (e também o léxico). Segundo Salomão (2009, p. 37), “o movimento, inteiramente desprovido de unidade política, mas impressionante pelo volume de adesões em termos globais, recebeu seu impulso trinta anos atrás” com a publicação de dois artigos, o *Linguistic gestalts* de George Lakoff (1977) e o *The case for case reopened*, de Charles Fillmore (1968). Na década de 1980, Fillmore e Kay cunharam o termo ‘Gramática das Construções’ (FILLMORE; KAY; O’CONNOR, 1988; FILLMORE; KAY, 1995), juntamente com

Lakoff (1987), em trabalho que estabeleceu a noção de redes construcionais motivadas figurativamente a partir do estudo de caso com o *there*, são considerados os precursores para as diferentes versões de GRC encontradas hoje (BOAS, 2013).

As abordagens construcionistas delineiam, portanto, no decorrer desses trinta anos, um dos maiores avanços nos estudos de gramática e vem dando forma ao nosso entendimento sobre as línguas e sobre a própria natureza da linguagem (GOLDBERG, 1995, 2006), além de nos surpreenderem pela mobilização em tratar TODAS as construções de uma língua e não somente as consideradas centrais, regulares – o *core grammar* (SALOMÃO, 2009).

Apesar de divergências consideráveis entre diferentes modelos de GRC - Gramática das Construções Unificada (FILLMORE, KAY, O'CONNOR); Gramática Cognitiva (LANGACKER); Gramática das Construções Radical (CROFT) e Gramática das Construções Cognitiva (LAKOFF, GOLDBERG) - Goldberg (2006, p. 213-215) considera a relativa unidade teórica das três últimas, agrupando-as como **Modelos Baseados no Uso** (cf. subseção 2.1.4.1) em relativa dissonância com a Gramática das Construções Unificada.

Podemos pontuar, então, os princípios fundamentais convergentes entre as variadas versões da Gramática das Construções Baseadas no Uso (GOLDBERG, 2006):

- (i) a definição de construção como um pareamento de forma e modos de significação semântico-pragmática;
- (ii) a postulação de que as construções gramaticais são os blocos fundamentais da linguagem; as unidades analíticas, por excelência;
- (iii) a ideia de que um modelo linguístico deveria, em princípio, estar apto a explicar todas as facetas do conhecimento do falante acerca de sua língua;

- (iv) a concepção de gramática como uma grande rede construcional, conceptualmente motivada, de tal modo que as unidades construcionais divergem apenas no caráter de sua especificação formal;
- (v) e a consideração do USO como constitutivo da arquitetura cognitiva do léxico e da gramática.

Isto posto, passamos a uma discussão mais detalhada do modelo goldbergiano de gramática, a Gramática das Construções Cognitiva (doravante GRCC), que sustenta e aprofunda todos os fundamentos anunciados e oferece contribuições mais específicas à análise de padrões construcionais sintáticos. Este modelo, além de sustentar as teses centrais de nosso trabalho, empresta-lhe alguns dos fundamentos analíticos mais específicos.

2.1.2 A construção no modelo goldbergiano

Goldberg (2006) define construção da seguinte forma:

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente preditível a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes. **Além disso, padrões são armazenados como construções, mesmo os totalmente preditíveis, desde que ocorram de forma suficientemente frequente** [grifo nosso]. (GOLDBERG, 2006, p. 5)¹

Esta definição de Goldberg informa, por um lado, a visão gestáltica da construção, seu caráter fracamente composicional, não “estritamente preditível” - o todo é maior que a soma das partes que o integram (Hipótese Fraca da Composicionalidade)

¹Tradução nossa para: Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. In addition, patterns are stored as constructions even if they are fully predictable as long as they occur with sufficient frequency. (GOLDBERG, 2006, p. 5)

(GOLDBERG, 1995, 2006) - um relevante ponto de dissidência entre a abordagem construcionista e outras gramáticas de viés formalista no trato dos processos de integração conceptual. Por outro, vincula o conceito de construção aos pareamentos de forma e sentido totalmente analisáveis composicionalmente, desde que sejam frequentes na língua e estejam armazenados como construções no repertório dos falantes.

Quanto à arquitetura de uma construção - envolvendo a fusão entre uma forma particular e um significado específico - prevista pelos modelos em geral e também pela GRCC, pode-se apresentar a seguinte configuração desenhada por Croft e Cruse (2004, p.258):

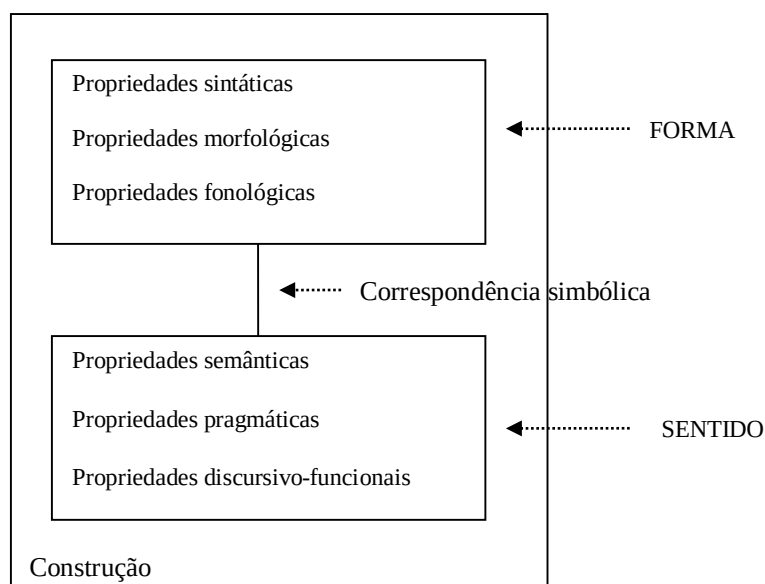


Figura 1: A estrutura simbólica da construção (CROFT; CRUSE, 2004, p. 258)

Como ilustra a Figura 1, a **forma** de uma construção pode estar associada a diferentes tipos de informações linguísticas relevantes (sintática, morfológica e fonológica) e relacionada ao seu **polo de significação** via correspondência simbólica, o que é nomeado como **fusão** no modelo goldbergiano (1995, 2006). O polo do sentido, por sua vez, inclui todos os aspectos conceptuais, semânticos convencionalizados, associados

com a função da construção, assim como o contexto pragmático e discursivo característico.

Um ponto fundamental definidor da GRCC é a postulação da construção como a **unidade básica da gramática**. Nesse sentido construções, enquanto pares de forma e modos de significação semântico-pragmática, **incluem unidades de todos os níveis**: morfemas ou palavras, expressões idiomáticas, padrões sintáticos mais abstratos ou genéricos, padrões parcialmente ou totalmente preenchidos lexicalmente, como ilustrado na tabela a seguir:

Tipo de Construção	Forma e/ou Exemplo
Morfemas	- eiro torradeira, jardineiro - ista petista, surfista
Palavras	Monstro, gigante, casa, para
Palavras complexas	cesta básica, guarda-roupa
Idiomas (totalmente preenchidos)	Comer o pão que o diabo amassou.
Idiomas (parcialmente preenchidos)	Forma: Não X nem que Y Exemplo: Não pago a dívida nem que me prendam.
Construção de Transferência de Posse	Forma: X causa Y ter Z Exemplo: João deu o ingresso para o filho.
Construção Superlativa Causal Nominal	Forma: XN (W)ADJ de YV Exemplo: Ele arrumou uma mulher feia de doer.

Tabela 1: Exemplos de construções do Português

Temos, assim, uma rica gama de construções que diferem em tamanho, complexidade e sentido. Contudo, ainda que a teoria construcionista se proponha a

abordar todas as construções de uma língua, em todos os níveis, é no campo da sintaxe que a GRCC - e os demais modelos - tem seus avanços fundamentais. O grande destaque do trabalho de Goldberg (1995) está exatamente no tratamento que confere às chamadas Construções de Estrutura Argumental (CEA) definidas como “uma subclasse especial de construções que fornecem os sentidos básicos de expressões clausais numa língua”² (GOLDBERG, 1995, p. 3). De fato, o argumento de Goldberg (1995, 2006) é que essas Construções de Estrutura Argumental são designadoras de **cenas humanas relevantes**, ou seja, são sentenças que codificam, como sentidos centrais, eventos básicos para a experiência humana (alguém causando o movimento de algo, alguém se movendo, alguém transferindo algo para outra pessoa, entre outros). Nessa perspectiva, são exemplos de Construções de Estrutura Argumental estudados pela autora e com correspondência em Português:

1. **Construção de Movimento Causado**

X causa Y mover-se (em direção a) Z

Exemplo: *Camila jogou o colar na lixeira*

2. **Construção de Transferência de Posse**

X causa Y ter Z

Exemplo: *Pedro deu o carro para a esposa*

3. **Construção Resultativa**

X causa Y tornar-se Z

Exemplo: *João deixou o chefe nervoso*

Passamos à consideração de alguns dos aspectos descritivos das CEA que, de algum modo, terão aplicação em nossas análises de construções mórnicas. Dizemos de

²Tradução nossa para: (...) a special subclass of constructions that provide the basic means of clausal expression in a language. (GOLDBERG, 1995, p. 3)

“algum modo” porque, ainda que sustentando o contínuo entre sintaxe e morfologia, a transposição de um campo ao outro, implica respeitar as peculiaridades internas de cada nível e trazer para a Morfologia os fundamentos, categorias e modelos analíticos, via de regra, propostos para a sintaxe. Cabe antecipar (cf. seção 2.4) ainda que a inclusão dos morfemas como unidades construcionais não é uma decisão unânime dentro dos distintos modelos da GRC. Assim, assegurar a tese, sustentada neste estudo, de um necessário trato construcional para a Morfologia não é tarefa fácil. Voltamos a tal questão no capítulo 5.

2.1.3 A proposta de fusão dos argumentos do verbo com os argumentos da construção

O modelo construcionista de estrutura argumental, afastando-se de abordagens lexicalistas que afirmam que a forma e a interpretação geral de sentenças são dependentes do verbo principal, assume que a interpretação de uma sentença depende da **combinação do verbo principal com a Construção de Estrutura Argumental de que faz parte**.

Na sentença “*He sneezed the napkin off the table*”³ (GOLDBERG, 1995), por exemplo, ao invés de postularmos um novo sentido para o verbo *sneeze*, simplesmente o associamos ao esquema da Construção de Movimento Causado (X causa Y mover-se (em direção) a Z), ou seja, o sentido lexical básico do verbo será ajustado à construção em que ele figurar. O que acontece, de fato, é que os elementos lexicais não são os únicos a contribuírem com o significado; a construção também colabora, evitando-se, assim, a postulação de significados implausíveis para uma mesma entrada lexical em casos em que esta aparece em um ambiente não usual.

³Optamos por não traduzir os exemplos dados por Goldberg (1995). Por serem exemplos de construções características da língua inglesa, a tradução poderia comprometer sua significação.

Dessa forma, em cada construção de estrutura argumental ocorre uma integração entre o esquema⁴ de significado do verbo e o esquema de significado da construção, à luz do contexto pragmático no qual a sentença é proferida (GOLDBERG, 2006).

Os papéis definidos pela construção são nomeados por Goldberg (1995, 2006) como **papeis argumentais** (*argument roles*). Segundo a autora, os papéis argumentais associados às Construções de Estrutura Argumental correspondem aos papéis temáticos tradicionais como Agente, Paciente, Tema, Experienciador, etc. A diferença é que nessa abordagem esses papéis respondem às exigências de construções particulares, sendo mais específicos e numerosos que os papéis temáticos tradicionais.

Os elementos definidos pelo significado são os **papeis participantes** (*participant roles*), que são instâncias dos papéis argumentais mais gerais. Isto significa que os verbos são associados a papéis de um *frame* específico enquanto as construções são associadas a papéis mais gerais.

Consideremos, para fins de ilustração, a seguinte realização da Construção de Movimento Causado:

(1) *Camila jogou o colar na lixeira*

Temos, portanto, a integração de dois esquemas: (a) o esquema do verbo *jogar*, que envolve dois papéis participantes (e dois argumentos), um *jogador* - Camila - e um *objeto jogado* - o colar - e (b) o esquema da Construção de Movimento Causado, que envolve três papéis: um *Agente*, um *Paciente* e um *Alvo*. Temos, assim, a representação dessa construção de acordo com Goldberg (1995, p. 163) no Quadro 1.

⁴ Ao usarmos a expressão *esquema de significado* estamos adotando a mesma noção de *esquema* que Goldberg usa em referência a Fillmore (1977b, apud GOLDBERG, 1995, p. 25), segundo a qual os sentidos são tipicamente definidos em relação a algum *frame* ou cena que pode ser altamente estruturada e que designa a idealização de uma “percepção individualmente coerente, memória, experiência, ação ou objeto”.

Sem:	CAUSAR-MOVER	< agente	paciente	alvo>
R:	JOGAR	< jogador	jogado	direção>
	↓	↓	↓	↓
Sint:	V	Suj.	Obj.	Obl.

Quadro 1: Representação da Construção de Movimento Causado

O Quadro 1 acima merece alguns esclarecimentos com relação a sua estruturação: na primeira linha temos o **sentido da construção**, com seus papéis argumentais e suas relações semânticas com os demais elementos; na segunda linha temos o **esquema do verbo (R)** e seus papéis participantes fundidos; na última linha temos as **realizações sintáticas** dos argumentos semânticos da combinação verbo-construção. Além disso, os traços sólidos indicam que os papéis semânticos da construção devem ser fundidos com um papel do verbo, já os traços pontilhados indicam que a construção contribuirá com um complemento para a grade do verbo. Os papéis negritados, por sua vez, são os **argumentos perfilados**, i.e., as entidades da semântica do verbo que são obrigatoriamente acessadas e funcionam como pontos focais dentro da cena, assumindo certo grau de proeminência.

Como observamos, essa é a representação do que Goldberg (1995, p. 50) chama de **fusão** entre o verbo e a construção. Isto significa que, se um verbo é um membro de uma classe verbal que é convencionalmente associada com a construção, então os papéis participantes do verbo devem ser semanticamente fundidos com os papéis argumentais da construção. No intuito de evitar fusões inaceitáveis entre verbos e construções, essa integração se dá obedecendo a dois princípios:

- (i) **Princípio da Coerência Semântica:** somente papéis que são semanticamente compatíveis podem ser fundidos, ou seja, os papéis participantes devem ser instâncias dos papéis argumentais aos quais serão integrados. Por exemplo, o jogador do exemplo (1) só poderia ser integrado ao Agente, já que aquele é uma instanciação desse;
- (ii) **Princípio da Correspondência:** cada papel participante que é selecionado pelo verbo deve se fundir com um papel argumental da construção.

De igual modo pensamos, neste estudo, a semântica dos morfemas em sua interação com a construção que integram (cf. cap. 5).

Outro ponto crucial no desenvolvimento do projeto construcionista goldbergiano está no caráter das generalizações na linguagem, o que passamos a apresentar.

2.1.4 A natureza das generalizações na linguagem

A natureza das **generalizações** na linguagem - **como e porquê** as construções são aprendidas e **como** as generalizações internas à língua e entre as línguas podem interferir nessa aprendizagem - é um aspecto importante abordado por Goldberg (2006).

Nessa direção, a autora propõe uma **perspectiva não-derivacional** da gramática (GOLDBERG, 2006, p. 19-22). Assim, diferentemente das análises transformacionais ou derivacionais que assumem vários níveis de representação, abordagens construcionistas como a Gramática das Construções Cognitiva não empregam derivações para relacionar representações em diferentes níveis. Ao contrário, há apenas um nível de representação no qual sentenças são licenciadas por diferentes grupos de construções. De fato, estamos lidando com um modelo que sustenta a premissa de que “o que se vê é o que se tem/*what you see is what you get*” (GOLDBERG, 2006, p. 10). Isso quer dizer que as construções

podem se combinar livremente para formar elocuições, desde que não estejam em conflito, e que um mesmo padrão construcional pode ser preenchido por palavras diferentes, que irão contribuir para o seu significado, ou ter a ordem de alguns de seus elementos invertida sem, no entanto, alterar a construção.

Consideradas essas questões, Goldberg defende, de modo central em seu modelo, a **Hipótese da Generalização de Superfície**, segundo a qual

existem, tipicamente, generalizações sintáticas e semânticas mais amplas associadas à forma de superfície da estrutura argumental do que aquelas existentes entre a mesma forma de superfície e uma forma distinta da qual ela seja hipoteticamente derivada sintática ou semanticamente. (GOLDBERG, 2006, p. 25) ⁵

A Construção Ditransitiva do Inglês serve de exemplo à postulação da pesquisadora que, inclusive, inicia sua análise afirmando que muitas teorias gerativas e até mesmo algumas abordagens construcionistas tratam de forma derivacional as Ditransitivas (*'Mina sent Mel a book'*) e as Ditransitivas Benefactivas (*'Mina bought Mel a book'*), as quais seriam derivadas, respectivamente, da Construção Dativa com To (*'Mina sent a book to Mel'*) e da Construção Benefactiva com For (*'Mina bought a book for Mel'*) (GOLDBERG, 2006, p. 26-27).

Goldberg afirma que, além de compartilharem uma mesma forma de superfície no que se refere à estrutura argumental (Suj V Obj Obj₂), as Ditransitivas também se submetem às mesmas restrições sintáticas e semânticas: (i) a impossibilidade de submeter o argumento recipiente (Obj) à inversão de pergunta; (ii) a impossibilidade de intercalar advérbios entre os dois objetos; (iii) o *status* informacional dado e a topicalização

⁵Tradução nossa para: There are typically broader syntactic and semantic generalizations associated with a surface argument structure form than exist between the same surface form and a distinct form that it is hypothesized to be derived from. (GOLDBERG, 2006, p. 25)

preferenciais do argumento recipiente; (iv) a necessidade de o argumento recipiente portar a característica de ser animado (cf. TORRENTI, 2009, p. 61). No entanto, essas mesmas restrições não se aplicam de forma semelhante aos usos das Construções Dativa com To e/ou Benefactiva com For. Assim, dizer que dois usos linguísticos compartilham uma mesma forma de superfície não significa afirmar que sejam idênticos.

Reconhecer as generalizações de superfície que circundam as CEA é importante já que leva ao reconhecimento de generalizações na linguagem que poderiam passar despercebidas. Mas também é importante reconhecer que a significação de uma cláusula é mais do que o sentido da construção de estrutura argumental usada para expressá-la. Os verbos, assim como os argumentos participantes e os contextos devem ser fatorados na equação (GOLDBERG, 1995, p. 43-44). Constatada a força das generalizações de superfície, Goldberg passa a relacioná-las a outro aspecto fundamental para as abordagens centradas no uso, a **frequência**.

A abordagem construcionista de gramática lida tanto com generalizações mais amplas quanto com padrões mais restritos, isto quer dizer que fatos sobre o uso efetivo de expressões linguísticas e de exemplares específicos são registrados ao lado de generalizações linguísticas tradicionais. Langacker (1987, p. 494 apud GOLDBERG, 2006, p. 63) previne justamente contra o fato de generalizações e itens mais específicos estarem em competição; o autor, ao contrário, define uma abordagem baseada no uso que autoriza ambos os tipos de conhecimento:

Uma importância substancial é dada à utilização efetiva do sistema linguístico e ao conhecimento do falante sobre o uso; a gramática é responsável pelo conhecimento de toda a gama de convenções linguísticas, independentemente de estas convenções poderem ser incluídas em esferas mais gerais. [O Modelo Baseado no Uso] é um modelo não reducionista para a estrutura linguística que emprega redes esquemáticas totalmente articuladas e enfatiza a importância de

esquematisações de baixo nível. (LANGACKER, 1987, p. 494 apud GOLDBERG, 2006, p. 63)⁶

É, pois, nestes termos - assumindo a relação entre exemplares específicos e generalizações mais amplas - que a Gramática das Construções Cognitiva vai encarar o Modelo Baseado no Uso, como passamos a considerar na subseção a seguir.

2.1.4.1 A GRCC como um Modelo Baseado no Uso

Como Modelo Baseado no Uso entende-se um modelo de representação gramatical em que **o uso da linguagem determina as representações gramaticais**. A gramática de uma língua é, portanto, diretamente baseada na experiência linguística e, para Bybee (2010, p. 10), a linguagem da criança, os experimentos psicolinguísticos, as intuições dos falantes, os *corpora* linguísticos e as mudanças linguísticas são fontes viáveis de evidências sobre o impacto do uso nas representações cognitivas da linguagem.

Quando, então, a noção de construções nos termos de Goldberg é combinada com o Modelo Baseado no Uso (BYBEE, 1985, 2006, 2008, 2010; LANGACKER, 1987) o resultado é uma teoria que propõe que estruturas gramaticais são construídas através da experiência com exemplos específicos de construções, as quais são categorizadas na memória por um processo de mapeamento que faz correspondências entre sequências semelhantes e diferentes. As representações cognitivas resultantes desse processo são abstrações sobre a própria experiência acumulada com a linguagem.

⁶Tradução nossa para: Substantial importance is given to the actual use of the linguistic system and a speaker's of this use; the Grammar is held responsible for a speaker's knowledge of the full range of linguistic conventions, regardless of whether these conventions can be subsumed under more general statements. [The usage based model is] a non-reductive approach to linguistic structure that employs fully articulated schematic networks and emphasizes the importance of low-level schemas. (LANGACKER, 1987, p. 494, apud GOLDBERG, 2006, p. 63)

No entanto, Bybee (2008, p. 218) ressalta o fato de haver evidências de que o conhecimento das instâncias mais específicas da linguagem não é inteiramente perdido neste processo de abstração e, especialmente, com o reforço oriundo da repetição, instâncias específicas de construções podem ter representações na memória. Nessa visão de gramática, então, a utilização da **frequência** na determinação das estruturas cognitivas tem grande importância.

Torna-se relevante destacar, portanto, a diferença entre frequência de ocorrência (*token frequency*) e frequência de tipos (*type frequency*) nos termos de Bybee (2008, p. 218):

Frequência de ocorrência conta o número de vezes que uma unidade aparece na execução de um texto. Qualquer unidade específica, como uma consoante em particular [s], uma sílaba [ba], uma palavra *dog*, uma frase *take a break*, ou até uma sentença como *You know what I mean* pode ter uma frequência de ocorrência. **Frequência de tipo** é uma forma muito diferente de contagem. Somente padrões de linguagem tem frequência de tipo porque essa se refere à quantidade de itens diferentes que são representados pelo padrão. A frequência de tipo pode ser aplicada a sequências fonéticas (contagem de quantas palavras da língua inglesa começam com [sp] *versus* quantas palavras começam com [sf]). Isso também se aplica a padrões morfológicos, como por exemplo, combinações de raiz + afixos. Por exemplo, o padrão de passado da língua inglesa exemplificado por *know, knew; blow, blew* tem uma frequência de tipos menor que o padrão regular de adição do sufixo *-ed* (BYBEE, 2008, p. 218).⁷

Ampliando estes conceitos, Bybee (2008, p. 218-219) discute os três efeitos da frequência de ocorrência (*token frequency*), que seriam:

- (i) **Conserving Effect** - A repetição fortalece as representações na memória para as formas linguísticas e as torna mais acessíveis, o que significa dizer

⁷Tradução nossa para: **Token frequency** counts the number of times a unit appears in running text. Any specific unit, such as a particular consonant [s], a syllable [ba], a word *dog* or *the*, a phrase *take a break*, or even a sentence such as *You know what I mean* can have a token frequency. **Type frequency** is a very different sort of count. Only patterns of language have type frequency because this refers to how many distinct items are represented by the pattern. Type frequency may apply to phonotactic sequences; it would be the count of how many words of the language begin with [sp] versus how many begin with [sf]. It may apply to morphological patterns, such as stem + affix combinations. For instance, the English past tense pattern exemplified by *know, knew; blow, blew* has a lower type frequency than the regular pattern of adding the *-ed* suffix. (BYBEE, 2008, p. 218)

que um falante, ao ser requerido para soletrar palavras de sua língua, por exemplo, faz a tarefa muito mais rapidamente com palavras de alta frequência de ocorrência do que com aquelas de baixa frequência de ocorrência;

- (ii) **Autonomy** - É um caso extremo do efeito anterior; sequências são autônomas quando são frequentes o suficiente para serem aprendidas de cor e não estão associadas com as unidades que as integram, por exemplo: uma criança pode aprender a dizer *gimme* sem realizar que isso consiste em *give + me*;
- (iii) **Reducing Effect** - É um efeito observado comumente em frases como *God be with you > goodbye*; *How are you > hi*, as quais tendem a uma redução fonética.

Assim como a frequência de ocorrência/*token* se relaciona à **convencionalização** de uma construção, para Bybee (1985), a frequência de tipo/*type*, por sua vez, é o principal fator que determina o grau de **produtividade** de uma construção. Dito de outro modo, significa dizer que construções que se aplicam a um grande número de elementos distintos, também tendem a ser altamente aplicáveis a novos itens. Bybee ilustra claramente este ponto através das palavras *happy* e *happiness* do inglês. Caso *happiness* seja aprendido isoladamente, sem relação com outras palavras, o falante não infere que ali há dois morfemas. Se, em um dado momento, a palavra *happy* é aprendida, então o falante pode hipotetizar que *-ness* é um sufixo, mas somente se esse sufixo ocorrer em outros adjetivos da sua língua é que seu estatuto como sufixo vai realmente se estabelecer.

A contribuição mais relevante da frequência de tipo para a produtividade está relacionada ao fato de que, quando uma construção é experimentada com diferentes itens que ocupam uma determinada posição, isso permite a análise dessa construção, ou seja,

certo grau de frequência de tipo é necessário para se descobrir a estrutura de palavras e frases. Além disso, uma maior frequência de tipo também dá à construção uma representação mais forte, tornando-a mais disponível ou acessível para novas utilizações.

Em direção oposta ao que postula a tradição formalista, portanto, nos Modelos Baseados no Uso, os modos de expressão na comunicação é que determinam a representação gramatical na mente do falante. Em outras palavras, **a arquitetura cognitiva da gramática e do léxico se codifica no uso.**

Todos os construtos apresentados nesta seção - da Hipótese de Generalização de Superfície aos Modelos Baseados no Uso - se sustentam, de modo efetivo, em uma visão construcional do campo da Morfologia. Aliás, no que respeita aos Modelos Baseados no Uso, Bybee (1985, 2006, 2008, 2010) já situa bem este campo.

Entender a gramática em termos de categorias radiais consiste em outro fundamento da GRCC. Nessa direção, Goldberg (1995, 2006) propõe relações de motivação entre construções, que serão apresentadas adiante.

2.1.5 A relação entre construções

Na visão da GRCC, as **relações de motivação** entre construções também são reafirmadas na medida em que Goldberg (1995, 2006) relaciona o caráter radial da categorização humana à organização do falante sobre as construções de uma língua, ou seja, uma vez que o conhecimento sobre construções deve ser aprendido, ele se submete aos mesmos princípios de organização dos demais conhecimentos que o falante adquire.

Nesses termos, a Gramática é tida como uma **rede de construções organizadas radialmente** (LAKOFF, 1987; GOLDBERG, 1995) e com uma extraordinária **capacidade de reiteração** (GOLDBERG, 1995, p. 72). Essa capacidade ocorre mediante a existência de dois princípios básicos que são a **motivação** e a **herança** e que implicam

serem as construções organizadas em rede por relações de herança⁸ motivadoras de outras construções (A motiva B que, por sua vez, é herdeira de A). Esses princípios possibilitam a explicação não só de construções centrais de uma língua, mas também de construções tidas como periféricas.

Ao buscar uma plausibilidade psicológica para os fenômenos linguísticos, a Gramática das Construções Cognitiva se coloca à parte das demais abordagens construcionistas, sustentando a tese de que diferentes princípios cognitivos gerais (metáfora, metonímia, categorização, iconicidade, raciocínio, percepção figura e fundo, entre outros) servem para estruturar o inventário de construções. Nesta abordagem, a existência de construções na gramática é largamente motivada pelas propriedades da interação e cognição humana, assim como muitas facetas da gramática emergem da interação social entre os falantes.

No momento em que essas ideias chegam às construções gramaticais, a motivação é frequentemente usada para explicar o fato de construções formalmente similares serem também, com frequência, semanticamente similares. O **Princípio da Motivação Maximizada** (se considerado em relação aos demais princípios: Economia Maximizada, Expressividade Maximizada e Não Sinonímia)⁹ é, talvez, o mais influente, uma vez que vem modelar como as construções são organizadas: “se uma construção A está relacionada a uma construção B sintaticamente, então o sistema da construção A é, também, semanticamente motivado pelo sistema da construção B”¹⁰ (GOLDBERG, 1995, p.67).

⁸ Não há consenso em relação à organização dessa hierarquia de heranças, sendo que o próprio conceito de herança é um ponto importante de divergência entre as variadas abordagens construcionistas (discussão ampla apresentada por SALOMÃO, 2009, p. 51-60).

⁹ A definição detalhada desses princípios está em Goldberg (1995, p. 67-68).

¹⁰ Tradução nossa para: If construction A is related to construction B syntactically, then the system of construction A is motivated to the degree that it is related to construction B semantically. (GOLDBERG, 1995, p. 67)

Nessa perspectiva, as relações de motivação são capturadas pelos elos de herança estabelecidos entre duas construções. Tal tipo de herança é o que se define como herança *by default*¹¹, i.e., redes que se organizam radialmente, como famílias de construções, em torno de uma construção central, básica, da qual a herança se irradia.

Essa noção de herança parcial de Goldberg tem a vantagem de possibilitar exceções entre instâncias específicas de uma categoria, por exemplo, o caso do morfema *-ed* que marca a forma de passado nos verbos do inglês: de maneira geral, os verbos herdam essa informação, mas como verbos irregulares não podem receber tal morfema em suas formas de passado, pois estão em conflito com informações mais específicas, eles bloqueiam essa informação.

Goldberg, que assim como Lakoff (1987) entende a gramática como uma categoria radial, postula, então, quatro possíveis elos entre as construções (GOLDBERG, 1995, p. 74-81):

- (i) **Herança por subparte:** ocorre quando uma construção é uma subparte de outra e existe independentemente desta. É o caso, por exemplo, da Construção de Movimento (*Kim ran*) que está ligada à construção de Movimento Causado (*Kim ran Pat off the street*) por um elo deste tipo.
- (ii) **Herança por instanciiação:** quando uma construção é um caso especial de outra construção, apresentando-se como uma versão completamente especificada. Assim, o sentido particular de *drive* em *Kim drove Fred crazy*, que ocorre apenas na Construção Resultativa, está ligado por um elo de instância.

¹¹ Termo utilizado para significar que, na ausência de informação, um sistema assume um valor padrão previamente estabelecido.

- (iii) **Herança por extensão metafórica:** neste caso, uma construção representa uma extensão metafórica particular de outra. Essa seria a motivação de Construções Superlativas do tipo *Ela rolou de rir do irmão* (COSTA, 2010).
- (iv) **Herança por polissemia:** entende-se que uma construção estende o significado da construção-mãe. É o caso da Construção Ditransitiva do Inglês (*X causes Y to receive Z*; como em *Joe gave Sally the Ball*) e as extensões desse sentido (*X causes Y not to receive Z*, como em *Joe refused Bob a cookie*).

A visão construcionista reflete, portanto, a ideia geral de que um grupo de construções não é constituído por entidades independentes e que exibem padrões de organização irregulares; ao contrário, representam “um grupo altamente estruturado de informações inter-relacionadas” que “exibem estruturas de protótipos e formam redes de associações” (GOLDBERG, 1995, p. 5)¹².

Embora tais relações entre construções tenham um significado teórico indiscutível dentro do modelo goldbergiano, a tipologia proposta apresenta algumas ambiguidades efetivas. Miranda (2012, cf. anotações de aula)¹³ pontua, como uma das questões, o fato de a herança metafórica e polissêmica se sobreporem em casos de construções metafóricas, uma vez que tais construções são casos de polissemia. Exemplos disso são construções com o lexema *morrer* (SAMPAIO, 2007; COSTA, 2010): *morrer de câncer/ morrer de rir*. No exemplo “morrer de rir”, temos uma construção metafórica (Herança Metafórica) em que “morrer” atua como um Operador de Intensidade ou Modificador de Grau. Ao mesmo tempo, entende-se que tal construção estende o significado da construção-mãe (como no exemplo “morrer de câncer”), o que configura uma Herança por Polissemia. Para Miranda, a questão decorre do fato de termos, na tipologia proposta,

¹²Tradução nossa para: (...) highly structured lattice of interrelated information (...) display prototype structures and form networks of associations (...). (GOLDBERG, 1995, p. 5)

¹³ Anotações referentes à disciplina Tópicos Avançados em Gramática das Construções II.

categorias de níveis distintos; enquanto a polissemia é um fenômeno de superfície, resultante de processamentos cognitivos, a metáfora, uma projeção figurativa, é exatamente um destes processos cognitivos que opera na expansão dos sentidos.

2.1.6 Avanços e questões em relação ao desenvolvimento do modelo construcionista

A Gramática das Construções Cognitiva se destaca por alguns pontos importantes, tais como o papel central de construções entendidas como signos (pareamentos de forma e modos de significação semântico-pragmática) com níveis de esquematicidade distintos; a ideia de que a arquitetura da linguagem é não-modular e não-derivacional; a concepção da gramática como uma rede construcional; a postulação de relação de herança e motivação entre construções e a ideia de um *continuum* que vai de construções periféricas a padrões previsíveis.

Como qualquer outro modelo teórico, a proposta de Goldberg (1995, 2006) também apresenta vantagens e desvantagens que foram elencadas por Salomão (2009, p. 55-56). Uma concepção consistente de **gramática como signo** (pareamento de forma e modos de significação) e o **tratamento cognitivista para categorias linguísticas organizadas radialmente** são os “atrativos” do modelo para a autora. Dentre os problemas levantados, Salomão destaca a ausência de uma formalização nas representações, a não explicitação da noção de *frame* e a restrição das análises às construções de estrutura argumental.

Boas (2013) também faz questionamentos com relação ao modelo goldbergiano no que se refere à formalização limitada das representações. Ele argumenta que a proposta não estipula formalizações rígidas para as construções uma vez que visa representar o conhecimento linguístico de uma maneira que possa se conectar por meio de interface com teorias do processamento, aquisição e mudança histórica (GOLDBERG, 2006, p.

215). Para Boas (2013), a formalização neste modelo é mínima, priorizando o uso de diagramas em boxes para representar construções de estrutura argumental, juntamente com restrições em prosa, as quais especificam as condições semânticas e pragmáticas sob as quais a construção pode se fundir com o verbo (cf. Quadro 1). Além disso, Boas sugere, assim como Salomão (2009), uma atenção especial à descrição do *frame* do verbo, que deveria ser tomado como uma miniconstrução e não simplesmente visto como um item subordinado à construção.

Ao mesmo tempo em que as abordagens construcionistas compartilham um grande número de conceitos e princípios gerais, elas também divergem em vários pontos, entendendo a plausibilidade psicológica, o papel da motivação e a importância de formalizações rígidas (ou sua falta) de maneira distinta. Embora essas diferenças pareçam significativas, Boas (2013) ressalta o fato de que essas diferentes abordagens não apresentam nenhuma contradição inerente e sistemática no que se refere aos princípios de linguagem. O que os pesquisadores têm feito é simplesmente diferir no que veem como importante de um dado aspecto da organização construcional. É esta postura que motiva nossa escolha por alguns fundamentos do modelo goldbergiano, que vêm se mostrando eficientes para nossos encaminhamentos analíticos no campo da Morfologia:

- (i) a postulação de itens lexicais, maiores ou menores que a palavra, como construções entendidas como pares de forma e modos de significação semântica e pragmática nos termos da GRCC;
- (ii) a afirmação da continuidade essencial entre léxico e gramática, semântica e pragmática;
- (iii) a interação da semântica dos morfemas com a semântica da construção que integram - do mesmo modo que se estabelece a fusão da semântica do verbo com a semântica da construção nas Construções de Estrutura Argumental;

- (iv) a constatação da relação entre exemplares específicos e generalizações mais amplas;
- (v) a adoção dos Modelos Baseados no Uso em suas implicações quanto às noções de frequência de tipo e de ocorrência para demarcar o grau de produtividade e convencionalização da construção.

Ao assumirmos, portanto, este modelo em nosso trabalho, contamos com suas vantagens, mas precisamos também transpor as dificuldades colocadas por suas desvantagens - principalmente as questões referentes ao (i) tratamento semântico no que respeita à imprecisão goldbergiana no trato do conceito de *frame* e (ii) à notação mais formal das construções. O caminho encontrado neste estudo para o enfretamento de tais restrições está nas postulações advindas da Semântica de *Frames* e do *Constructicon* (FILLMORE, et al., 2012) (cf. seções 2.2 e 2.3).

É o que passamos a apresentar nas seções subsequentes.

2.2 A Semântica de *Frames*

Nesta seção, apresentamos a abordagem teórica da Semântica de *Frames* - os conceitos básicos que têm relevância e aplicação na análise a ser empreendida e a importância dessa teoria semântica para as análises construcionistas em geral.

2.2.1 Semântica de *Frames*: conceitos básicos

A Semântica de *Frames*, desenvolvida por Fillmore e colaboradores nos últimos quarenta anos, aproximadamente (1975, 1977a, 1977b, 1982, 1985, entre outros), tem por pressuposto central que a significação das palavras deve ser descrita com base em *frames*

semânticos, entendidos como representações esquemáticas da estrutura conceptual e de padrões de crenças, práticas, instituições, imagens, dentre outros, que fornecem fundamentação para uma interação significativa em uma dada comunidade de falantes (FILLMORE et al., 2003, p. 235). Nesse sentido, a Semântica de *Frames* é um programa de pesquisa empírica que dá ênfase à continuidade entre linguagem e experiência, tendo em vista que, neste paradigma, **uma palavra representa uma categoria de experiência**.

Segundo Fillmore (1982, p. 111),

com o termo *frame* tenho em mente qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura na qual se enquadram; quando um dos elementos dessa estrutura é introduzido em um texto, ou em uma conversa, todos os outros elementos serão disponibilizados automaticamente. (FILLMORE, 1982, p. 111)¹⁴

Assim, a noção de *frame* a que temos acesso hoje está relacionada com a concepção introdutória de *frame de caso*¹⁵, “que caracterizava uma pequena ‘cena’ ou ‘situação abstrata’, de modo que, para entender a estrutura semântica do verbo, era necessário entender as propriedades da esquematização dessas cenas”¹⁶ (FILLMORE, 1982, p. 115).

O exemplo clássico usado por Fillmore (1982) para ilustrar a concepção de *frame* é a cena de transação comercial. O objetivo ao descrevê-la era mostrar que um grupo bastante extenso de verbos do inglês poderia evocar essa mesma cena de ‘evento comercial’. Os elementos desse esquema incluem uma pessoa interessada em trocar

¹⁴Tradução nossa para: [...] By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in such a structure is introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available. (FILLMORE, 1982, p. 111)

¹⁵ A noção de ‘*case frames*’ foi introduzida por Fillmore em 1968 no texto ‘*The case for case*’, em que o autor define papéis semânticos, como **Agente**, **Paciente** e **Instrumento** (**João** quebrou a **janela**; **João** quebrou a **janela** com a **pedra**; A **pedra** quebrou a **janela**).

¹⁶Tradução nossa para: [...] in particular, I thought of each case frame as characterizing a small abstract ‘scene’ or ‘situation’, so that to understand the semantic structure of the verb it was necessary to understand the properties of such schematized scenes. (FILLMORE, 1982, p. 115)

mercadorias por dinheiro - o vendedor; e o comprador, que entrega o dinheiro ao vendedor em troca de mercadorias. Um evento comercial prototípico envolve, portanto, todos esses elementos - um comprador, um vendedor, mercadorias e dinheiro. No entanto, qualquer sentença que o falante constrói para falar sobre esse evento de transação comercial depende da adoção de uma determinada perspectiva sobre esse mesmo evento, por exemplo, *comprar* (1) enfoca as ações do comprador com relação às mercadorias (*Joaquim comprou uma casa*), deixando em segundo plano o vendedor e o dinheiro; já o verbo *vender* (2) enfoca as ações do vendedor com relação às mercadorias (*Joaquim vendeu a casa*), deixando em segundo plano o comprador e o dinheiro; o verbo *pagar* (3), por sua vez, focaliza o comprador tanto com relação ao dinheiro quanto com relação ao vendedor (*Joaquim pagou 100 mil a Francisco*), deixando em segundo plano as mercadorias.

De fato, a intenção de Fillmore ao dar esse exemplo da cena de ‘evento comercial’ foi argumentar que um falante qualquer não é capaz de entender os significados desses verbos sem que conheça os detalhes da “cena que propiciou o contexto ou a motivação das categorias que tais palavras representam”¹⁷ (FILLMORE, 1982, p. 116-117).

É, portanto, por esse motivo (cf. subseção 2.2.3) que a Gramática das Construções Cognitiva se conecta à Semântica de *Frames*: os *frames* se apresentam como uma das principais fontes de informação semântica da cena evocada por uma construção cujos papéis são postulados de acordo com o *frame* evocado pela estrutura gramatical da construção (GOLDBERG, 2006).

Além da noção de **perspectiva** - diferentes palavras assumem diferentes perspectivas ou esquematizações, enquadres (*framings*) da mesma cena - a **prototipia**

¹⁷Tradução nossa para: [...] Again, the point of the description was to argue that nobody could be said to know the meanings of these verbs who did not know the details of the kind of scene which provided the background and motivation for the categories which these words represent. (FILLMORE, 1982, p. 116-117)

também é um conceito relevante para a Semântica de *Frames* ao permitir que a complexidade da conexão entre os usos de determinada palavra e as situações de mundo sejam atribuídas ao protótipo do *frame* contextual em vez de atribuí-las aos detalhes do significado da palavra. Assim, a palavra *órfão*, usada como exemplo por Fillmore (1982) pode ser definida como uma criança cujos pais não estão mais vivos e, então, passamos a entender essa categoria dentro de um determinado contexto: crianças, até uma certa idade, dependem de seus pais para que lhes seja garantido educação, saúde, segurança e afeto. A palavra *órfão*, no entanto, não traz em si nenhuma informação que nos impeça de classificar um jovem de 20 anos que não tem pais como um órfão, mas pressupõe-se que esse tem condições de se cuidar sozinho e, então, não é considerado um órfão. É, portanto, essa informação contextual que determina o fato de não ser adequado usar a palavra *órfão* para este jovem, e não uma informação que já está incorporada ao significado da palavra. Na situação prototípica, um órfão é aquele que ainda inspira cuidados, e esse exemplo nos leva a crer que **uma categoria tem que ser ajustada a um contexto de instituições e de práticas** (FILLMORE, 1982).

2.2.2 O projeto lexicográfico *FrameNet*

A contribuição mais substantiva da Semântica de *Frames* para o campo da lexicografia é a *FrameNet*, que se constitui como um projeto lexicográfico computacional, coordenado por Charles J. Fillmore e Collin F. Baker no *International Computer Science Institute* (ICSI), em Berkeley, na Califórnia, com o intuito de identificar e descrever *frames* semânticos. O resultado deste trabalho é um site (<<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>>) que possibilita uma pesquisa eletrônica baseada nesses *frames*. No Brasil, uma parceria entre o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora e a *FrameNet* resultou no Projeto *FrameNet* Brasil

(<http://www.ufjf.br/framenetbr/>), cujo objetivo é o de desenvolver, com base na Semântica de *Frames* e na Gramática das Construções, recursos lexicais e sintáticos para o Português Brasileiro, os quais sejam acessíveis *online* e possam ser utilizados no desenvolvimento de soluções em Linguística Computacional e Processamento de Linguagem Natural.

Além de identificar e descrever *frames*, a *FrameNet* analisa a significação de palavras e avalia a correspondência forma sintática/propriedades semânticas das palavras, o que configura a chamada **valência** - entendida como a necessidade de uma palavra se combinar com sintagmas particulares em uma sentença. Assim, o objetivo central do projeto é extrair, a partir de *corpora* eletrônicos, informações acerca dessa ligação entre propriedades sintáticas e semânticas das palavras do inglês, valendo-se de procedimentos manuais e automáticos e apresentando tal informação de maneira variada em anotações disponibilizadas via *web* (FILLMORE, et al., 2003), além de estabelecer relações entre os *frames*, que constituem uma rede conceptual inter-relacionada.

As unidades básicas na *FrameNet* são o **frame** e a **unidade lexical** (UL) – entendida como um “pareamento de uma palavra com um sentido”¹⁸ (FILLMORE, et al., 2003, p. 235). Os sentidos distintos atribuídos a uma mesma palavra correspondem aos diferentes *frames* semânticos dos quais a palavra pode participar. Desse modo, quando o sentido de uma palavra é baseado em um *frame* particular, diz-se que tal palavra, como uma UL, evoca o *frame*: a palavra ‘*quente*’, por exemplo, pode evocar o *frame* de Escala_térmica (*A panela está quente demais para pegar*) em determinados contextos e, em outros, o *frame* de Experiência_do_paladar (*Esse acarajé está quente ou frio?*)¹⁹.

¹⁸Tradução nossa para: [...] defined as a pairing of a word with a sense [...]. (FILLMORE et al., 2003, p. 235)

¹⁹ Na Bahia, o uso do vocábulo *quente* para se referir a algum alimento tem a ver com o fato de ele ser apimentado (quente) ou não (frio).

Assim, interpretar uma sentença que contenha tais palavras requer suposições sobre qual *frame* é relevante em um dado contexto.

Na *FrameNet*, as possibilidades da valência semântica de uma palavra são expressas em termos das entidades que podem participar de um dado *frame*. São os Elementos do *Frame/frame elements* (EF) que evidenciam essas propriedades de valência, sendo classificados na perspectiva de quão centrais eles são na cena evocada, distinguindo-se em Nucleares, Periféricos ou Extra Temáticos.

O **elemento nuclear** é aquele que instancia a conceptualização dos componentes necessários do *frame*, aqueles que marcam sua exclusividade e o diferencia dos demais *frames*. Por exemplo, no *frame* Vingança, são nucleares os EFs Punição, Vingador e Vingado, já que em um evento de ‘vingar’ estes elementos são necessários. Os **elementos periféricos** são aqueles que introduzem informações adicionais ao evento principal; marcam noções como Tempo, Espaço, Modo, Grau, Classe, etc. Estes podem ser instanciados em qualquer *frame* semanticamente apropriado, mas sua interpretação vai variar de acordo com as especificidades de cada *frame*. Já os **elementos extra temáticos** não possuem um *frame* específico de entendimento. Esses elementos não fazem parte conceptualmente dos *frames* em que aparecem e não precisam ser evocados por um léxico material, podendo ser simplesmente evocados construcionalmente. São exemplos de EFs extra temáticos: Causa, Resultado, Razão, Iteração (FILLMORE, et al., 2003).

Uma vez que os Elementos de *Frame* centrais são imprescindíveis para a caracterização do *frame*, a abordagem da *FrameNet* também prevê uma solução para casos em que algum elemento nuclear não apareça numa instanciação da UL evocadora do *frame*. Nessas situações é indicada a ausência do EF, chamada **Instanciação Nula** (RUPPENHOFER et al., 2010, p. 24-26). Isso quer dizer que o elemento ausente tem uma instanciação conceptual, pois pode ser inferido pela cena. As Instanciações Nulas podem

ser de três tipos: Instanciação Nula Definida (IND), Instanciação Nula Indefinida (INI) e Instanciação Nula Construcional (INC).

A Instanciação Nula Definida (IND) são casos em que os elementos podem ser recuperados anaforicamente pelo contexto. Por exemplo, o *frame* Hiding_objects (Esconder_objetos) tem como EFs nucleares: Agente, Objeto_escondido e Local_do_esconderijo. Assim, se em: “João *escondeu* seu carrinho novo”, se o local puder ser depreendido pelo contexto, é entendido como IND e é marcado da seguinte forma:

(2) João *escondeu* seu carrinho novo. [IND Local_do_esconderijo]

Na Instanciação Nula Indefinida (INI) a natureza do Elemento de *Frame* ausente é compreendida por meio de convenções interpretativas e não há a necessidade de se recorrer ao contexto. Os casos mais comuns são INIs para Objetos de verbos como *comer*, *beber*, *costurar*. No *frame* Attaching (Conexão), representado pelo exemplo (3) adiante, o Agente (Ela), Item (um botão) e Alvo (no casaco) estão presentes. No entanto, o conector utilizado não é lexicalizado. É, entretanto, depreensível que seja uma agulha, mesmo que possa ter sido uma cola, por exemplo. Neste caso, a marcação recebida para o Conector, que é um elemento nuclear, é de uma Instanciação Nula Indefinida.

(3) Ela *pregou* um botão no casaco. [INI Conector]

A Instanciação Nula Construcional (INC), por sua vez, compreende os casos em que a omissão de um EF central se deve a uma imposição estrutural. Para casos de Objetos omitidos construcionalmente, Ruppenhofer et al. (2010, p. 26) apontam que gêneros

textuais particulares também podem licenciar a omissão de Objetos. O exemplo dado abaixo advém de receitas culinárias, nas quais é permitida uma sentença como:

(4) *Cozinhe* em fogo brando até ficar pronto. [INC Comida]

Ao utilizar *frames* e EFs para descrever a valência dos predicadores, a *FrameNet* caracteriza todas as propriedades importantes em relação à função de um EF. Isso significa que o nome do Elemento de *Frame* particular serve para um propósito mnemônico e associativo, isto quer dizer que, diferentemente de abordagens que utilizam os chamados papéis semânticos, na *FrameNet* os elementos de *frame* são **microtemáticos**, se referem a cada *frame* especificamente, caracterizando uma **semântica não reducionista** (cf. subseção 2.2.3).

A título de exemplo (FILLMORE et al., 2003, p. 237-238), o verbo ‘give’, em inglês, no sentido de transferência, pode ocorrer em dois padrões básicos:

- (i) The teacher **gave** the student a book.
- (ii) The teacher **gave** a book to the student.

Os constituintes de ambas as sentenças podem ser entendidos em termos das funções semânticas e gramaticais que desempenham em virtude do verbo. As funções semânticas são caracterizadas pelos EFs do *frame* Transfer (Transferência), evocado por *give*, que são Donor (Doador), Theme (Tema) e Recipient (Destinatário). Em termos sintáticos, dois níveis são anotados: Tipos de Sintagmas (TS) e Funções Gramaticais (FG) que os EFs vão assumir, em quadros de anotações como ilustramos a seguir:

(i) The teacher **GAVE** the student a book

CamadaPalavra - Alvo	The teacher	GAVE	the student	a book
Camada EF	Donor		Recipient	Theme
Camada FG	Ext		Dep	Obj
Camada TS	SN		SN	SN

Tabela 2: Níveis de anotação da UL *give* em ‘The teacher **gave** the student a book’

(ii) The teacher **GAVE** a book to the student

CamadaPalavra - Alvo	The teacher	GAVE	a book	to the student
Camada EF	Donor		Theme	Recipient
Camada FG	Ext		Obj	Dep
Camada TS	SN		SN	SP

Tabela 3: Níveis de anotação da UL *give* em ‘The teacher **gave** a book to the student’

Na camada superior, está anotada a sentença onde se encontra a *palavra alvo*, grifada em caixa alta, fundo preto e fonte branca. Os demais constituintes da sentença estão etiquetados na camada abaixo (camada EF), diferenciados por cores para facilitar a análise. Nesta camada, tanto os EFs nucleares como os periféricos são anotados. Na camada FG, são anotadas as funções gramaticais dos EFs que, no caso em questão, atuam como Externo, Objeto e Dependente. Inclui-se na categoria de Dependente tudo aquilo que não pertence às outras duas categorias. Por fim, a camada TS identifica os tipos sintagmáticos dos EFs.

Um dos principais objetivos da *FrameNet* é, pois, identificar esse tripé, que forma os padrões de valência (*valence patterns*) para verbos, nomes, adjetivos, advérbios e preposições, além de anotar citações de *corpora* que mostrem como tais padrões de valência são instanciados em sentenças reais.

2.2.3 Semântica de *Frames* e Gramática das Construções: compatibilidades e complementaridade

Fillmore, em seus textos iniciais sobre *frames*, além de defini-los como organizadores da experiência e ferramentas para a compreensão, antecipa discussões posteriores (GOLDBERG, 1995, 2006; FILLMORE et al., 2012) de que devemos também vê-los como **ferramentas para a descrição e explicação do significado lexical e gramatical**. Isso significa que podemos vislumbrar uma compatibilidade e complementariedade entre a Gramática das Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006) e a Semântica de *Frames* por ambas as teorias implicarem a relação entre informação gramatical e informação semântica na linguagem. Assim, sendo a inserção da informação sintática e lexical essenciais para a definição da valência nos *frames* semânticos (cf. subseção 2.2.2) e sendo a informação semântica parte integrante de um padrão construcional, a Semântica de *Frames* pode ser vista como um importante construto para a Gramática das Construções Cognitiva, como um modelo de semântica pertinente para a definição da semântica construcional e do(s) elemento(s) que compõe(m) uma construção.

Em relação ao “sentido construcional”, cabe lembrar que construções gramaticais (sintáticas, lexicais ou mórficas) são evocadoras de um sentido próprio - independente de instanciações lexicais específicas (cf. LAKOFF, 1987, p. 462-584; FILLMORE; KAY;

O’CONNOR, 1988; GOLDBERG, 1995, 2006; dentre outros), o que faz com que tais estruturas figurem no cerne da análise semântica, juntamente com palavras do “léxico convencional”. Isso significa dizer que, da mesma forma como os verbos ou palavras em geral são definidos em relação a *frames*, assim também se pode pensar que construções de todos os níveis - as de estrutura argumental, por exemplo - invoquem *frames* que designam tipos de eventos fundamentais à experiência humana (PETRUCK, 1996).

A robustez teórica da Semântica de *Frames* e sua relação de complementariedade com a GRC fazem com que Goldberg (1995, p. 24-66) reconheça tal modelo como o aporte semântico mais pertinente à teoria de gramática que desenvolve. Assim, a linguista já tem em conta o *frame* evocado pela semântica do verbo de determinada CEA, postulando seus papéis participantes em fusão com os papéis argumentais definidos pela construção. Tal postulação leva Croft e Cruse (2004, p. 272) a reconhecerem o modelo goldberiano de Gramática das Construções como não reducionista em termos semânticos, ressaltando que “o evento complexo ou a situação [evocada pela construção] é tratada como unidade primitiva de representação semântica e as definições dos papéis nos eventos são derivadas da situação como um todo”²⁰.

O trabalho de Goldberg (1995, 2006) é, sem dúvida, uma importante amostra do elo que se deve fazer entre a Semântica de *Frames* e as construções gramaticais, demonstrando a relevância dos *frames* para a postulação de padrões gramaticais. Goldberg, no entanto, apenas aponta essa relevância, mas não a realiza em profundidade (cf. subseção 2.1.6). Nessa direção, contudo, a proposta de Fillmore e colaboradores sobre o *Constructicon* representa um avanço mais significativo, incluindo a possibilidade mais

²⁰Tradução nossa para: [...] the complex event or situation is treated as the primitive unit of semantic representation, and the definitions of the roles in the events are derived from the situation as a whole. (CROFT; CRUSE, 2004, p. 272)

clara de anotação e formalização não só de construções sintáticas, como também de transferência de aplicações no nível de construções lexicais e mórficas.

2.3 O Projeto *Constructicon*

Nesta seção abordaremos brevemente os objetivos e métodos adotados pelo *Constructicon* – um projeto linguístico-computacional em desenvolvimento desde 2006 sob a liderança inicial de Charles Fillmore, Russell Lee-Goldman e Russell Rhodes (UC – Berkeley, USA). Este projeto visa reconhecer, catalogar e descrever as características semânticas e gramaticais de construções da língua inglesa usando, para isso, as ferramentas desenvolvidas pela *FrameNet* (cf. subseção 2.2.2). O *Constructicon*, segundo seus idealizadores, deve favorecer o desenvolvimento de pedagogias da linguagem, além de auxiliar em pesquisas relacionadas com o Processamento de Linguagem Natural.

2.3.1 A anotação construcional

O *Constructicon*, seguindo a terminologia da SBCG²¹, entende construções como regras que licenciam signos linguísticos novos com base em outros signos da mesma natureza. Portanto, de acordo com essa perspectiva, os padrões construcionais são capazes de licenciar estruturas gramaticais simples ou complexas denominadas **construtos** (*constructs*), que podem ser formalmente descritas em termos de uma Matriz de Valores

²¹ A SBCG (*Sign-Based Constructicon Grammar*) é a extensão formal do empreendimento construcionista. Como todo empreendimento formal no âmbito dos estudos da linguagem, a SBCG é extremamente complexa e dados os objetivos estabelecidos para este trabalho, só nos interessa o modo como as construções são anotadas por este modelo - e não discutir seus fundamentos -, o que será suficiente para possibilitar a proposta de formalização para a construção em foco. (BOAS; SAG, 2010)

de Atributos²² ou apresentadas informalmente, em prosa (FILLMORE, GOLDMAN, RHODES, 2012, p. 9). A anotação, no entanto, deve ser dos construtos, isto é, deve capturar as propriedades de um construto particular em relação a uma construção particular que o licencia.

O corpo principal e final do projeto *Constructicon* consistirá, portanto, em exibir as propriedades de fenômenos construcionais em um formato abreviado, ao lado de uma amostra representativa de sentenças anotadas do Inglês para exibir as propriedades de cada construção. O procedimento de anotação segue o método de identificação e etiquetagem de frases originariamente desenvolvidas pela *FrameNet* (cf. subseção 2.2.2) de forma adaptada que permitem:

- (i) identificar o trecho da língua que instancia a construção, definindo-o como alvo da anotação, e bloquear (do restante do discurso) o construto por ela licenciado;
- (ii) identificar os segmentos que equivalem aos Elementos Construcionais, internos ao construto;
- (iii) identificar Elementos Contextuais, cujas propriedades são requeridas ou selecionadas por uma dada instância de construção.

As formalizações seguem, a princípio, os seguintes parâmetros:

- (i) as chaves { } marcam a construção e
- (ii) os colchetes [] marcam os elementos da construção (EC);

²² Na perspectiva da SBCG, as construções descrevem combinações de signos, ou construtos. Uma construção descreve apenas o signo-mãe de um construto e esse signo-mãe não tem filhas; ele possuiu um traço *filhas*. Nessa proposta de formalização, o traço MÃE é usado para especificar o signo que é construído em um dado construto; o valor de MÃE é um signo. O traço FILHA especifica os signos mais básicos que devem ser licenciados para que a mãe possa existir, de modo que seu valor é uma lista de signos. (BOAS; SAG, 2010)

- (iii) os constituintes são identificados por designações mnemônicas: Mãe e Filhas e
- (iv) a construção recebe um nome mnemônico.

Assim, a representação de uma construção composta por dois signos é esquematizada por: $\{^M [^{F1} \text{sign}_1] [^{F2} \text{sign}_2] \}$. Isso significa que para cada construção, a entrada no *Constructicon* incluirá (FILLMORE et al., 2012, p. 16-17) uma fórmula no modelo apresentado acima.

A Construção Rate-cost-time (FILLMORE et al., 2012, p. 17), por exemplo, recebeu a seguinte formulação (do mais geral para o específico):

$$(5) \{^M [^{F1} \text{signo}_1] [^{F2} \text{signo}_2]\}$$

$$\{\text{Rate_cost_time} [^{\text{Numerador}} \text{signo}_1] [^{\text{Denominador}} \text{signo}_2]\}$$

$$\{\text{Proporção_custo_por_tempo} [^{\text{Numerador}} \text{quarenta reais}] [^{\text{Denominador}} \text{uma hora}]\}$$

Para a configuração de um construto, outras convenções notacionais ainda se fazem necessárias, quais sejam:

- (i) descrição informal das propriedades da constituinte Mãe;
- (ii) descrição informal das propriedades das constituintes Filhas;
- (iii) interpretação de como interagem as propriedades das Filhas de modo a produzir as características do signo resultante em termos de suas dimensões sintáticas, semânticas, pragmáticas e de conexão contextual (cf. Quadros 2 e 3).

O *Constructicon*, até 2012, havia identificado somente alguns tipos de construções do Inglês, listadas por Fillmore et al. (2012, p. 12-16), como as Construções que introduzem *frame* (Frame-bearing Constructions), Construções que aumentam a valência de uma UL (Valence-augmenting Constructions), Construções de ‘enchimento’ (Pumping Constructions), dentre outras²³. Dentre os padrões construcionais descritos, neste trabalho privilegiaremos aqueles que mantêm uma proximidade com a Construção Prefixal de Modificação de Grau em foco neste estudo – as Construções de Grau. A partir dessas construções, serão explicitadas as convenções notacionais - usadas na análise empreendida no capítulo 5 - que compõem o esquema de representação de cada construto.

2.3.2 As Construções de Grau

Conforme já explicitado, é especialmente relevante para análise a ser desenvolvida neste trabalho a descrição feita por Fillmore et al. (2012) das Construções de Grau, que serão apresentadas a seguir.

As Construções de Grau são capazes de modificar o grau de um adjetivo escalar de várias maneiras, conforme ilustrado por Salomão (2011, cf. anotações de aula)²⁴:

(6) Aqui está muito quente. Aqui está quentíssimo. Aqui está quente demais.

(Modificação em uma escala)

²³ O Construction da *FrameNet* Brasil (<<http://200.131.61.179/maestro/index.php/fnbr/report/constructions?db=fnbrasil>>) catalogou, até o momento, as seguintes construções: Adjuntiva final infinitiva, Aspectual iterativa dar, Cláusula absoluta, Dativo com infinitivo, Gap de adjunto, Gap de objeto, Gap de sujeito, Modal deôntica ser, Modal epistêmica dar, Propósito qualificado, Quantificação binominal indefinida, Tempo iminente estar, Volitiva.

²⁴ Anotações referentes à disciplina Tópicos Avançados em Gramática das Construções I.

(7) Aqui está quente demais para ver o jogo.

(Modificação de excesso / Modal de Impossibilidade)

(8) Aqui está tão quente que eu vou sair.

(Modificação de suficiência / Modal de Possibilidade)

(9) Aqui está menos quente que lá fora.

(Modificação comparativa)

(10) Aqui está tão quente quanto lá fora.

(Modificação comparativa)

Todas as construções representadas pelos exemplos anteriores envolvem uma **Propriedade Escalar**, expressa pelo Adjetivo, e um **Valor de Referência** explícito (exemplos 7, 8, 9 e 10) ou implícito (exemplo 6). Independente da estrutura argumental do Adjetivo, o **Modificador de Grau** tem sua valência própria, podendo ser zero, como no exemplo (6), ou outro argumento, como nos demais exemplos (cf. grifos) (cf. PIRES, 2013, p. 61). É importante ressaltar que, embora as Construções de Grau possam ter como núcleo graduável também Advérbios (e mesmo Verbos, como veremos em nossas análises da Construção Prefixal de Modificação de Grau, cf. capítulo 5), as descrições propostas em Fillmore et al. (2012) se limitam à escala promovida por Adjetivos.

O construto proposto por Fillmore et al. (2012, p. 26) - apresentado informalmente, isto é, em prosa - para a Construção de Modificação de Grau é o seguinte:

$$\{ \text{Modificação de grau} \left[\text{Modificador de grau} \text{ signo}_1 \right]_{F1} \left[\text{Adjetivo} \text{ signo}_2 \right]_{F2} \}_M$$

Nome	Modificação de Grau
M	Sintagma Adjetivo que combina as valências de F1 e F2
F1	Modificador de Grau, que pode ter sua própria valência
F2	Adjetivo, com sua própria valência, sem modificação de grau
Interpretação	Estabelece-se o Valor em uma Escala com relação a um Valor de Referência, que pode ser explicitado pelo Modificador de Grau

Quadro 2: Construto 1 – descrição informal da Construção de Modificação de Grau

Conforme observamos no Quadro 2 acima, a Construção-Mãe é um Sintagma Adjetival estruturado internamente pelas duas Filhas (F1 e F2): o Modificador de Grau (que é o Elemento Evocador da Construção) com sua valência F1 e o Adjetivo (F2). A primeira Filha (F1) é representada por uma classe de palavras com valência própria (*muito, pouco, mais...que, tão...como, tanto...quanto, menos...que*), já a segunda Filha (F2) é um Adjetivo sem modificação de grau e que também pode possuir complemento ou valência própria. As valências de F1 e F2 são combinadas para formar a valência da Construção-Mãe. A função de F1 é modificar o grau da propriedade escalar expressa por F2, ao passo que o valor dessa modificação é estipulado com relação ao valor escalar do padrão de comparação (valência da Construção-Mãe). Os exemplos adiante ilustram, respectivamente, uma Construção de Modificação de Grau em uma Escala e uma Construção de Modificação de Grau Comparativa (cf. PIRES, 2013, p. 62):

(11) Aqui está $\{ \text{Modificação de Grau em uma escala} \left[\text{Modificador de Grau} \text{ muito} \right]_{F1} \left[\text{Adjetivo} \text{ quente} \right]_{F2} \}_M$

(12) Parece agora estar $\{ \text{Modificação Comparativa} \left[\text{Modificador} \text{ tão} \right]_{F1} \left[\text{Adjetivo} \text{ cansado} \right]_{F2} \}_M \left[\text{Referente} \text{ quanto eu} \right].$

Para a efetivação de gradação de instâncias de construções de diferentes naturezas, como as exemplificadas em (11) e (12), o *Constructicon* prevê a justaposição de duas construções: a Construção de Modificação de Grau e a Construção de Realização da Qualificação de Grau, cujo construto proposto é assim formalizado (FILLMORE et al., 2012, p. 29):

$$\{SX [Escopo\ signo_1]_{F1} [Qualificador\ de\ Grau\ signo_2]_{F2}\}_M$$

Nome	Realização da Qualificação de Grau
M	SX, identificado com F1
F1	SX, contendo o Marcador de Grau (<i>mais, menos, tão, tanto...</i>), determina o escopo da Modificação de Grau, estabelecida pelo Marcador de Grau
F2	Qualificador de Grau: <i>quanto X(do) que X</i> (para as Comparativas), <i>para Infinitivo</i> (para as Construções de Excesso ou de Suficiência), dentre outros.
Interpretação	O escopo da Modificação de Grau*, estabelecida pelo Qualificador de Grau, inclui a significação completa de F1.
*A Modificação de Grau com Qualificador abrange o Marcador, a Escala (expressa pelo Adjetivo ou pelo Advérbio) e o próprio Qualificador de Grau.	

Quadro 3: Construto 2 – descrição informal da Construção de Realização da Qualificação de Grau

$$(13) \text{ Ele é } \{ [Escopo\ \textbf{[mais]} [pesado]]_{F1} [Qualificador\ de\ Grau\ \textbf{do que minha mãe}]_{F2} \}_M$$

Ancorados em tais construtos, e também na proposta de interface entre Morfologia e Gramática das Construções apresentada a seguir, iremos propor a formalização da nossa construção - a **Construção Prefixal de Modificação de Grau** (cf. capítulo 5).

2.4 A articulação entre Morfologia e Gramática das Construções

A sustentação, pela GRCC, do princípio da continuidade essencial entre Léxico e Gramática foi apresentada nas seções anteriores (cf. subseções 2.1.1 e 2.1.2). De maneira ampla, isso significa que o tratamento construcional se estende a todas as unidades da língua, sejam elas sintáticas, lexicais, mórficas ou mesmo discursivas. A tradição construcionista vem, no entanto, focalizando estudos, especialmente, em torno de construções sintáticas, o que leva à escassez de trabalhos que tratam das construções morfológicas. Nessa seção, lançando mão dos trabalhos de Rhodes (1992) e Booij (2010) acerca da Morfologia Construcional, buscaremos estender o escopo teórico da Gramática das Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006), dando a construções mórficas o mesmo tratamento conferido a construções sintáticas.

Rhodes (1992, p. 415) defende uma abordagem construcionista para a Morfologia e destaca o fato de a GRC propor análises que consideram tanto os casos regulares quanto os irregulares da língua, sendo a possibilidade de tratamento das irregularidades - tão recorrentes na Morfologia - o diferencial deste modelo.

A proposta primeira de Rhodes (1992) é responder à pergunta ‘o que é um morfema?’ a partir da perspectiva da Gramática das Construções e, para isso, ele parte, inicialmente, de uma crítica ao modelo de Aronoff (1976) desenvolvido dentro do campo da morfologia derivacional e que, considerando os morfemas como epifenômenos, postula a existência exclusiva de regras de transformação de uma palavra em outra.

O famoso argumento de Aronoff em torno da não essencialidade do morfema no quadro das derivações baseou-se nos problemas com a abordagem do signo mínimo comumente assumida pela linguística pós-saussuriana. A base do seu argumento é semântica e há, portanto, a rejeição do morfema como um mapeamento entre forma e

sentido por causa de vários problemas na atribuição de significados às formas. O primeiro problema refere-se ao fato de que aos morfemas de uma única ocorrência só pode ser atribuído uma semântica circular. O segundo refere-se aos usos idiomáticos de morfemas em Inglês, sobre os quais ele afirma que "não há nenhuma maneira de os membros desta classe terem algum significado..." (ARONOFF, 1976, p. 7 apud RHODES, 1992, p. 409)²⁵.

Com relação a esses argumentos, Rhodes (1992, p. 411) ressalta a filiação de Aronoff, pela gênese formalista de seu modelo, à hipótese da composicionalidade estrita e sugere uma proposta que entenda o morfema como um mapeamento complexo, uma correlação entre forma e significado com propriedades similares às unidades básicas tratadas pela Gramática das Construções.

Assim, de modo a contemplar tal complexidade do morfema, Rhodes (1992, p. 411) propõe uma anotação em quatro níveis para construções morfológicas (ANOTAÇÃO 2 - *lighten* 'make less heavy'), em lugar dos mapeamentos para um item lexical em dois níveis realizados nas análises morfológicas tradicionais (ANOTAÇÃO 1 - *lighten* 'make less heavy'):

ANOTAÇÃO (1)

	light	-en
1. phonological part:	<i>layt</i>	<i>ən</i>
2. semantic part:	'light (of weight)'	'(causative-) inchoative'

²⁵Tradução nossa para: [...] there is no way in which members of this class can be said to have any meaning at all... (ARONOFF, 1976, p. 7 apud RHODES, 1992, p. 409)

ANOTAÇÃO (2)

	light	-en
1. phonological part:	<i>layt</i>	<i>ən</i>
2. semantic part:	‘light (of weight)’	‘(causative-) inchoative’
3. internal syntax:	<i>adjective stem</i>	<i>suffix on adjective stems</i>
4. external syntax:	<i>adjective, frame: patient</i>	<i>verb, frame: agent</i>

Assim, ao tratar o morfema como uma entidade (E), Rodhes (1992, p. 411) argumenta que, nos casos mais prototípicos, são encontradas quatro propriedades que ocorrem simultaneamente como parte integrante da mesma entidade (E):

- (a) **Fonologia:** algum material fonológico.
- (b) **Semântica:** alguma semântica e/ou pragmática.
- (c) **Sintaxe Interna:** considerações de como E se encaixa na construção de uma palavra inteira.
- (d) **Sintaxe Externa:** considerações de como a presença de E afeta a classe de construções nas quais as palavras inteiras contém E.

Ao reconhecer, portanto, a complexidade inerente aos morfemas prototípicos, com o mapeamento de quatro tipos de informação (fonológica, semântica, sintaxe interna e sintaxe externa), conforme delineado na ANOTAÇÃO 2, Rhodes (1992, p. 415) alinha sua proposta à abordagem da Gramática das Construções para as construções lexicais. Partindo, pois, de uma visão gestáltica de que construções podem ser formadas a partir de outras construções menores que irão se influenciar mutuamente, uma palavra pode ser considerada uma construção lexical e seus morfemas, como tipos de construções menores.

Na mesma direção, Booij (2010, p. 1) afirma que a Morfologia Construcional visa a um melhor entendimento das relações entre sintaxe, morfologia e léxico e das propriedades semânticas das palavras, além de proporcionar um quadro de trabalho no qual tanto as diferenças quanto as semelhanças de construções no nível da palavra e de construções no nível da frase podem ser contabilizadas. A diferença, no entanto, é que a abordagem de Booij (2010) é baseada na palavra, e não no morfema. Nesse sentido o autor, diferentemente de Rhodes (1992), não considera o morfema como uma construção, mas como parte de uma construção lexical.

A noção de ‘construção morfológica’, segundo Booij (2010), não é recente. Bloomfield, por exemplo, em seus capítulos sobre morfologia, fala de três tipos de construções morfológicas (BLOOMFIELD, 1935, p. 227 apud BOOIJ, 2010, p. 16) e observa que a palavra costuma revelar “uma camada externa de construções flexionais e uma camada interior de construções de formação de palavras”²⁶. O que é novo, portanto, é o uso da noção de construção tal como desenvolvido pela Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006) para análises morfológicas²⁷.

Booij lança mão do esquema para formação de nomes deverbais do Inglês para exemplificar sua proposta:

(14) $[[X]_{\text{ver}}]_{\text{N}}$ ‘one who V_s ’

$[[\text{buy}]_{\text{v}}]_{\text{er}}]_{\text{N}}$

²⁶Tradução nossa para: For instance, Bloomfield in his chapters on morphology, speaks of ‘three types of morphologic constructions’, and he remarks that a complex word reveals ‘an outer layer of inflectional constructions, and then an inner layer of constructions of word formation’. (BOOIJ, 2010, p. 16)

²⁷ A visão de que palavras complexas instanciam construções morfológicas é também explicitada em Croft (2001, p. 17), em Goldberg (2006, p. 5) e em Inkelas e Zoll (2005, p. 11-16). (BOOIJ, 2010, p. 16)

Este esquema apresentado no exemplo (14) expressa uma generalização da forma e significado dos nomes deverbais com *-er* listados no léxico do Inglês (*buy/buyer, eat/eater, walk/walker*)²⁸, e também pode funcionar como ponto de partida para se inventarem nomes com *-er* no Inglês a partir de verbos. Isto significa que novos nomes deverbais em *-er* não são necessariamente cunhados em analogia com uma palavra verbal em *-er* específica e já existente, mas podem ser formados com base no esquema abstrato representado anteriormente.

O que Booij (2010, p. 2) discute é que uma nova palavra é formada ao se substituir a variável X no esquema por um verbo concreto. Por exemplo, o verbo recente do Inglês ‘*to skype*’, submetido ao esquema do exemplo (14) resulta no novo nome ‘*skyper*’ – o usuário do programa *Skype*. Como justificativa à sua explanação, Booij cita Tomasello (2000, p. 238) que afirma que a aquisição da linguagem começa com o armazenamento de representações mentais de casos concretos de uso da língua e, gradualmente, o aprendiz faz abstrações através de conjuntos de construções linguísticas com propriedades semelhantes, adquirindo, assim, o sistema abstrato subjacente a estas construções linguísticas.

O esquema (14), um caso de derivação, pode ser qualificado, de acordo com Booij (2010, p. 17), como uma construção idiomática no nível da palavra, isto é, **uma construção morfológica com uma posição fixa - o sufixo**. Além disso, Booij ressalta que o significado desse idioma construcional também é específico, ou seja, **o significado é uma propriedade holística da construção como um todo**: o significado de *agente* não é derivado do sufixo *-er*, uma vez que esse sentido só é evocado quando o sufixo forma um nome junto a uma base verbal. Em combinação com um adjetivo, por exemplo, o

²⁸ Comprar/comprador, comer/comedor, andar/andador.

morfema *-er* evoca um significado completamente diferente, o de comparação (*pretty/prettier*).

A proposta de Construção Morfológica nos termos de Booij (2010, p. 5) nos permite, pois, “especificar as propriedades semânticas previsíveis de conjuntos de palavras derivadas que não podem ser deduzidas a partir das propriedades semânticas dos seus elementos constitutivos”²⁹, ou seja, as propriedades holísticas das palavras não são derivadas de seus constituintes, mas sim oriundas de um esquema complexo, como o representado em (14).

As abordagens de Rhodes (1992) e Booij (2010) levantam, pois, uma questão acerca da concepção de ‘construção’ – as formas presas podem ou não ser consideradas construções? Para Booij (2010, p. 15), apenas formas livres são construções, desconsiderando, desse modo, os morfemas como signos linguísticos. Rhodes (1992), por sua vez, alinhando-se à Goldberg (1995, 2006), considera os morfemas como construções já que representam um pareamento de forma e modos de significação semântica e pragmática. Nesse sentido, a presente tese elege a perspectiva de Rhodes (1992) e Goldberg (1995, 2006) considerando o morfema como uma construção. Contudo, outras contribuições de Booij, reportadas nesta seção, no que respeita à reivindicação de um estatuto construcional para a Morfologia serão incorporadas neste estudo.

Na mesma direção, o conceito de Léxico desenvolvido por Jackendoff (2002) contribui com nossa abordagem. O autor, em sua Hipótese da Arquitetura Paralela, considera o léxico como o lugar do conhecimento – e não das idiossincrasias – promovendo a distinção entre o conceito de palavra (padrão fônico, dicionarizável que possui um padrão gramatical, como N, V, A, P, C, F, etc.) e de item lexical (unidade

²⁹Tradução nossa para: An important argument for using the notion ‘morphological construction’ is that it enables us to specify predictable semantic properties of sets of derived words that cannot be deduced from the semantic properties of their constituents parts. (BOOIJ, 2010, p. 5)

armazenada na memória de longo-termo que pode ser menor ou maior que uma palavra). A definição de itens lexicais reforça a hipótese do *continuum* entre léxico e gramática, já que considera unidades maiores e menores que as palavras (portanto, inclui os morfemas). Desse modo, nos termos de Miranda (2008, p. 17-18):

(...) construções de “tamanhos” distintos são arroladas como itens lexicais, como afixos (*x-ista*); expressões idiomáticas (*Tô frito!*); fórmulas interacionais (*Quem fala?*, *De nada*); gêneros textuais (*carta*, *piada*), dentre outras. Posto em dimensões bem claras, neste domínio do léxico “tamanho não é documento”! Regulado por regras e princípios que apresentariam naturezas específicas, o léxico é visto como uma rede de padrões construcionais, armazenada na memória e apresentando graus diferentes de complexidade e de especificação (itens lexicais abstratos, semiespecificados, inteiramente especificados). Essa concepção flexível do léxico traz, a nosso ver, uma contribuição de alto relevo às teorias construcionistas, emprestando-lhes mais argumentos à afirmação da linguagem (e das línguas) como uma rede de construções (MIRANDA, 2008, p. 17-18).

Antes de passarmos à metodologia (capítulo 4) e à análise (capítulo 5), apresentamos, no próximo capítulo, um panorama - o estado da arte - em torno de estudos descritivos do grau através dos processos de formação de palavras por sufixação e prefixação. Dentro desse quadro, selecionamos descrições empreendidas pela Tradição Gramatical e por diferentes Tradições Linguísticas em Língua Portuguesa que, de algum modo, fornecem subsídios para a análise da Construção Prefixal de Modificação de Grau, objeto desta tese.

3 FORMAÇÕES PREFIXAIS E SUFIXAIS DE GRAU EM PORTUGUÊS - O ESTADO DA ARTE

A pesquisa bibliográfica empreendida nesta tese apresentou esparsos estudos dentro da produção científica brasileira que, de algum modo, esbarram com a construção eleita como nosso objeto, que rotulamos como **Construção Prefixal de Modificação de Grau**. Alargando-se, contudo, a busca para o tópico ‘processos de formação de palavras’ diversas perspectivas de estudo foram naturalmente encontradas, a começar pelas descrições oferecidas pela Tradição Gramatical, até investigações promovidas pela Tradição Linguística, compreendendo esta última investigações de viés formalista, gerativista, sociocognitivista e morfopragmatista. Dentro desse tópico, as formações lexicais com prefixos de grau são contempladas de algum modo, revelando-se tanto *insights* analíticos relevantes, como lacunas a serem preenchidas.

Partindo, assim, da constatação deste estado da arte em relação à minuciosa investigação que promovemos acerca do estudo do objeto eleito, esta seção será construída em duas partes: na primeira (seção 3.1), abordamos descrições empreendidas pela Tradição Gramatical, especialmente sobre a prefixação e seu uso para a marcação da categoria de grau, tomando, como referências, as gramáticas normativas do Português de Cunha e Cintra (2008) e de Bechara (2004). Na segunda parte (seção 3.2), discorreremos sobre os estudos desenvolvidos dentro de diferentes Tradições Linguísticas em Língua Portuguesa sobre a prefixação (e/ou sufixação) enquanto operadora de escala, levando-se em conta o teor semântico-pragmático das formações lexicais originadas (subseções 3.2.1 e 3.2.2). Na subseção (3.2.3), apresentamos o que dizem a respeito do fenômeno as novas gramáticas críticas do Português (CASTILHO, 2012; PERINI, 2010; MOURA- NEVES, 2000) e manuais de Morfologia (BASÍLIO, 2007, 2011; LAROCA, 2011;

GONÇALVES, 2011). Construídos a partir de perspectivas analíticas ditadas por resultados de pesquisas linguísticas no Brasil no século passado, estes estudos têm em comum o fato de reivindicarem para si, em maior ou menor grau, o trato analítico dos fenômenos do Português a partir do USO. A seção (3.3), que encerra este capítulo, apresenta, brevemente, o posicionamento aqui assumido a respeito de uma antiga polêmica nos estudos em Morfologia – a abordagem da prefixação como composição ou derivação.

3.1 A marcação de grau por afixação - abordagens na Tradição Gramatical

Em linhas gerais, as gramáticas normativas se alinham em torno da conceituação a respeito da formação de palavras, motivo pelo qual selecionamos apenas duas para análise (CUNHA; CINTRA, 2008; BECHARA, 2004):

Chama-se **FORMAÇÃO DE PALAVRAS** o conjunto de processos morfosintáticos que permitem a criação de unidades novas com base em morfemas lexicais. Utilizam-se, assim, para formar as palavras, os afixos de derivação ou os procedimentos de composição. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 97)

Cunha e Cintra (2008), ao abordarem a Derivação, afirmam a maior independência dos prefixos com relação aos sufixos, já que aqueles se originam, em geral, de advérbios ou preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua. Entende-se, pois, como derivação, a formação de palavras pelo acréscimo de prefixos ou sufixos que conservam, via de regra, uma relação de sentido com o radical derivante, ao contrário da composição, processo através do qual novas palavras se formam dissociadas pelo sentido dos radicais componentes.

Feitas essas distinções, os autores apresentam as formações com prefixos que se dão através de: (i) partículas, sem existência autônoma no idioma (como *des-* em *desfazer* ou *re-* em *repor*), e de (ii) elementos prefixais que costumam funcionar também como palavras independentes (como *contra-* em *contradizer* e *entre-* em *entrearbrir*) (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 98).

Bechara (2004, p. 338) afirma ainda que, por aparecerem como formas livres, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, ou seja, “ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos tem mais força significativa; podem aparecer como formas livres e não servem, como os sufixos, para determinar uma nova categoria gramatical”³⁰.

Feitas essas considerações, as gramáticas passam a listar os prefixos de origem latina e grega e há pouca referência aos seus papéis semânticos e discursivos. A listagem de sufixos, ao contrário, ganha um espaço de maior destaque, inclusive com algumas descrições de cunho semântico, como na apresentação dos sufixos (*-aça*, *-aço*, *-uça* e *-azio*) que têm a força aumentativa e o teor pejorativo destacados (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 103).

Com relação ao uso dos prefixos como marcadores de grau de adjetivos, advérbios e substantivos, não há referência em Bechara (2004), que se limita a considerar a gradação de adjetivos, advérbios e substantivos promovida por sufixos. O gramático (2004, p. 141) refere-se, inclusive, aos aumentativos e diminutivos afetivos, que não exprimem a ideia de tamanho, mas sim

³⁰De fato, estudos linguísticos de diferentes vieses tem mostrado a função semântico-pragmática de grande relevo de morfemas sufixais. É o caso, por exemplo, dos estudos sobre agentivos desenvolvidos em nosso GP por Botelho (2004), Carmo (2005) e Santos (2005), orientados pela Prof.^a Neusa Salim Miranda.

[...] traduzem a noção de desprezo, crítica, pouco caso para certos objetos e pessoas, sempre em função da significação lexical da base, auxiliados por uma entonação especial (eufórica, crítica, admirativa, lamentativa, etc.) e os entornos que envolvem o falante e ouvinte. (BECHARA, 2004, p. 141)

Bechara cita como exemplos *politicalho*, *livreco*, *padreco*, *coisinha*, *issozinho*, além de fazer menção às formas diminutivas associadas à ideia de carinho, como *paizinho* e *mãezinha*.

Ainda com relação ao grau dos substantivos, Cunha e Cintra (2008, p. 212) fazem observações bastante pertinentes ao afirmarem que o aumentativo e o diminutivo nem sempre indicam o aumento ou diminuição de um ser, e que os sufixos aumentativos também podem emprestar ao nome ideias de desproporção, deformidade, de brutalidade, de grosseria ou de coisa desprezível (*narigão*, *porcalhão*, *atrevidação*). Ressaltam, então, o valor depreciativo ou pejorativo conferido aos nomes pelos sufixos aumentativos e acrescentam:

O emprego dos sufixos diminutivos indica ao leitor ou interlocutor que aquele que fala ou escreve põe a linguagem afetiva no primeiro plano. Não quer comunicar ideias ou reflexões, resultantes de profunda meditação, mas o que quer é exprimir, de modo espontâneo e impulsivo, o que sente, o que o comove ou impressiona – quer seja carinho, saudade, desejo, prazer, quer, digamos, um impulso negativo: troça, desprezo, ofensa. Assim se encontra no sufixo diminutivo um meio estilístico que elide a objetividade sóbria e a severidade da linguagem, tornando-a mais flexível e amável, mas às vezes também mais vaga. (SKORGE, 1958 apud CUNHA; CINTRA, 2008, p. 212)

Com relação à gradação de adjetivos, os prefixos são desconsiderados por Bechara (2004, p. 149), que usa como exemplo o sufixo derivacional *-íssimo* (descrito como de valor intensivo) e afirma que “quanto ao aspecto semântico, **cuidadosíssimo** diz mais, é mais enfático do que **muito cuidadoso**”. Já Cunha e Cintra (2008, p. 272) apresentam a possibilidade da formação do superlativo com o acréscimo de um prefixo como *arqui-*, *hiper-*, *super-*, *ultra-*, etc. (*arquimilionário*, *hipersensível*, *superexaltado*, *ultrarrápido*).

Com os advérbios não é muito diferente – os sufixos se destacam nas formações: “*falou pessimamente, altíssimo, baixíssimo, difícilimo*”, além da referência feita ao diminutivo com valor de superlativo: *andar devagarzinho, acordava cedinho, saiu agorinha* (BECHARA, 2004, p. 295).

Não há, como se viu, um detalhamento pelas Gramáticas Tradicionais das variadas formas de marcação de grau na Língua Portuguesa com o uso de prefixos e mesmo o uso de sufixos com essa função é um tópico subfocalizado. De maneira geral, como se apresentou, as gramáticas normativas apresentam listas com os principais afixos gradativos, distinguindo as formas sintéticas das analíticas e, eventualmente, chamando atenção para o fato de os afixos dimensivos não necessariamente expressarem tamanho sem, no entanto, avançarem na discussão.

Cabe pontuar, contudo, que dois *insights* analíticos apontados em Cunha e Cintra (2008) têm relevo em nossas análises, quais sejam a afirmação de

- (i) maior independência dos prefixos com relação aos sufixos - podem aparecer como formas livres - por se originarem, em geral, de advérbios ou preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua³¹;
- (ii) possibilidade de formação do superlativo dos adjetivos com o acréscimo de um prefixo como *arqui-*, *hiper-*, *super-*, *ultra-*.

³¹ Na Gramática Superior da Língua Latina de Ernesto Faria (1958), só há, de fato, a consideração dos processos de formação de palavras por sufixação, uma vez que os nossos prefixos funcionavam, em latim, como preposições: “as preposições são, em sua grande maioria, antigos advérbios ou partículas independentes, sendo, como muitos advérbios, originários de antigas formas nominais flexionadas. A princípio, sua função era trazer maior ênfase à expressão, sendo também empregadas por uma necessidade maior de clareza, uma vez que as relações que mais tarde elas passaram a indicar, os casos já exprimiam por si mesmos. Depois, havendo um enfraquecimento do valor significativo dos casos, o emprego desses advérbios e partículas se tornou uma necessidade absoluta de clareza, sendo por este motivo frequentemente usados, o que determinou o aparecimento de uma nova classificação gramatical, a das preposições”. (FARIA, 1958, p. 255)

3.2 Os prefixos e sufixos de grau - estudos dentro da Tradição Linguística

O rastreamento do fenômeno ora estudado no campo da Linguística nos levou a um número bastante escasso de trabalhos que consideram os prefixos como importantes marcadores da intensidade na língua. À exceção do trabalho de Cavalcanti (1980) que aborda, sob a perspectiva gerativa, alguns prefixos de origem latina; de Sandmann (1987) que, ao tratar da formação de palavras, dá destaque aos afixos de grau, dentre eles os prefixos *macro-*, *maxi-*, *micro-* e *mini-*; e de Ribeiro (2006), que aborda superficialmente novas construções com o prefixo *super-* emergentes em *blogs*, todos os outros autores consultados (ROSA, 1983; TURUNEN, 2009; GONÇALVES 2002, 2003, 2011; BASÍLIO, 2007, 2011; LAROCA, 2011), mesmo fazendo remissão aos prefixos, dão relevância aos sufixos como fundamentais para a marcação de grau na Língua Portuguesa. Além desses trabalhos citados anteriormente, merece destaque o trabalho de Machado (2011), que em dissertação de mestrado descreve - a partir de uma abordagem sociocognitivista e construcionista - a Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos, com exemplos do tipo *desempregadíssimo*, *casadíssimo*, *gravidíssima*.

Resenharemos brevemente esses trabalhos já que, direta ou indiretamente, sugerem algum *insight* analítico para a construção em foco e, por questões organizacionais, esta seção será subdividida da seguinte forma: primeiramente, (subseções 3.2.1 e 3.2.2, respectivamente) seguindo a ordem cronológica dos estudos, abordaremos os trabalhos voltados para os processos de sufixação (ROSA, 1983; GONÇALVES, 2002, 2003; TURUNEN, 2009; MACHADO, 2011) e prefixação (CAVALCANTI, 1980; RIBEIRO, 2006; SANDMANN, 1987). A seguir (subseção 3.2.3) trataremos do que dizem Basílio (2007, 2011), Laroca (2011) e Gonçalves (2011), em seus Manuais de Morfologia, e também as Gramáticas de Uso da Língua Portuguesa

(CASTILHO, 2012; PERINI, 2010; MOURA-NEVES, 2000). Ao longo de tais apresentações colocaremos em relevo as possíveis contribuições teóricas e analíticas ao nosso estudo, assim como procederemos a considerações críticas em relação a aportes e análises oferecidas.

3.2.1 Os estudos sobre a marcação sufixal de grau

Conforme anunciado, a presente subseção recorta estudos - dissertações (ROSA, 1983 e MACHADO, 2011), uma tese (TURUNEN, 2009) e artigos acadêmicos (GONÇALVES, 2002, 2003) - de distintos vieses teóricos acerca dos processos de sufixação marcadores de grau e serão apresentados em ordem cronológica.

Em estudo de caráter descritivo-normativo da língua portuguesa, Rosa (1983) procura apresentar o tratamento dispensado ao **grau**, abordando também os traços pejorativo e afetivo a ele vinculados.

O trabalho se inicia com uma discussão a respeito do tratamento tradicional conferido ao grau como “a maior ou menor intensidade que se pode dar à significação das palavras” (ROSA, 1983, p. 8). Admitido o consenso a respeito das classes gramaticais a que o grau é aplicável - nomes, adjetivos e em alguns casos advérbios, Rosa descreve a gradação dos nomes (subdividida em aumentativo e diminutivo); a gradação dos adjetivos (subdividida em comparativo e superlativo) e, ao abordar a gradação dos advérbios e verbos, ressalta o fato de essa ser considerada um acidente excepcional, restrita à citação de exemplos, como *Irei agorinha mesmo* ou *Nenê está dormindinho*.

A questão dos traços pejorativo e afetivo é tratada por Rosa, ao retomar Câmara Jr. (1956), nos termos seguintes:

Muitas vezes, principalmente no grau aumentativo, a enunciação do nome ganha um caráter de intenção depreciativa, isto é, indica que desprezamos o ser; ex.: *narigão* (um nariz feio de tão grande), *valentão* (um homem que faz ostentação ridícula de ser valente), *papelucho* (um papel que não vale nada). O grau diminutivo também expressa carinho especial pelo ser, sem alusão às suas proporções: ex.: *mãezinha querida*, em vez de *mãe querida*. (CÂMARA JR., 1956, p. 47 apud ROSA, 1983, p. 13)

A afirmação dos traços **pejorativo** e **afetivo** quando se trata do grau leva a autora a questionamentos com relação ao tratamento dessas expressões como quantitativas, pura e simplesmente, mesmo tendo o valor emotivo agregado a elas. A conclusão a que a autora chega é que as formações com tom pejorativo ou afetivo serão exemplos do fenômeno gradual caso possam ser ordenadas numa mesma escala. Em suas palavras, portanto,

[...] o grau será entendido como uma categoria que expressa a relação existente entre um significado considerado normal e outros considerados acima, abaixo ou no mesmo nível numa escala de intensidade (muito...pouco) ou de dimensão (pequeno...grande), incluídos os valores pejorativos e afetivos. Tal relação é explícita linguisticamente: a) por meio de uma derivação da palavra-base: *estudioso* : *estudiosíssimo*; *livro* : *livrão* : *livrinho*; b) por meio de uma construção sintática: *muito estudioso*, *livro grande*, *livro pequeno*, *mais estudioso que...*, *tão estudioso quanto ...*, *o mais estudioso possível*. (ROSA, 1983, p. 14)

Tendo o aumentativo como objeto de trabalho, Rosa (1983) apresenta, de forma detalhada, a visão tradicional do fenômeno (“um aumento do ser relativamente ao seu tamanho normal”). Dentre as conclusões analíticas apontadas pela autora (ROSA, 1983, p. 47-48), a partir de sua lista de sufixos - e sustentadas por resultados de testes³² de produtividade e de reconhecimento de redundâncias morfológicas - merecem destaque, dentro de nosso interesse analítico, aquelas que, de algum modo, remetem ao uso, como: (i) a atribuição de informalidade e o estatuto de gíria a algumas formas aumentativas (-oila, -ola, -orro, -orra, -arrão, -eirão, -alhão, -az, -aço, -ão); (ii) a proposição de relação

³² Esses testes, próprios da abordagem gerativa, consistem em perguntas feitas a falantes de Língua Portuguesa a respeito do objeto estudado, determinando o número de informantes e a faixa etária, por exemplo: “O que você acha que essas palavras significam? 1- passarola, 2- façoila, 3- pratola, 4- patoila. Número de informantes: 7, Idade: 25-40 anos”. (ROSA, 1983, p. 58)

entre produtividade da formação aumentativa e a faixa etária e (iii) a afirmação da existência de diferenças de usos estilísticos entre formas sintéticas e analíticas.

Tratando-se do desenvolvimento dos estudos morfológicos em Língua Portuguesa, o trabalho de Rosa (1983) mostra-se relevante já que apresenta uma análise bastante detalhada sobre o aumentativo, inclusive já dando indícios da relevância do uso em pesquisas linguísticas. A autora afirma que os resultados a que chegou demonstram a necessidade de estudos mais detalhados, como é o caso de “saber-se até que ponto fatores sociais, como a influência da escola e a faixa etária em que está o falante podem interferir na produtividade” (ROSA, 1983, p. 48).

Com cerca de duas décadas de distância e dentro de um escopo teórico afastado do formalismo que caracteriza o cenário do estudo anterior, o trabalho de Gonçalves (2002, 2003) aborda, através de uma interface Morfologia-Prosódia e Morfologia-Pragmática, o recurso da intensificação sufixal em português, especificamente com as formações sufixais *x-íssimo*, *x-érrimo* e *x-ésimo*. Apesar da escolha pelos sufixos, o trabalho mostra-se relevante para esta tese por tratar dos efeitos contextuais da intensificação morfológica e por propor a existência de uma função indexical³³ nos processos de formação de palavras. Mais que isso, com o objetivo de testar sua hipótese, o autor rastreou dados a partir do *Corpus* PEUL conhecido por ‘Recontato’, que é um acervo de fala informal e semiespontânea constituído de doze informantes, seis de cada sexo, entrevistados no final da década de 90³⁴.

³³ Segundo Gonçalves (2003, p. 48), função indexical é um “termo tomado de empréstimo das abordagens fonéticas sobre Entonação (COOPER-KUHLEN, 1986). Nesse sentido, apresenta função indexical todo e qualquer mecanismo que sirva como índice para o reconhecimento de certos traços sociolinguísticos do falante (classe social, etnia, faixa etária, sexo, etc.)”.

³⁴ Além de realizar uma análise baseada em *corpora*, Gonçalves, com o intuito de checar a atuação de possíveis marcas prosódicas na intensificação sufixal, utilizou o Programa Computacional CECIL, que forneceu os quantitativos para os correlatos físicos controlados – duração, frequência fundamental e intensidade. (GONÇALVES, 2002, p. 44)

Com relação à intensificação, Gonçalves (2002, p. 43) a caracteriza como um recurso usado para efeitos de focalização ou ênfase e acrescenta que

[...] a intensificação vem sendo caracterizada como uma categoria semântica que se presta à indicação de atitudes subjetivas do falante em relação ao enunciado ou a alguma de suas partes. Por esse motivo, está diretamente vinculada à perspectiva (ou ponto de vista) do emissor que, ao intensificar, orienta seu interlocutor para um juízo de valor a respeito de algo ou alguém, conferindo ao item enfatizado relevância tamanha que o torna marcado. (GONÇALVES, 2002, p. 43)

Dentre as estratégias utilizadas para expressar intensidade em português, o autor destaca as morfológicas, veiculadas pelos chamados afixos de grau, mas ressalta que essas enfrentam a concorrência dos recursos sintáticos (comparações, repetições e o uso de advérbios focais (cf. exemplos 15, 16 e 17, nesta ordem)) e os fonológicos (alongamento da tônica e a escanção silábica (cf. exemplos 18 e 19, respectivamente)). Ao tratar dos recursos morfológicos, Gonçalves realça a sufixação, mas não deixa de citar o uso de prefixos para a marcação de intensidade também (cf. exemplo 20).

- (15) A B. é muito batalhadora...Corre de lá pra cá o tempo todo, vive fazendo mil coisas ao mesmo tempo...**Eu acho ela forte como um touro.**
- (16) Tinha que ver, menina, lindinha a garotinha... **linda, linda, linda.**
- (17) Muito legal a aula...O professor é bom demais, sabe tudo. Tem professor que nem precisa ler nada pra dar aula. Esse cara é inteligente **pra burro**, inteligente **pacas**.
- (18) O engarrafamento na ponte tava de lascar. Tudo parado... Nada andava... **Ôoonibus** que não acabava mais.
- (19) Eu não gosto muito de feijão não... Prefiro arroz, mas o que E. faz é simplesmente **MA-RA-VI-LHO-SO**. Ela simplesmente **AR-RA-SA!!**

- (20) Sabe, J., eu sempre gostei muito de acompanhar tendências. Gosto de andar **arqui-arrumada**, até mesmo pra ir trabalhar.

Os exemplos dados pelo autor e listados anteriormente, dentre outros apresentados no artigo, parecem ser maneiras alternantes de se dizer a mesma coisa. No entanto, a escolha feita pelo falante por quaisquer desses recursos reflete um determinado caráter estilístico-contextual.

Os resultados da pesquisa confirmam o profundo relacionamento entre Morfologia e Pragmática uma vez que a estrutura de palavras como ‘*chiquérrimo*’ e ‘*ultra-barato*’ serve como indício para o reconhecimento dos propósitos comunicativos do falante frente à audiência. Nesse sentido, em relação às formas *x-íssimo*, *x-ésimo* e *x-érrimo*, Gonçalves (2002, p. 46) conclui que, mais do que expressarem o impacto pragmático provocado por algum elemento do contexto interacional, também suscitam: “(a) avaliação negativa por parte de um grupo de falantes; (b) associação com um estilo vocal específico e (c) indícios de características sociolinguísticas de seus usuários”. As formas sufixadas em questão, para Gonçalves (2002, p. 47)

[...] apresentariam não só função semântica (por veicularem a ideia de intensidade) e função discursiva (por apresentarem estados de espírito do emissor), mas também o que estou chamando de função indexical, levando a uma espécie de radiografia do perfil sócio comportamental de seu usuário. Dessa maneira, o falante não só revelaria seu parecer sobre o que diz (função discursiva), como também seria revelado pelo que diz (função indexical), deixando transparecer, através de processos morfológicos, traços de sua identificação sociocultural. (GONÇALVES, 2002, p. 47)

Assim, em relação à função indexical, as formações *x-íssimo*, *x-érrimo* e *x-ésimo* foram consideradas como típicas do discurso feminino e estigmatizadas quando emitidas por um homem, caracterizadas como do ‘falar gay’. Neste enquadre, o autor defende que

os efeitos expressivos que surgem a partir das afixações não dependem somente do tipo de texto (oral/escrito), do grau de formalidade da interação ou do grau de intimidade entre os interactantes, mas também das características dos falantes.

Os estudos de Turunen (2009) a respeito das formações diminutivas com o sufixo *-inho* em Português do Brasil caminham em direção similar aos de Gonçalves (2002, 2003), levando em consideração aspectos semânticos e pragmáticos de tais formações. Em especial, a autora, priorizando as dimensões de significado do diminutivo *-inho*, opta por uma abordagem sociocognitiva - Linguística Cognitiva³⁵. Outra opção é a Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2000; GRIES, 2007; PHILIP, 2003) enquanto aporte metodológico, o que lhe possibilita o uso de dados naturais com acesso a situações comunicativas que perfilam certos traços pragmáticos do diminutivo. O *corpus* usado por Turunen (2009)³⁶ é um *corpus* oral informatizado de 653.922 palavras na forma de diálogos do Português do Brasil atual, distribuído em três diferentes gêneros discursivos - conversas cariocas, conversas no serviço de atendimento e conversas com crianças³⁷ - e apresentando variadas situações comunicativas.

A hipótese sustentada neste estudo - “o diminutivo formado pelo sufixo *-inho* é fundamentalmente um mecanismo expressivo com fins pragmáticos. A dimensão semântica de denotação de dimensão reduzida da entidade referida existe, mas é menos relevante” (TURUNEN, 2009, p. 13) - esbarra, segundo a autora, em uma dificuldade, qual seja, o fato de o diminutivo poder apresentar, ao mesmo tempo, sentidos sobrepostos.

³⁵ Os pressupostos teóricos referentes à Linguística Cognitiva usados pela autora são: Talmy (1988, 1983, 1978); Fauconnier (2006); Fillmore (1992, 1985, 1982, 1975); Lakoff (1987); Langacker (1999, 1991, 1990, 1987); Salomão (1990).

³⁶ O *corpus* usado por Turunen (2009) faz parte de um *corpus* maior desenvolvido na PUC-Rio (CORPOBRAS PUC-Rio) dentro do projeto “Compilação de um *corpus* representativo do Português do Brasil e análise multidimensional da variação entre gêneros discursivos”.

³⁷ Esses três *subcorpora*, com configurações bastantes diferentes, foram escolhidos pela autora intencionalmente a fim de abarcar faixas etárias e classes sociais diversas, vários tipos de relações entre os participantes, cenários profissionais e familiares e também uma variedade de atos de fala, o que, de fato, aumentaria a possibilidade de verificar os diferentes usos do diminutivo.

A decisão analítica assumida por Turunen foi, então, a identificação da função predominante em uma dada situação de comunicação, escolhendo entre **um ou outro** dos polos semântico ou pragmático, dentro dos critérios seguintes: (i) polo semântico: noção de pequenez; (ii) polo pragmático: noção de avaliação ou função estratégica sem apresentar noção de tamanho. Formações que apresentam as duas funções ao mesmo tempo dependem das pistas contextuais (situação de fala) e cotextuais (elementos que sucedem e precedem a forma diminutiva) para se decidir qual das funções prevalece na situação de enunciação em questão.

Após a análise minuciosa dos três *subcorpora* objetivando principalmente contrastar as formações diminutivas que se enquadram no plano semântico ou no plano pragmático – em um total de 1538 ocorrências, 265 apresentaram função semântica e 1273 função pragmática – Turunen (2009) reforça sua hipótese da não prototypicalidade da noção de ‘pequeno X’ dos diminutivos, afirmando que, por ser uma noção reiterada nas Gramáticas Tradicionais, os falantes acabam repetindo esse conceito. A hipótese de Turunen (2009) de relevância do polo pragmático fica, assim, confirmada.

Segundo Turunen (2009, p. 143), tal proposta “dá conta da unicidade do fenômeno e da diversidade dos fatos, sem a necessidade de se estabelecer um único sentido subjacente para todos os usos possíveis”. Além disso, a autora ressalta o fato de este modelo evitar os problemas das abordagens homonímicas, que postulam sufixos distintos para dar conta dos diferentes significados. Outra vantagem de sua proposta é, segundo suas próprias palavras, “que não precisamos colocar como central nem negar a existência da noção de tamanho pequeno na descrição do diminutivo” (TURUNEN, 2009, p. 144).

Pelo exposto, fica bastante legitimado o papel do trabalho de Turunen (2009) para os estudos da Língua Portuguesa já que possibilita uma contestação da análise tradicional do diminutivo no Português do Brasil. Contudo, a opção teórica por um modelo de polos

estanques entre semântica e pragmática que a autora imputa à Linguística Cognitiva parece, a nosso ver, se confrontar com alguns dos fundamentos cruciais deste paradigma – o estabelecimento de um *continuum* entre semântica e pragmática. De fato, tal abordagem parece manter uma tradição didática, negada pela Linguística Cognitiva, de separação entre dicionário e enciclopédia e própria de uma semântica que ainda traz os dilemas e limitações de uma perspectiva fortemente composicional. Embora o suposto da Linguística Cognitiva de “continuidade essencial entre semântica e pragmática” não negue a peculiaridade interna de cada substrato, seus aportes teóricos, usados em análises de construções polissêmicas (como é o caso das construções com *-inho*), como cadeia radial, metáfora, mesclagem, somados a aportes construcionistas, como a relação entre frequência de uso e convencionalização, permitem operar na continuidade destes campos sem se estabelecerem polos estanques. Outro ponto de divergência está na negação de um sentido central. Em vez de negada, a questão da centralidade de um sentido que se projeta em termos radiais também é um forte eixo de investigação da Linguística Cognitiva, em termos diacrônicos e sincrônicos.

Assim, ainda que reconhecendo a relevância deste estudo, nossa trilha teórica se afasta dele em aspectos fundamentais que nos colocam mais alinhados com a perspectiva de uma semântica empirista e fracamente composicional que se desenvolve no seio da Linguística Cognitiva (cf. cap. 2).

O trabalho de Machado (2011) sobre a Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo *-íssimo*, por estar vinculado ao mesmo grupo de pesquisa e ao mesmo macroprojeto deste estudo (cf. Introdução), apresenta, com ele, fortes convergências.

A partir de uma abordagem sociocognitivista e construcionista, tendo como aportes centrais a Gramática das Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006) e a

Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982; PETRUCK, 1996), Machado analisa um nódulo morfológico da rede de construções superlativas do Português nomeado como Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos (CSSEA), que se configura em exemplos como: “*Olha no momento eu tou eh **desempregadíssima** da silva!*”; “*Tenho vinte e poucos anos, sou **casadíssima** e muito feliz!*”; “***Gravidíssima**, Negra Li abre o closet e mostra o que veste*”.

A escolha metodológica se deu por uma Linguística Cognitiva baseada em *corpus*. Dentro dessa abordagem, procedeu-se à constituição de um *corpus* específico da construção baseado em dados reais e espontâneos de uso linguístico, através do concordanciador eletrônico Web Concordancer Beta (<<http://webascorpus.org/searchwac.html>>). O *corpus* configurado por Machado (2011), a partir de um universo total de 8.189.656 palavras, registrou 30 *types* e 1757 *tokens*.

Segundo Machado (2011, p. 16), a Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos trata-se de uma construção morfológica formada a partir da integração de um **núcleo nominal** que remete a um estado absoluto não-graduável (*desempregada, casada, grávida*) com um **operador de escala superlativa** (- *íssimo/a*). O resultado são *types* como *desempregadíssima, casadíssima, gravidíssima, formadíssima*.

A autora discute o fato de como é possível conceber um estado absoluto em termos de grau se as construções superlativas têm como função semântica básica evocar um *frame* de escala, focalizado em seu grau máximo ou mínimo.

Para Machado (2011), sob os parâmetros da tradição formalista, em que os modelos semânticos vêm abordando a questão da integração conceptual dentro do que tem sido nomeado como Hipótese Forte da Composicionalidade, *casadíssimo, solteiríssimo, gravidíssimo, candidatíssimo, combinadíssimo* seriam expressões “fora da lei”, uma vez que, em sua base semântica, a soma de um radical absoluto com um sufixo

superlativo seria um fenômeno incompatível (estados absolutos não são graduáveis, portanto, não há como se estar mais ou menos grávida, nem mais ou menos casado ou solteira).

Afastando-se desta perspectiva reducionista dos fenômenos ditos periféricos, Machado (2011, p. 74-81) passa a analisar estas expressões à luz do fenômeno do desencontro³⁸ (ou *mismatch*, nos termos de FRANCIS; MICHAELIS, 2000, 2004; TRAUGOTT, 2007), desvelando seu impacto sobre os sentidos e usos da CSSEA.

Para entender os processos de significação emergentes e característicos da CSSEA, a autora, primeiramente, desvela as cenas conceptuais ou *frames* (*frames* de Avaliação, Relacionamento_pessoal, Estado_final, Competição, dentre outros oito) a que se vinculam os 30 *types* considerados em seu estudo.

Machado (2011) conclui que a construção traz um novo significado - o de avaliação qualitativa - que se impõe ao significado do radical e do sufixo *-íssimo*, sem desconsiderar, contudo, o significado de cada uma dessas partes. Assim, o resultado gestáltico, para o qual contribuem o sentido da construção e dos elementos mórficos que a integram é maior que a soma de suas partes. A CSSEA traz, portanto, um novo perfilamento dos doze *frames* encontrados, o que traz à tona uma nova interpretação para os estados/atributos que constituem essa construção.

Com relação a configuração do *habitat* discursivo da CSSEA, a autora, delineando três categorias de análise em relação ao texto fonte - (i) temática principal, (ii) gêneros discursivos e (iii) público alvo - demonstrou ser esta construção caracterizada pela informalidade, sem, contudo, conseguir demarcar, com evidências do *corpus* usado, uma

³⁸ O conceito de desencontro/*mismatch* tem sido usado para descrever um conjunto de fenômenos linguísticos que envolvem uma (aparente) incongruência entre as propriedades semântico-formais da construção. No caso da CSSEA, a aparente incongruência está entre o operador escalar, o sufixo de intensificação superlativa *-íssimo*, e o item lexical graduado por ele. (MACHADO, 2011)

tendência de público/falante no uso de tal construção, como sugerem os estudos de Gonçalves (2002, 2003) resenhados nesta subseção.

A partir das análises realizadas e dentro da visão holística que emerge do conceito de construção, Machado (2011) reconheceu que a tensão entre os constituintes das unidades que morfologicamente constituem a CSSEA, em vez de gerar agramaticalidade, faz emergir um novo padrão construcional no Português, com sentido e uso peculiares. Os desencontros, segundo ela, não criam incongruências semânticas, mas acabam atuando no discurso como gatilhos para um ajuste de interpretação, fazendo emergir novas construções, com novas funções dentro do sistema linguístico.

A importância do trabalho de Machado (2011) para a análise a ser empreendida nesta tese é fundamental, pois, como explicitado, este estudo está inserido no mesmo projeto, o que implica um esforço partilhado para a descrição da rede de Construções Superlativas no Português do Brasil. Além disso, vale ressaltar o caráter inaugural do estudo de Machado – o primeiro a investigar uma construção superlativa morfológica em nosso grupo de pesquisa, fornecendo *insights* e subsídios teóricos e analíticos consistentes para os estudos que, como o nosso, o sucederam.

3.2.2 Os estudos sobre a marcação prefixal de grau

Mais escassos que os trabalhos sobre sufixação, nossa busca nos levou a três estudos que abordam a prefixação de modo mais amplo e/ou mais restrito focalizando a marcação de grau - uma dissertação de mestrado (CAVALCANTI, 1980) e um artigo de Ribeiro (2006) que confronta seus achados, e um artigo de Sandmann (1987). Passemos às suas resenhas.

A partir de uma abordagem gerativista, Cavalcanti (1980) analisa a situação de alguns prefixos relevantes do Português. O objetivo é descrever, de maneira geral, as

condições que possibilitam aos falantes analisar, relacionar e criar formas derivadas com os prefixos pesquisados (*re-*, *ex-*, *in-*, *super-*, *sobre-*, *entre-*, *inter-*, *pre-*, *ante-*, *sob-*, *so-*, *sus-*, *su-*, *soto-*, *sota-*).

Considerando as abordagens da Gramática Tradicional e do Estruturalismo linguístico sobre tais morfemas, Cavalcanti ressalta a ausência de uma atenção especial ao aspecto criativo da língua nessas abordagens, amplamente privilegiado pela teoria gerativo-transformacional. Nos termos de tal teoria, a criatividade assim se expressa: “o conhecimento que o falante nativo tem sobre o léxico de sua língua é de importância capital na medida em que é tal conhecimento que habilita os falantes a formar, analisar e relacionar palavras” (CAVALCANTI, 1980, p. 9).

As escolhas metodológicas, também em coerência com o modelo gerativista, envolvem a realização de testes (teste de reconhecimento dos prefixos e teste de verificação da produtividade) com um grupo de dez falantes do português, de nível superior, visando à homogeneidade dos resultados. Ambos os testes usados são escritos e constituídos de frases que contém formas derivadas por prefixação, não só pertencentes ao léxico, como também formas criadas para a investigação. A autora atribui relevância ao uso de frases e não somente ao das formas derivadas soltas por reconhecer a imposição do contexto que sugere ou determina os diversos comportamentos semânticos das palavras do texto.

A partir deste enquadre teórico claramente sustentado, Cavalcanti analisa cada prefixo em particular. Como o foco do nosso trabalho são os prefixos que demarcam grau, interessa-nos especificamente a descrição do prefixo *super-*, baseada nos testes realizados com os falantes selecionados³⁹. É esta análise que passamos a descrever.

³⁹ Os testes de reconhecimento e produtividade relativos ao prefixo *super-* estão em Cavalcanti (1980, p. 275-315).

O que o trabalho aponta, em termos gerais, é que o prefixo *super-* aparece para intensificar a base verbal, substantiva ou adjetiva com que se combina. Tendo isso em vista, Cavalcanti descreve cada uma das formações (prefixo + base adjetiva, prefixo + base substantiva, prefixo + base verbal), sendo esta última combinação a de maior relevância para nossa análise (cf. cap. 5).

Baseando-se na noção de aceitabilidade - “o que é possível é provável” - os resultados dos testes com relação ao uso de ***super-*** mais **base verbal** apontaram os seguintes verbos passíveis de intensificação:

- a) verbos que expressam sentimentos ou processos mentais em geral, como em (1) *superabundar, superestimar, superexaltar, superexcitar, superativar, supersaturar, superagitar, superproteger, supersensibilizar, superentender.*
- b) verbos de ação que admitem que o processo por ele expresso possa ser ele mesmo intensificado, como em (2) *supertrabalhar, superlimpar, superorganizar, superocultar, superprocurar, superfalar, superbater, superavisar.*

No que se refere aos verbos de ação, alguns não foram considerados passíveis de intensificação pelos falantes entrevistados. São esses os verbos de movimento que implicam o deslocamento especial de um ponto A a um ponto B e os verbos cuja ação se desenvolve num espaço determinado, tais como em (3) **superandar, *superpassar, *supercaminhar, *supernavegar.*

A autora considera que o processo verbal das bases expressas em (3) não pode ser ele mesmo intensificado, já que somente o resultado de tal processo admite intensificação, ou seja, o espaço que se andou, que se passou, que se caminhou, que se navegou, etc. Dizer que o *super-* das formas em (3) é intensificador implicaria em admitir que este estaria intensificando a base verbal e provavelmente, segundo Cavalcanti (1980, p. 85),

os falantes que identificaram o *super-* como intensificador nesses casos (dois falantes em dez) confundiram a intensificação do resultado do processo verbal com o próprio processo verbal.

Outros exemplos de verbos de ação em que a tentativa de intensificação através do prefixo *super-* resulta em formas consideradas pelos falantes testados como “sem sentido”, são os seguintes: (4) *superbeber*, *supercomer*, *supercantar*, *supercomprar*, *supervender*, *superganhar*, *superfazer*, já que o que pode ser intensificado é o resultado do processo verbal (a quantidade ou qualidade do que se bebeu, comeu, comprou, etc.), mas não a ação expressa pelo verbo. Um exemplo dado por Cavalcanti é a frase *Paulo supercomeu batatas*, entendida pela maioria dos falantes entrevistados como *Paulo comeu uma grande quantidade de batatas* e não como a intensificação da ação verbal ‘comer’ em si.

As análises do ***super-* com base substantiva e adjetiva** mostram que este prefixo confere às bases a ideia de intensidade. Os testes de Cavalcanti (1980, p. 95) provaram que, ao se combinar com qualquer base substantiva (indiferentemente com substantivos concretos ou abstratos), tal prefixo vai funcionar como intensificador desta base, tanto em termos qualitativos como quantitativos, como nos exemplos em (5) *supercampeão*, *supergaláxia*, *supermercado*, *super-homem*, *superpopulação*, *supersalário*, *superprodução*, *superparcela*, etc. Segundo Cavalcanti (1980, p. 96):

O teste de verificação da produtividade mostrou que os falantes aceitaram perfeitamente as novas formas criadas por nós a partir da adição do prefixo *super-* a bases substantivas para intensificá-las, quer em quantidade quer em qualidade, como *supercasa*, *supercirurgião*, *super-relógio*, *supervisão*, *superpai*. Podemos, pois, afirmar que o *super-* como intensificador com base substantiva apresenta-se como produtivo. (CAVALCANTI, 1980, p. 96)

Com relação ao prefixo *super-* em formações adjetivas, os testes mostraram que ele ocorre com todo e qualquer adjetivo, quer primitivo quer derivado, que possa ser

intensificado, como em (6) *superdivino*, *supernatural*, *supercivilizado*, *superfino*, *superfeliz*, *superciumento*, *supergordo*, etc.

O trabalho desenvolvido por Cavalcanti (1980), além de ser o único encontrado em que se abordam unicamente os prefixos do Português, nos brinda com algumas considerações mais singulares a respeito do prefixo *super-* mais base verbal que, de algum modo, serão consideradas em nossas análises. Instiga-nos, em especial, a comparação entre o julgamento dos falantes, obtido através da noção de **aceitabilidade** - em testes com frases inventadas, com formações prefixais existentes ou não, há três décadas - com os usos atuais comprovados através de *corpora* naturais (cf. cap. 4), em uma abordagem construcionista ancorada na noção de **probabilidade**, i.e., na noção de que “o que é possível nem sempre é provável” (cf. seção 4.1).

Aliás, este desafio de confronto que nos instiga já foi usado como gancho para o estudo de Ribeiro que, em artigo de 2006, compara seus achados sobre a expansão da utilização do prefixo *super-* com base verbal às postulações feitas por Cavalcanti em 1980.

Partindo de um viés teórico diferente do quadro gerativista que configurou a pesquisa de Cavalcanti (1980), Ribeiro, na tentativa de estudar os usos emergentes com *super-*, começa por buscar exemplos reais em *blogs* e em outras modalidades do gênero na internet. Assim, novas construções do prefixo *super-* mais a base verbal são encontradas - *super olhando*, *super namorando*, *super achando*, *super cantando*, *super falando*, *super malhando*, *super chegando*, *super fazendo pose* - que desmentem os julgamentos de aceitabilidade resultantes dos testes com falantes no estudo em confronto. Em vez de formações “não possíveis, não aceitáveis no Português” tais formações novas são passíveis de entendimento por todos os usuários, os quais são capazes de perceber o conteúdo semântico pretendido pelos enunciadores (RIBEIRO, 2006, p. 142).

Para o autor, esses processos são justificados pela necessidade dos jovens de expressarem a intensidade de suas sensações e de se constituírem como uma camada diferenciada. O trecho a seguir, usado como exemplo, traz a percepção que o próprio usuário da língua tem desses novos usos com o prefixo *super-*: “*Eu tô super achando engraçada essa nova gíria. Não é que eu acho super engraçada. É que eu super acho. Super viu a diferença?*” (RIBEIRO, 2006, p. 143).

O trabalho de Ribeiro (2006) funciona, para esta tese, como mais uma evidência da expansão do uso dos prefixos para marcar intensidade em língua portuguesa, mas em termos teóricos, metodológicos e analíticos ele não traz grandes contribuições. O próprio autor assume os limites de sua análise ao afirmar que o trabalho pretendeu ser apenas um demonstrativo das ferramentas disponibilizadas pelo léxico do português para expressar intensidade – no caso, com o prefixo *super-*.

Retomando a década de 1980, temos o estudo de Sandmann (1987)⁴⁰ que tem como propósito “verificar o que há de novo, em termos de elementos e de modelos, na formação de palavras do português” (SANDMANN, 1987, p. 55-56). Para tanto, o autor vale-se de um *corpus* constituído por 1.128 palavras colhidas em 42 jornais diários brasileiros do ano de 1984 (Jornal do Brasil, o Globo e o Estado de São Paulo).

Dentre todos os afixos descritos por Sandmann, interessam-nos os afixos de grau, mais especificamente os prefixos de grau. Os aspectos gerais dos afixos de grau foram por ele apresentados nos termos seguintes:

Afixos de grau ou intensidade são sufixos ou prefixos que se juntam normalmente a substantivos, adjetivos e advérbios (**feriadão, tainhota, nervosíssimo, nervosão, nervosinho, pertinho, supertime, arquiépiscopal**) e só mais raramente a verbos: **supervalorizar, correndinho**. É esse, aliás, um processo extremamente fértil no português bem como nas demais línguas românicas, à exceção do francês (SANDMANN, 1987, p. 56).

⁴⁰ Este estudo dá prosseguimento à sua tese de doutoramento intitulada ‘Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo’ (1986).

No que se refere aos sufixos de grau, Sandmann apresenta os sufixos *-érrimo*, *-íssimo* e *-aço/aça*, enfatizando as novas formações por ele encontradas (*cafonérrimo*, *chiquérrimo*, *simplérrimo*, *bacanérrimo*, *longérrimo*, *elengantérrima*, *campeoníssimo*, *estrelíssima*, *partidíssima*, *gatíssima*, *panteríssima*, *barulhaço*, *badernaço*).

Ao tratar dos prefixos *macro-*, *maxi-*, *micro-* e *mini-*, o autor traz à tona a discussão de serem essas formações composicionais ou prefixais. O posicionamento de Sandmann é claro:

A justificativa de tratar esses morfemas como prefixos e não como radicais presos tem fundamento no fato de com eles se formarem palavras complexas em série e principalmente no de se unirem também facilmente a palavras vernáculas de uso informal: *macroassalto*, *maxicasaco*, *microtrator*, *miniposto*, etc (SANDMANN, 1987, p. 59).

Além desses argumentos, Sandmann também destaca, como um dos fatores para diferenciar a prefixação da composição de base presa, a característica de os prefixos veicularem ideias mais gerais. Assim, o autor apresenta uma lista dos prefixos que, em seu julgamento, veiculam conteúdos ditos gerais (*micro-*, *pseudo-*, *macro-*, *super-*, *anti-*, *neo-*, *hiper-*, *maxi-*, *semi-*, *mega-*, *mini-*, *vice-*), e que, por isso, responderiam por uma maior produtividade, recorrência e por uma produção quase que em série.

No *corpus* constituído por Sandmann foram registradas as seguintes formações novas com os prefixos de grau em estudo na presente tese: *macroassalto*, *macroempresa*, *maxidesvalorização*, *microcircuito*, *microcomputador*, *microempresa*, *microempresário*, *microfestival*, *microinformática*, *microprocessador*, *microtrator*, *minibloco*, *miniblua*, *minidesvalorização*, *minigênio*, *minijornal*, *miniposto*, *minirreforma*, *minissérie* (SANDMANN, 1987, p. 59-60).

O autor destaca ainda a ocorrência desses prefixos como abreviações convertidas em substantivos: (a) macro (empresa), (a) maxi (desvalorização), (a) micro (empresa), (o) micro (computador), (a) mini (desvalorização).

Indagando sobre o porquê do uso crescente desses prefixos, o autor responde afirmando que os mesmos não estão tão carregados de emotividade como eventualmente podem estar os sufixos de aumento ou diminuição. Para Sandmann (1987, p. 60), essa ausência de elementos emocionais favoreceria o emprego crescente em contextos formais ou técnicos. Para ele, os prefixos têm, na verdade, função adjetiva e são os determinantes da estrutura lexical gerada.

O trabalho de Sandmann (1987), embora tenha um caráter introdutório, de apresentação das novas formações encontradas por ele no *corpus* utilizado, partilha com o presente estudo uma preocupação, qual seja, a de buscar exemplos reais em uma base de dados. Com isto, nos traz, da década de 80, evidências de produtividade de formações distintas com prefixos de marcação de grau focalizados em nosso estudo.

3.2.3 A marcação de grau por afixação nos Manuais de Morfologia e nas Gramáticas de Uso

Uma avaliação em torno do tema do uso dos prefixos e sufixos como marcadores de grau nos Manuais de Morfologia e nas Gramáticas de Uso resultaram em mudanças de abordagem.

Os Manuais de Morfologia de Laroca (2011), Gonçalves (2011) e Basílio (2007, 2011), não apresentam abordagens muito divergentes das apresentadas nas Gramáticas Tradicionais (cf. seção 3.1) a respeito dos processos de afixação para a marcação de grau,

mas ressaltam – embora de modo pouco desenvolvido – a emergência de algumas construções de grau prefixais e/ou sufixais e as restrições de uso a que estão submetidas.

As considerações elencadas nesses manuais nos fornecem pistas e nos indicam lacunas a serem preenchidas no estudo dos prefixos como marcadores de grau na língua. As abordagens mais relevantes estão adiante.

Laroca (2011, p. 74), ao tratar dos processos de formação de palavras, em especial da derivação, apresenta o que ela denomina de *neoprefixos* - morfemas que se comportam como afixos e que formam palavras veiculadas constantemente na mídia, listando os seguintes exemplos:

Macro – (longo, grande): macrovida, macroeconomia, macrocosmo; **Maxi** – (máximo, muito grande): maxipão, maxicasaco, maxissaia, maxivestido, maxidesvalorização; **Mega** – (grande): megaempreendimento, megaespeculador, megacomício, megacantor, megacidade, megavenda, megapanelaço; **Micro** – (muito pequeno): micro-ônibus, micro-onda, microempresa, microfilme, microcomputador; **Mini** – (pequeno): minissaia, minimercado, minipreço, minissérie; **Neo** – (novo): neonazismo, neofascismo, neomodernismo, neoliberalismo; **Pseudo** – (falso): pseudo-intelectual, pseudomédico, pseudopornô. (LAROCA, 2011, p. 74)

Laroca (2011) discute, tendo como base o que diz Basílio (2007), sobre o fato de alguns ‘radicais’ se comportarem como afixos devido ao uso, ou seja, algumas bases se tornaram tão comuns em nossa língua que estão em vias de se transformarem em verdadeiros afixos. No caso dos chamados *neoprefixos* por Laroca, as gramáticas e a própria Basílio (2011) já os classificam como prefixos.

Dos sete *neoprefixos* listados por Laroca, cinco deles (*mega-*, *maxi-*, *macro-*, *micro-*, *mini-*) fazem parte da lista de prefixos de grau que integram a Construção Prefixal de Modificação de Grau. Isso sugere e reforça nossos achados (cf. cap. 5), portanto, acerca da emergência relativamente recente de novos usos com essas formas.

Basílio (2011), por sua vez, destaca, dentro da derivação, um processo de formação de palavras que não está necessariamente ligado à mudança de classe - a expressão de grau. A linguista ressalta a expressão de dimensão (Era uma *bonequinha* mínima) ou intensidade (João é *intelligentíssimo*) veiculada pelo grau morfológico em que, não havendo mudança de classe, fica ausente qualquer motivação gramatical.

Dando destaque aos sufixos marcadores de grau, tanto no aumentativo quanto no diminutivo, Basílio (2011, p. 69) simplesmente cita alguns prefixos que atuam na formação do aumentativo: “os prefixos mais usados são *macro-*, *mega-*, e *super-*: macroestrutura, macroeconomia, macrotexto; megainvestidor, megaespeculador, megacorrupção; supermercado, supermãe, supercomputador”.

Ao tratar, em 2007, do fator emocional e sua expressão morfológica, onde inclui a pejoratividade e o grau, Basílio faz interessantes considerações sobre marcas de intensidade advindas do uso de prefixos. Em suas palavras:

[...] para indicar uma qualidade especialmente positiva é usada a composição de *super-* com adjetivo ou substantivo: superescola, superluxo, supertroca, superinteligente, etc. A composição com *super-* tem como acepção primária a expressão de grau de intensidade. Dessa noção passa-se à noção de intensificação positiva. Observem que composições com *super-*, via de regra, não funcionam com bases de valor negativo: super-riqueza/*superpobreza, superinteligente/*superburro, supereficiente/*superdeficiente. Uma situação semelhante à de *super-* é a de *ultra-*: ultrasimpático, ultramoderno, ultranacionalista. Nesse último caso, porém, o traço dominante é o de marca de intensidade e não há rejeição a bases de semântica negativa. Formações como ultradeprimido, ultraproblemático, ultradeselegante, etc., são corriqueiras (BASÍLIO, 2007, p. 93-94).

A prefixação é, para Basílio (2007), um caso claro de formação de palavras com função puramente semântica. Isso significa que tal fenômeno não apresenta função gramatical de mudança de classe, o que é evidente, já que a adição de prefixos não muda a classe da palavra e nem mesmo estabelece subclasses. Para Basílio (2007, p. 73):

[...] utilizamos a prefixação para formar uma nova palavra pela alteração semântica previsível da palavra derivante, efetuada pela adição do prefixo. Por exemplo, utilizamos a prefixação para formar a palavra *desmarcar* da palavra *marcar*, adicionando o prefixo *des-*, que traz a noção de reversão. (BASÍLIO, 2007, p. 73)

De fato, é Gonçalves (2011), ao propor uma discussão sobre as diferenças entre flexão e derivação – que não vem ao caso neste trabalho – que mais explicitamente elabora um pensamento a respeito da veiculação da noção de intensidade por prefixos e sufixos. O gatilho para o autor entrar nessa discussão é a tentativa de marcar claramente a diferenciação entre flexão e derivação ao afirmar que “quando há concorrência de estratégias para exteriorizar determinado conteúdo, o afixo deve ser analisado como derivacional”. É o que, para ele, acontece com o sufixo *–íssimo*, já que o conteúdo de intensidade que ele veicula não se manifesta somente por esse afixo. Para Gonçalves (2011, p. 21):

[...] em português, vários formativos expressam esse significado e, por isso mesmo, o falante não precisa recorrer a *–íssimo* para intensificar um adjetivo como ‘linda’, por exemplo: pode utilizar prefixos (‘superlinda’, ‘hiperlinda’, ‘ultralinda’) ou outros sufixos superlativos (‘lindésima’, ‘lindinha’, ‘lindona’, ‘lindérrima’ ou mesmo ‘linderérrima’). (GONÇALVES, 2011, p. 21)

O que se tem, portanto, é uma opção pelo sufixo *–íssimo*, ou qualquer outro dependendo do falante, uma vez que na língua há outros afixos que remetem ao conteúdo expresso por *–íssimo* e uma vez que não há contexto sintático que determine seu uso (cf. subseção 3.2.1).

No que concerne às recentes publicações de gramáticas do Português Brasileiro (PB) escritas por linguistas e ora consultadas (CASTILHO, 2012; PERINI, 2010; MOURA-NEVES, 2000) há, sem dúvida, um significativo avanço em relação à descrição de nossa língua. Primeiro, porque, fugindo de uma tradição milenar de exemplos

literários, estas gramáticas buscam promover o uso efetivo do PB, valendo-se (por caminhos distintos) de um *corpus* natural mais diversificado. Segundo, porque, em distintos aspectos, questionam/confrontam ou enriquecem a descrição oferecida pelas gramáticas tradicionais, rompendo, inclusive, com a “fôrma” promovida pelo processo de gramatização⁴¹ das línguas desde o século V que estabeleceu o modelo greco-latino de gramática como modelar para toda e qualquer língua.

Tendo isso em vista, as Gramáticas de Uso do Português de Castilho (2012); Perini (2010) e Moura-Neves (2000) foram selecionadas para consulta e representam, portanto, obras que tratam da língua falada neste país. A busca, no entanto, não foi proveitosa em relação ao campo morfológico (o “patinho feio” da tradição linguística pós-estruturalista!) e ao tópico em estudo, uma vez que pouca contribuição analítica efetiva é encontrada nestas obras.

Somente Castilho (2010, p. 117), em sua Nova Gramática do Português Brasileiro, aborda brevemente a derivação, tratando-a como um processo de relexicalização ou reativação lexical – “um movimento mental por meio de que rearranjamos as categorias cognitivas e seus traços semânticos, realocando-as nas palavras, renovando assim o vocabulário”.

Apesar dessa nova perspectiva conceitual, a ideia de que na derivação se juntam prefixos e sufixos a um radical preexistente, criando palavras derivadas permanece em sua Gramática, sem tratamentos específicos aos processos de marcação de grau.

Apesar de serem obras cuja meta é buscar os resultados de sentido que emergem do uso, ou seja, partem do princípio de que “é no uso que os diferentes itens assumem seu significado e definem sua função” (MOURA-NEVES, 2000, p. 13), a Morfologia ainda

⁴¹ Por gramatização, deve-se entender o processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: a gramática e o dicionário. (AUROUX, 1992, p. 65 apud MIRANDA, 2008)

é subfocalizada - como em Castilho (2012) ou mesmo nem mencionada - como em Perini (2010) e Moura-Neves (2000). Essa constatação reflete, pois, a permanência da Morfologia na periferia dos estudos linguísticos e a pouca referência aos estudos já desenvolvidos nessa área.

3.3 Prefixação: um caso de derivação ou composição?

O processo de prefixação recebe, como vimos (cf. seção 3.1), tratamento bastante uniforme nas gramáticas tradicionais do Português: é considerada derivação afixal. Nos Manuais de Morfologia (cf. subseção 3.2.3), a prefixação também é tida como um processo de derivação pela maioria dos autores (LAROCA, 2011; GONÇALVES, 2011 e BASÍLIO, 2007, 2011), do mesmo modo que descreve Sandmann (1987) (cf. subseção 3.2.2).

No entanto, apesar da aparente consonância de abordagens a respeito da classificação da prefixação como um processo de derivação - perspectiva adotada nessa tese -, existe uma ampla discussão entre estudiosos da área. Em trabalhos mais recentes, vários autores destacam a íntima relação entre preposições e prefixos nas línguas naturais como um argumento que colocaria o processo de prefixação em oposição à sufixação. Booij (2005 apud GONÇALVES, 2012, p. 146) observa que, assim como no português, em francês e em holandês, várias partículas funcionam ora como preposições, ora como afixos. Hopper e Traugott (1993 apud GONÇALVES, 2012, p. 146) mostram que a evolução de preposições a prefixos constitui trajetória de gramaticalização muito comum nas línguas, sendo tênues as fronteiras entre essas duas categorias.

Discussão relativamente antiga, uma vez que Mattoso Câmara Jr. (1972, p. 51 apud GONÇALVES, 2012, p. 145) já dizia que “prefixos são preposições com traços

próprios, de natureza morfológica e semântica” e, por isso mesmo, não formariam palavras derivadas. Anos antes, na década de 1920, Manoel Said Ali já atentava para a falta de limites precisos entre a composição e a derivação usando o mesmo argumento: os prefixos, em sua maioria, são preposições e advérbios combináveis com outras palavras. No entanto, mantém a divisão tradicional – derivação (prefixação e sufixação) e composição – uma vez que para ele somente o argumento da origem dos prefixos não é suficiente para excluir a prefixação da derivação (GONÇALVES, 2012, p. 146-147). Mais que isso, do mesmo modo que há prefixos empregados como formas livres (eg. *sobre-*, *entre-*, *contra-*), há aqueles, como por exemplo *in-*, *des-* e *re-*, que só figuram como formas presas, isto é, agregados a uma base, como em *incapaz*, *desprender* e *reaproveitar*. Desse modo, a tese baseada na autonomia não se sustenta por completo e excluir a prefixação da esfera da derivação não parece ser uma solução plausível. Oliveira (2004, p. 44) endossa o raciocínio de Said Ali ao afirmar que “os prefixos não se comportam mais como preposições e estão longe de se igualarem a radicais quanto à sua carga semântica.”

As diferenças principais entre prefixos e sufixos foram, pois, listadas e discutidas em Gonçalves (2012, p. 155-156) com o intuito de embasar a classificação da prefixação. Os prefixos, ao contrário dos sufixos: (a) não modificam a classe das palavras a que se juntam ([des[leal]_{Adj}]_{Adj}; [pós[graduação]_s]_s); (b) não atribuem gênero; (c) contribuem com um significado não-nuclear na palavra complexa (não são cabeças semânticas); (d) não modificam o acento da base e têm autonomia fonológica, projetando uma palavra prosódica própria (os prefixos chamados composicionais (PC), mais numerosos na língua e que podem se estabelecer como formas livres (*auto-*, *ante-*, *contra-*, *extra-*, *hiper-*, *infra-*, *macro-*, *micro-*, *mono-*, *neo-*, *pseudo-*, *recém-*, *semi-*, *super-*, *ultra-*, *vice-*)); (e) submetem-se ao processo de truncamento, podendo ser utilizados como formas livres, por

metonímia (Já estou quase terminando a *pós*; Meu *time* agora é *tri*; Maria reatou com o *ex*; Montei uma pequena *micro*) e (f) não são utilizados com finalidades expressivas, ou seja, são desprovidos de função discursiva, sendo que nesse item Gonçalves (2012, p. 152) destaca os casos de gradação intensiva instanciados por elementos como *super-*, *mega-*, *ultra-* e *hiper-* (cf. cap. 5) que fogem à regra.

Desse modo, pode-se dizer que os prefixos, ainda que portadores de características comuns, divergem entre si em alguns aspectos, e em muitos aspectos da sufixação, o que nos obriga a considerar a prefixação como um processo heterogêneo, o que, de fato, não se coloca como um problema metodológico ou analítico neste trabalho tendo em vista que na Gramática das Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006) (cf. cap. 2), as unidades linguísticas são estruturas simbólicas, sendo que palavras derivadas (*sapat-eiro*), compostos (*baba-ovo*) ou expressões semiabertas (*dar uma x-da*), podem ser igualmente analisadas por meio de estruturas construcionais.

Após considerarmos as abordagens em torno das formações prefixais e sufixais de grau em Português que são relevantes para a análise da Construção Prefixal de Modificação de Grau empreendida no capítulo 5, partiremos para a apresentação da Metodologia utilizada neste trabalho.

4 METODOLOGIA

A natureza dos estudos sociocognitivos e construcionistas, subscritos no presente estudo (cf. cap. 2), sugere, como vimos afirmando reiteradamente, um recorte epistemológico que confere ao uso papel fundamental na emergência da Gramática e do Léxico de uma língua. Nesse sentido, as molduras comunicativas que configuram o discurso real dos falantes é que nos possibilitam apreender os diferentes matizes de seu conhecimento linguístico.

Tal relevância conferida ao uso pelos modelos linguísticos adotados nos direciona, conseqüentemente, para uma análise baseada em *corpora*. Deste modo, discorreremos primeiramente sobre a relevância dos *corpora* para as análises construcionistas (seção 4.1), para depois descrevermos o processo de coleta de dados empreendido, com a apresentação das ferramentas e *corpora* utilizados (seção 4.2).

4.1 A relevância dos *corpora* para análises construcionistas

A mudança de perspectiva empreendida pela Linguística Cognitiva no estudo da linguagem se reflete, em primeira mão, na consideração do relevo da experiência de todas as ordens na instituição dos complexos processos de significação na linguagem.

Nessa direção, Lakoff (1990) já argumenta em favor do que chama de “linguística empírica” e ressalta o compromisso do linguista em “caracterizar os princípios gerais que regem todos os aspectos da linguagem humana”⁴² (LAKOFF, 1990, p. 53). É fato que os construtos resultantes do experiencialismo lakoffiano (1980, 1983, 1990, 1993, dentre outros) puseram ênfase nos aspectos físicos, corporais da experiência humana em sua

⁴²Tradução nossa para: (...) commitment to characterize the general principles governing all aspects of human language. (LAKOFF, 1990, p. 53)

relação com o pensamento e a linguagem, o que não significa, contudo, negar o relevo da experiência cultural e social dentro do paradigma sociocognitivista. Assim, dar conta de aspectos gerais da cognição humana e de aspectos contextuais da língua em uso foi uma agenda encarada, de pronto, por este modelo. Exemplo disto, entre os precursores, está no desenvolvimento de uma semântica cognitivista fillmorianana baseada em *frames* - hoje a Semântica de *Frames* (cf. seção 2.2) - uma teoria fortemente alicerçada na experiência sociocultural e nos usos que os falantes fazem de sua língua.

Contudo, é sabido também que, pelo menos nas primeiras décadas de sua emergência, ainda que apontando a empiria, os passos metodológicos iniciais da Linguística Cognitiva implicaram tão somente - e na contramão da prática gerativista dos exemplos inventados - o uso de exemplos naturais da língua. Foram assim (e ainda é, em alguns casos) os trabalhos de Lakoff e Johnson (1980, 1999), de Fauconnier e Turner (2002), de Goldberg (1995, 2006), dentre muitos outros.

Assim, a confluência de parte das pesquisas sociocognitivistas em direção a uma linguística baseada em *corpus* é um passo mais tardio, uma tendência marcada neste século (GONZALEZ-MARQUEZ et al., 2007). A Gramática das Construções Cognitiva, enquanto um Modelo Baseado no Uso (cf. subseção 2.1.4.1), tem sido - assim como os estudos contemporâneos da metáfora, dos *frames*, dentre outros - um desses territórios investigativos em que ganharam força as análises de fenômenos linguísticos a partir de dados reais de fala e escrita extraídos de *corpora*. Neste enquadre epistemológico, a realidade fundamental da linguagem se define pela afirmação do uso como constitutivo da arquitetura cognitiva do léxico e da gramática. Assim, tais modelos configuram o olhar sobre as construções linguísticas a partir da enunciação de uma pessoa para outra em ocasiões particulares de uso. Daí o relevo dos *corpora*.

Tal direção teórico-metodológica de um modelo linguístico encontra reforço e evidências nas investigações construcionistas sobre a ontogênese da linguagem. Tomasello (1999, 2003), no que diz respeito aos processos de aquisição, enfatiza que a Gramática das Construções Cognitiva se alia muito naturalmente a perspectivas baseadas no uso. O pressuposto é que a aquisição de estruturas linguísticas particulares depende fortemente de línguas específicas a que a criança é exposta e que generalizações acontecem somente após um acúmulo significativo de material linguístico. A emergência da gramática na ontogênese depende, pois, da frequência de uso. As crianças não aprendem palavras primeiro para, então, associá-las em sentenças, elas aprendem construções como padrões de uso e é a relevância comunicativa desses padrões o valor determinativo da aquisição (MIRANDA, 2008).

Na contramão dos modelos gerativistas de representação gramatical, nos quais a estrutura das formas gramaticais determina sua representação na mente dos falantes, nos Modelos Baseados no Uso são as propriedades de uso de construções em situações de comunicação específicas que vão determinar a representação de unidades gramaticais na mente do falante.

Os modelos formalistas tradicionais, por exemplo, fazem uma nítida distinção entre formas regulares e irregulares. As formas flexionadas regulares, como o plural *boys* para a palavra *boy* são derivadas de uma regra geral de formação de plural na língua inglesa pela adição do *-s*. As formas irregulares, por sua vez, como o plural *feet*, não têm uma relação direta que associe a forma no singular (*foot*) e a forma no plural (*feet*). Uma vez que não pode ser derivada de uma regra geral, as formas plurais irregulares são listadas no léxico como idiossincrasias, passando a compor a lista aleatória dos “fora da lei” (CROFT; CRUSE, 2004, p. 292). No caso dos Modelos Baseados no Uso, duas propriedades fundamentais são assumidas para a representação gramatical: a frequência

de ocorrência e a frequência de tipos das construções. A busca é, pois, por uma gramática maximalista em que todas as construções de uma língua – não apenas as ditas regulares – são passíveis de descrição. Nos termos de Salomão (2009, p. 34):

[...] incorporando as informações do uso, a gramática resultante terá um perfil inequivocamente maximalista, outra vez em completa contradição com a tradição ainda hegemônica. Maximalista em duas direções: primeiro, com relação à natureza do que seja conhecimento linguístico, condição que determina, inclusive, uma radical mudança no entendimento do que constitua a aquisição deste conhecimento. Segundo, porque (...) a gramática se apresenta como uma rede de signos investidos de uma 'dimensão' dual, para homenagear Saussure outra vez. (SALOMÃO, 2009, p. 34)

De modo geral, os Modelos Baseados no Uso vão operar, como dito acima, com duas propriedades fundamentais, os conceitos de **frequência de ocorrência** (*token frequency*) e **frequência de tipo** (*type frequency*), apresentados detalhadamente na subseção 2.1.4.1.

Em suas definições, a frequência de tipo determina o grau de produtividade de uma construção e a frequência de ocorrência determina o seu grau de entricheiramento na língua (cf. subseção 2.1.4.1), o que implica dizer que dependemos dos *corpora* linguísticos para termos acesso ao uso e, assim, atestarmos a existência dos padrões construcionais produtivos e/ou convencionalizados de uma língua.

Em termos gerais, a adoção de tal abordagem metodológica se justifica por apresentar (GRIES; DIVJAK, 2009):

- (i) várias instâncias do objeto, ao invés de julgamentos isolados;
- (ii) informações que emergem naturalmente dos dados, e que não refletem, necessariamente, um ponto de vista;
- (iii) os dados de diferentes maneiras, e não apenas da forma que possa ser julgada importante;

- (iv) uma identificação *bottom-up*⁴³ de distinções importantes acerca do objeto.

Como se nota, o uso de *corpora* para análises construcionistas tem um forte endosso e, nesta direção, nossa intuição, enquanto linguistas, deve ser submetida aos dados reais de uso.

Essa virada metodológica empreendida na Linguística Cognitiva e nos seus modelos de representação gramatical baseados no uso implica, portanto, uma sólida divergência em relação ao cognitivismo chomskiano. Para os gerativistas a introspecção é o modo válido de acesso aos dados (daí os exemplos inventados pela intuição do pesquisador) que, por sua vez, são considerados como **possibilidades** linguísticas admitidas pelo conhecimento que o falante tem de sua língua. Por outro lado, dimensionados por uma perspectiva **probabilística** da linguagem, os modelos construcionistas defendem que, apesar de possíveis, estruturas linguísticas pontuais e descontextualizadas, podem não ser prováveis ou realizáveis no uso real da linguagem.

Tendo recorrido sobre o comprometimento da Linguística Cognitiva com a empiria, na seção seguinte apresentaremos as etapas envolvidas na coleta dos dados para a montagem do *corpus* da Construção Prefixal de Modificação de Grau.

4.2 A coleta dos dados

Firmada a relevância do uso de *corpora* para as análises construcionistas, deparamo-nos com dois pontos fundamentais que envolvem, em termos práticos, uma linguística baseada em *corpora*: primeiro, a possibilidade de utilização dos avanços tecnológicos disponíveis, como os *corpora* eletrônicos, as ferramentas computacionais e até mesmo o acesso facilitado à internet, que nos fornece uma infinidade de exemplos;

⁴³ Abordagens *top-down* e *bottom-up* (de cima para baixo e de baixo para cima, respectivamente).

segundo, a escassez de *corpora* tratados do Português Europeu e Brasileiro que são de livre acesso e que atendam, de maneira ampla, às diferentes necessidades das pesquisas empreendidas.

Outra questão polêmica está relacionada ao próprio conceito de *corpus*. Segundo Sanchez e Cantos (1996, p. 8-9)⁴⁴, *corpus* é

um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de alguns de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para descrição e análise. (SANCHEZ; CANTOS, 1996, p. 8-9 apud SARDINHA, 2004, p. 18)

Essa definição nos coloca diante de pontos relevantes como a origem do *corpus*, seu propósito, sua composição, formatação, representatividade e extensão. Sardinha (2004) destaca também a relevância de um *corpus* que possibilite a apreensão de uma variedade de registros, formais e informais do Português do Brasil e que abranja os mais diversificados gêneros textuais, com pluralidade de autoria e heterogeneidade.

Ante tal definição, cabe considerar o estado da arte em relação à constituição de *corpora* do Português. Temos (i) escassez de *corpora* tratados da Língua Portuguesa, em especial *corpora* orais; (ii) natureza restritiva da gama de gêneros textuais disponíveis; (iii) pouca representatividade de dados em termos da linha do tempo.

Diante de tal estado, um dilema se coloca para o investigador, qual seja, o de ater-se ao rigor da definição e desistir do objeto, ou proceder ao contrário. Tal limite se agrava quando se elege como objeto uma construção linguística mais periférica, mais frequente em gêneros de oralidade ou escrita informal, e/ou quando se propõe uma análise que abarca, de modo holístico, aspectos formais, semânticos e pragmáticos da construção em

⁴⁴Traduzido por Sardinha (2004, p. 18).

foco (É o caso de nossa abordagem sobre a Construção Prefixal de Modificação de Grau (cf. cap. 5)).

Tendo em vista este dilema, nossa resposta tem sido efetivamente não abrir mão do objeto e constituir nossos *corpora*⁴⁵ – com a devida clareza e consciência disto – com o rigor “possível”. Empurra-nos nessa direção a urgência em se descreverem os usos efetivos do léxico e da gramática do PB, em se retirar de debaixo do tapete montanhas de construções ditas idiossincráticas e sem qualquer estatuto em nosso sistema linguístico. Aliás, como em formas outras de experiências, para além da linguagem, vividas neste século em nossa sociedade, a periferia não quer/pode mais esperar e tem muito a dizer sobre a riqueza de nossa experiência, de nossa diversidade cultural!

Assim, ainda que por um caminho tortuoso, buscamos neste estudo construir um *corpus* que nos fornecesse informações minimamente satisfatórias do contexto no qual a construção se insere, tentando a apreensão de uma variedade de gêneros textuais, com registros formais e informais, e com pluralidade de autoria. Para tanto, recorreremos a fontes diversas, somando aos bancos de dados estruturados com mais rigor (*Corpus* do Português (subseção 4.2.2) e os *corpora* pertencentes ao Projeto Floresta Sintática (subseção 4.2.3), outros bancos menos estruturados, construídos através de ferramentas computacionais como o Web Concordancer Beta (subseção 4.2.1). Nossa busca inicial deu-se através desta ferramenta que nos propiciou bons resultados. A necessidade de verificar a presença da construção em dados mais formais, bem como sua emergência em um período plausível da história da Língua Portuguesa nos levou, a seguir, à busca nos *corpora* tratados supracitados.

⁴⁵Os trabalhos de nosso GP “Linguística e Cognição” do PPG Linguística da UFJF, coordenados pela Prof.^a Neusa Salim Miranda, voltados para construções periféricas e para uma abordagem de todos os seus aspectos descritivos, tem agido desse modo.

O passo inicial e que antecede à coleta dos dados consistiu na listagem dos prefixos superlativos que gostaríamos de investigar. Baseando-nos nas listagens fornecidas pelas Gramáticas Tradicionais (cf. seção 3.1) e Manuais de Morfologia (cf. subseção 3.2.3), fizemos a seguinte seleção: **super-, ultra-, hiper-, mega-, -arqui-, maxi-, macro-, mini-, micro-**.

4.2.1 A ferramenta Web Concordancer Beta

O Web Concordancer Beta (<<http://webascorpus.org/searchwac.html>>)⁴⁶ é uma ferramenta eletrônica que permite buscar no meio digital, através de uma palavra chave, a ocorrência de determinada construção. Para tanto, utiliza-se o *site* Bing (<<http://www.bing.com/?cc=br>>) como base de busca. O Bing é um *site* semelhante ao Google e, por isso, possibilita o acesso a uma grande diversidade de *sites*, como *blogs*, jornais e revistas eletrônicos, *sites* de compra, redes de relacionamento e etc. A vantagem oferecida pelo Web Concordancer Beta é que ele possibilita ao pesquisador, em ‘*Source Options*’, restringir o número de páginas em que será feita a pesquisa, podendo variar de 10 a 500 páginas, como ilustramos na Figura 2, a seguir, no item ‘*Maximum webpages to analyze*’. Contudo, o manual da ferramenta sugere que o limite fique entre 300 a 400 páginas, uma vez que o servidor pode sofrer restrições de tempo de execução e, ocasionalmente, não processar adequadamente as 500 páginas, caso selecionadas. O processo de busca efetua a pesquisa sempre das páginas mais recentes para as mais

⁴⁶Atualmente, quando acessamos o site <<http://webascorpus.org/searchwac.html>>, encontramos o comunicado de que o serviço deixou de funcionar em 1º de Agosto de 2012, quando o BingAPI foi aposentado. Os coordenadores do site ressaltam que ainda não identificaram um serviço alternativo que preencha todos os requisitos para substituir o Bing e lamentam o inconveniente para todos os usuários da Web como *Corpus*.

antigas. Nesse sentido, buscas realizadas em datas diferentes têm resultados diferentes, uma vez que o acervo de páginas do provedor é constantemente renovado.

O limite de ocorrências a serem encontradas em uma mesma página também pode ser especificado. Esse recurso possibilita o controle das repetições da construção em uma mesma página, podendo-se optar por 10 a 100 ocorrências por página (item '*Maximum matches to show per source webpage*' na Figura 2), uma vez que 100 é o limite estabelecido pelo servidor Bing. O programa também fornece a possibilidade de se especificar o número de palavras ao redor da construção, que pode ser de 50 a 1000 palavras, dependendo das necessidades de análise do contexto (item '*Context – chars before/after*' na Figura 2).

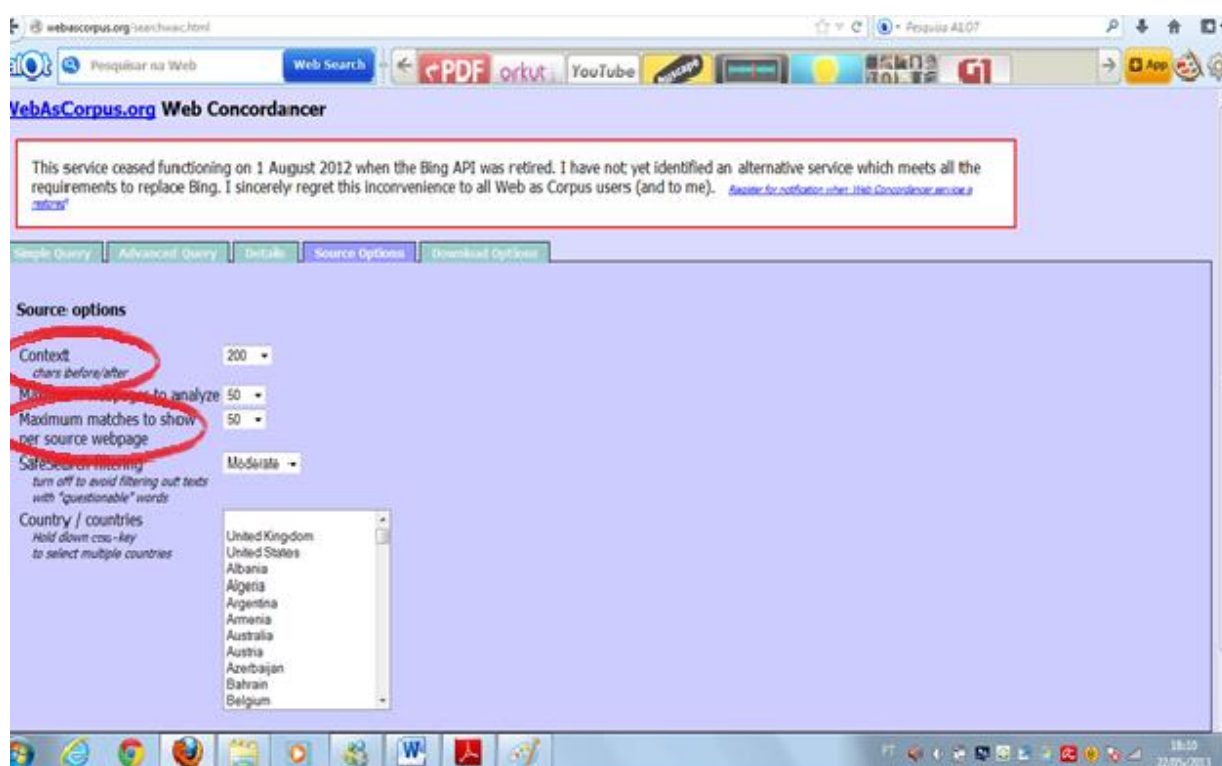


Figura 2: As opções de busca no Web Concordancer Beta

Selecionadas as especificações listadas acima, o resultado da busca é um documento em que aparece o item investigado, em destaque, dentro do seu contexto de

uso, com limites previamente estabelecidos. Os resultados ainda incluem algumas informações estatísticas, como o número de palavras e parágrafos que contém cada página e também uma média de palavras por parágrafo, o que possibilita a averiguação do universo que constitui o *corpus* específico. Além disso, o *link* da página e a indicação da linha em que aparece a construção são informações oferecidas pelo documento, o que possibilita que se retorne ao contexto original, caso necessário, com maior facilidade. No caso das buscas empreendidas para análise da Construção Prefixal de Modificação de Grau, as ‘palavras-chave’ foram os prefixos selecionados, e as ocorrências apareceram em trechos como os reproduzidos no Quadro 4 adiante:

[A uma amiga super, híper, mega especial... - YouTube](#) include in download >

next
<http://www.youtube.com/watch?v=G6fB58YmPjY> [556 words, 107 paragraphs, 5.2 words/para,](#) [updated 11/26/2011](#)
Uploaded by meloliver14 on Nov 20, 2010 FELIZ ANIVERSÁRIO, PINK! Category:
Music Tags: ANIVERSÁRIO License: Standard YouTube License. 2 likes, 0 dislikes.

- ...m palavras do tamanho do seu carinho... Tu és tão especial... Super, hiper, mega obrigada pelo melhor presente que recebi de alguém verdadeiramente amiga viu... Ihhhhhh eu só choro... Geeeeente eu amei as imagens, sua criatividade e a música... **Hiper** amei o vídeo Meeeeeeel, te doooooooooo! Bjuxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx-xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx OutraPink 1 year ago View all Comments » Reply Share Remove Flag for spam Block User Unblock User Loading... 3:00Add to Charlie Brown Jr. - Me...

[#DaniGarlet: Sugestões de looks - trabalho - ANA!](#) include in download >

next
<http://www.danigarlet.com/2010/04/look-para-ana.html> [1,351 words, 200 paragraphs, 6.8 words/para, updated 12/2/2011](#)
Como prometido para a Ana, aqui vão algumas opções de looks para o trabalho!

- ...ii DaniiiiAdorei tudoooooooooooooooooooooooo!!!Aproxima de mim este cálice! Quero tudoooooo!!!!Obrigada.Só vc pra fazer um post deste tamanho e tão cheio de coisa linda!Amiei tudo! 20 de abril de 2010 05:43 Ana Cristina disse... Eu super **hiper** amei o look romântico sim! Eu super **hiper** amei o boot rosa e tudo o mais! Agora tens que me ajudar a comprar as peças!Vemmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmmm pra Floripa! 20 de abril de 2010 05:46 Mo disse... Menina, vc arrasou nas dicas de looks! Realmente adoro combi...

Quadro 4: Exemplos da busca pela ‘palavra-chave’ *hiper-* no Web Concordancer Beta

Destacadas as vantagens de uso dessa ferramenta, ressalta-se que o trabalho de limpeza do *corpus* específico montado não é facilitado por ela. Necessitamos, ainda, realizar uma limpeza manual desses dados a fim de excluir ocorrências repetidas, por exemplo⁴⁷.

A busca empreendida a partir do Web Concordancer Beta ocorreu entre os meses de novembro de 2011 e março de 2012 e foi submetida às seguintes restrições:

- (i) Context: 200
- (ii) Maximum webpages to analyze: 400
- (iii) Maximum matches to show per source webpage: 50

O *corpus* específico da Construção Prefixal de Modificação de Grau montado a partir do Web Concordancer beta⁴⁸ e já devidamente limpo ficou com a seguinte configuração⁴⁹:

Prefixo	Número de ocorrências	Exemplos
SUPER-	400	<i>Foi excelente, a festa foi abençoada! felicidades e muita saúde ao A recepcionista foi muito atenciosa, o gerente Jonata também e foi super atencioso. Achei a festa super!!!</i> < www.estacaodofazdeconta.com.br/depoimentos-unidade-03-taquara/ >
ULTRA-	73	...a msm utilizada pelo no uno modelo 1985 ultra moderno ... e tem mais... o interio será todo revestido em plastico desenvolvido com muita tecnologia especialme... < http://quatorodas.abril.com.br/noticias/novo-palio-destaque-novembro-quatro-rodas-305825_p.shtml >
HIPER-	77	O produto é o melhor na sua área de atuação. 1 - concentração quase perfeita de carboidratos(90g) e proteínas(30g) em uma única dose de 120g, o que é raro em hipercalóricos . < http://www.treinomestre.com.br/hipercaloricos-o-que-sao-efeitos-e-como-tomar/ >
MEGA-	72	Eu mega amei o primeiro congresso de muitos! te amo DEUS. Simplesmente Sobrenatural... Gloria a nosso Eterno Deus!!!! < http://www.youtube.com/watch?v=NgFHc1orgc0 >

⁴⁷Cabe ressaltar que o trabalho de coleta de dados e a sua posterior limpeza para a montagem do *corpus* desta pesquisa contou com o auxílio das bolsistas do projeto “Construções Superlativas Morfológicas do Português”, Pilar Silveira Mattos e Leila Cruz Magalhães.

⁴⁸ *Corpus* específico da CPMG oriundo do Web Concordancer Beta em Anexo 1 – CD room que acompanha esta tese.

⁴⁹ As ocorrências oriundas da busca feita através do Web Concordancer Beta virão, na análise, identificadas por WCB.

ARQUI -	63	Só faltou dizer quem é o arquimilionário . Perguntado a alguns cariocas, ninguém sabe quem são os citados. Enviado por: Lu Lacerda. < ulacerda.ig.com.br/anuncio-misterioso-no-jornal-o-globo/ >
MAXI-	102	Aparecendo cada vez maiores, os maxi acessórios estão com tudo! < http://amomuito.com/blog/2011/08/17/maxi-acessorios/ >
MACRO-	21	Além do micro-ambiente de marketing, as empresas bem-sucedidas analisam constantemente o macro-ambiente , em busca de tendências e necessidades não ... < www2.anhembri.br/html/ead01/gestao_marketing/pdf/lu_02.pdf >
MINI -	46	...você que gosta de acampar, aproveite as novidades do mini trailer da dropcar! um novo jeito de aproveitar a vida com mais... < http://www.newracing.com.br >
MICRO -	20	Um micro vestido , usado no lugar certo, pela mulher certa, com as pernas certas...< http://microvestido.blogspot.com/ >
Total de ocorrências	874	

Tabela 4: Resultado da busca no Web Concordancer Beta

4.2.2 O Corpus do Português

O *Corpus* do Português de Michael J. Ferreira e Mark Davies foi selecionado por ser formado por 45 milhões de palavras de quase 57 mil textos, de diversos gêneros, em Português do século XIV ao século XX (o *corpus* não dispõe de dados do século XXI). Além disso, este *corpus* permite pesquisar palavras exatas ou frases, curingas, lemas, classes gramaticais, ou qualquer combinação destes. Proporciona também a pesquisa de palavras vizinhas (colocados) com um máximo de dez palavras de cada lado, além de informar o ano/século em que a ocorrência buscada foi produzida e o gênero a que pertence⁵⁰. (<<http://www.corpusdoportugues.org/x.asp>>) (cf. CARRARA, 2010). A organização do *corpus* pode ser visualizada através da Tabela 5 adiante:

⁵⁰A classificação de gêneros no *Corpus* do Português é problemática uma vez que há uma clara confusão entre as noções de ambiente de produção, modalidade (oral/escrita), gênero e tipo. Vale ressaltar também que esses “ditos” gêneros só são especificados em ocorrências do século XX.

PALAVRAS	SÉCULO	PAÍS	GÊNERO
550,968	XIII	Portugal	
1,316,268	XIV	Portugal	
2,875,653	XV	Portugal	
4,435,031	XVI	Portugal / Brasil	
3,407,741	XVII	Portugal / Brasil	
2,234,951	XVIII	Portugal / Brasil	
10,008,622	XIX	Portugal / Brasil	
3,087,052	XX	Portugal	Acadêmico
3,271,328	XX	Portugal	Notícias
3,048,020	XX	Portugal	Ficção
1,100,303	XX	Portugal	Oral
2,816,802	XX	Brasil	Acadêmico
3,346,988	XX	Brasil	Notícias
3,028,646	XX	Brasil	Ficção
1,078,586	XX	Brasil	Oral

Tabela 5: Características do *Corpus* do Português

A Tabela 6 adiante resume os resultados da busca⁵¹ por ocorrências da Construção Prefixal de Modificação de Grau⁵²:

⁵¹ As ocorrências oriundas da busca feita através do *Corpus* do Português virão, na análise, identificadas por CP.

⁵² *Corpus* específico da CPMG oriundo do *Corpus* do Português em Anexo 2 – CD room que acompanha esta tese.

Prefixo	Número de ocorrências	Exemplos
SUPER-	77	...recessão no Governo Collor, sobretudo em 1992, e porque o país tinha uma super reserva na construção de hidrelétricas. O país vinha numa marcha um pouco maior que... (19Or:Br:Intrv:Com)
ULTRA-	13	Era-lhe grata como se a sua existência fosse a última elegância esperada para fazer-la ultra superior. De resto custara, e muito até... (19:Fic:Br:Rio:Noit)
HIPER-	13	E, em a mesma lógica de preços baixos que aplica a o arroz, a a farinha e a os iogurtes, os hiper passaram a atrair ainda mais clientes vendendo gasolina mais barata que a concorrência. (19N:Pt:Público)
MEGA-	8	A descoberta foi feita no âmbito da mega acção de pesquisa sísmica desenvolvida em 1996 em vários concelhos do centro do País. (19N:Pt:Leira)
ARQUI-	33	...muito aplicável a quem ali chega depois da uma da tarde, vira eu o arquimilionário van Goope, esbofado, deixar-se cair ao comprido, atravessando-se nas portas prestes a... (19:Fic:Pt:Teixeira:Gente)
MAXI-	2	Porque senão fica exactamente aquela parte da perna que é mais feia, magrinha, à mostra. E.. A maxi fica bem a raparigas altas e, e bem lançadas. O ideal é a saia abaixo do joelho, é a moda...(19Or:Pt:CRPC)
MACRO-	42	Foi o responsável pela criação da parte da economia actualmente denominada macroeconomia . (19Ac:Pt:Enc)
MINI-	15	Raul, com o pensamento voltado para ambas as Dulces, adormeceu logo depois. no dormitório, trazendo o gorjeio de mini passarinhos e o odor de leite cru dos camburões na calçada. (19:Fic:Br:Carvalho:Somos)
MICRO-	156	São micro empresas que prestam serviços e que, na realidade, são os percursoros de um novo modelo de relacionamento. (19Or:Pt:Intrv:Web)
Total de ocorrências	359	

Tabela 6: Resultado da busca no *Corpus* do Português

4.2.3 O Projeto Floresta Sintática

O Projeto Floresta Sintática (<<http://www.linguateca.pt/floresta/principal.html>>) é uma colaboração entre a Linguateca e o Projeto VISL e contém textos em português do Brasil (PB) e de Portugal (PT) anotados e analisados pelo analisador sintático PALAVRAS. O projeto, iniciado em 2000, teve sua última atualização em julho de 2009, ano em que foi acrescentado novo material (novos textos) e novas etiquetas sintáticas.

Atualmente, a Floresta Sintática tem quatro partes, que diferem quanto ao gênero textual, quanto ao modo (escrito vs falado) e quanto ao grau de revisão linguística: o

Bosque, totalmente revisto por linguistas; a Selva (dividida em Selva Falada, Selva Literária e Selva Científica), parcialmente revista, a Floresta Virgem e a Amazônia, não revistos. Junto, todo esse material soma cerca de 261 mil frases (6,7 milhões de palavras).

A Tabela 7 abaixo sintetiza as características principais dos *corpora* que constituem o Projeto:

CORPUS	Floresta Virgem	Amazônia	Bosque	Selva Literária	Selva Falada	Selva Científica
Palavras	1.640.000	4.580.000	186.000	105.000	170.000	125.000
Frases	96.000	275.000	9.368	7.900	14.000	6.200
Revisão	não	não	integral	parcial	parcial	parcial
Variantes	PT – BR	BR	PT - BR	PT - BR	PT - BR	PT - BR
Gênero	jornalístico	opinião	jornalístico	literário	entrevistas/ debate	acadêmico/ informativo
Domínio	genérico	cultura brasileira	genérico	genérico	biografia/ política	educação/ psicolinguística/ computação/ economia/ ciências
Registro	formal	formal e informal	formal	formal	formal e informal	formal
Modo	escrito	escrito	escrito	escrito	falado	escrito
Origem	Jornais Folha de São Paulo e Público de 1994	Blog Overmundo consultado em setembro de 2008	Jornais Folha de São Paulo e Público	Textos literários (PB e PT) do final do século XIX ao início do século XX	Museu da Pessoa/ debates parlamentares	Bibliotecas universitárias/ Wikipedia

Tabela 7: Características do Projeto Floresta Sintática

Diante da diversidade de origens, gêneros e domínios abarcados pelos *corpora* que compõe o Projeto Floresta Sintática⁵³, supusemos que questões de ordem pragmática

⁵³ *Corpus* específico da CPMG oriundo do Floresta Sintática em Anexo 3 – CD room que acompanha esta tese.

e discursiva que envolvem os usos da construção em foco ficariam bem representadas pelas ocorrências colhidas. Não foi o que ocorreu, entretanto, sendo os resultados da busca⁵⁴ pouco produtivos, com exceção dos prefixos *super-*, *arqui-*, *macro-* e *micro-*, como mostra a Tabela 8 abaixo:

Prefixo	Número de ocorrências	Exemplos
SUPER-	119	A competitividade territorial está super na moda ", afirmou Regina Salvador, professora da Universidade Nova de Lisboa doutorada em Espaço e Economia e coordenadora do estudo " Vantagens Competitivas Regionais "(n=3515 sec=eco sem=98)
ULTRA-	10	...maldita modernidade e seus gráficos- ultra detalhistas.(id="3688" titulo="joystick-antinostalgia")
HIPER-	10	... modelos americanizados de art decò, pseudo pósmodernos, pseudo-neoclássico ou da hiper-exposição de alguns monumentos através da iluminação como a dos motéis) , a 'tética da arquitetura out door... (id="3277" titulo="salvador-um-teatro)
MEGA-	21	... investir em programas sociais e prosseguir na organização dos mega shows e, conseqüentemente, passar para a população a idéia de que não haverá necessidade de se votar na esquerda novamente. (id="1661" titulo="outro brasil somente com participacao-e-arte-1)
ARQUI-	153	No regresso, coube-lhe defrontar o Zaragoza, que num jogo da sua anterior passagem pelo clube andaluz encheria a parede do túnel de acesso ao relvado com fotos do seu arqui-inimigo Menotti. (par=ext31302-des-97a-2)
MAXI-	3	Mamãe, qual é melhor? Maxi com abas ou - estes super absorventes? - Gosto destes outros. - Querida, não precisa destes todos. (id = 91778 titulo = "mulher")
MACRO-	194	Também partilha a ideia de dividir as finanças e a economia em duas pastas, uma para a macroeconomia e outra para a micro?(par=ext1530275-pol-95b-2)
MINI-	14	Quero dizer que irei passar um tempo calado no meu blog de mini contos. (id="1614" titulo="e ainda dizem feliz ano-novo)
MICRO-	64	A partir dessa idéia inicial foi criado o micro doc Brasil, que é um projeto de uma série de micro documentários na qual serão usadas as técnicas de reportagem para televisão com o movimento " cinema processo "... (id="3625" titulo="lancamento da serie micro docs-brasil)
Total de ocorrências	588	

Tabela 8: Resultado da busca no Projeto Floresta Sintática

⁵⁴ As ocorrências oriundas da busca feita através da Floresta Sintática virão, na análise, identificadas por FS.

As restrições do *corpus* específico constituído, oriundas das dificuldades nas buscas, não nos impedem de realizar uma investigação profunda da construção eleita - a Construção Prefixal de Modificação de Grau. Os dados coletados, ainda que flexibilizada a noção de *corpus*, mostram-se suficientes para uma investigação dos padrões formais e semântico-pragmáticos da construção - o que será feito no próximo capítulo.

5 A CONSTRUÇÃO PREFIXAL DE MODIFICAÇÃO DE GRAU

A formação aqui recortada como objeto de estudo se constitui de um elemento mórfico, via de regra, antepositivo, que expressa modificação de grau (super-, ultra-, hiper-, mega-, arqui-, maxi-, macro-, mini- e micro-) e que se combina com quatro distintas categorias: substantivos, adjetivos, advérbios e verbos, como ilustram os exemplos de 21 a 24:

- (21) ... ela gostaria de saber como as meninas podem usar um **maxi brinco**, em diversas ocasiões. (WCB) <<http://juliapetit.com.br/moda/truque-brincao>>
- (22) Ontem nós postamos por aqui um tutorial **super legal** para as unhas! Mas, além de deixar as unhas lindas, que tal enfeitar as mãos com belos anéis? (WCB) <<http://www.myglossacessorios.com.br/blog/maxi-aneis-2/>>
- (23) Noivinhas, a data para o meu casamento está **megalonge**, fico olhando coisas de casamento e bate uma ansiedade ... (WCB) <www.casamentos.com.br > ... > Fórum Casamentos.com.br > Debate>
- (24) **Hiper amei** a história!!! Eu usei a mesma renda de minha mãe em duas ocasiões: no meu noivado e no meu casamento... (WCB) <<http://www.sayido.com.br/archives/1094>>

A partir do recorte explicitado, os objetivos deste estudo assim se definem:

1. Postular a existência de um padrão construcional mórfico que recubra, de modo holístico, tais formações;
2. Propor uma análise dos polos semântico e formal deste padrão construcional, bem como das dimensões discursivas envolvidas em seu uso sincrônico;

3. Sustentar, empiricamente, articulações teóricas entre Morfologia Derivacional e Gramática das Construções implicadas nesta construção.

Ante tais metas, apresentamos duas teses teóricas que, de modo decisivo, servem de alicerce às nossas decisões analíticas mais básicas:

- **Tese 1: Morfemas são construções.**

Conforme visto (cf. subseção 2.1.2), um ponto fundamental definidor da GRCC (GOLDBERG, 1995, 2006) é a postulação da construção como a **unidade básica da gramática**. Nesse sentido construções, enquanto pares de forma e modos de significação semântico-pragmática, **incluem unidades de todos os níveis**: morfemas ou palavras, expressões idiomáticas, padrões sintáticos mais abstratos ou genéricos, padrões parcialmente ou totalmente preenchidos lexicalmente. No campo específico da Morfologia esta tese é também sustentada por Rhodes (1992) (cf. seção 2.4) que entende o morfema como um mapeamento complexo, uma correlação entre forma e significado com possibilidades similares às unidades básicas tratadas pela GRCC.

- **Tese 2: Os elementos mórficos antepositivos de grau (super-, ultra-, hiper-, mega-, archi-, maxi-, macro-, mini-, micro-) são prefixos.**

Os elementos mórficos antepositivos de grau recebem tratamento bastante uniforme nas gramáticas tradicionais do português (cf. seção 3.1); são considerados prefixos e integram o processo de derivação. Apesar da maior independência dos prefixos com relação aos sufixos, já que aqueles se originam, em geral, de advérbios ou preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua, podendo aparecer associados a um EC Escopo que é uma Instanciação Nula (cf. subseção 5.1.4), sustenta-se, de modo hegemônico, tanto na tradição gramatical quanto linguística (cf. Manuais de Morfologia,

subseção 3.2.3; Sandmann (1987) e outros, subseção 3.2.2) este estatuto mórfico. Nessa esteira, apesar da condição híbrida de tais elementos mórficos, estamos assumindo a perspectiva de que são afijos dada, fundamentalmente, as bases generalistas de sua semântica. Este é um dos fatores para diferenciar a prefixação da composição de base presa – afijos veiculam ideias mais gerais e, por isso, são recorrentes o suficiente para gerarem padrões construcionais.

Tais teses, vinculadas ao escopo teórico sociocognitivista e construcionista apresentados no capítulo 2 e às contribuições descritivas do capítulo 3, formam o solo para o desenvolvimento de nossos procedimentos analíticos guiados pelas seguintes hipóteses de trabalho:

- **Hipótese 1:** Os prefixos arrolados (super-, ultra-, hiper-, mega-, archi-, maxi-, macro-, mini- e micro-), em fusão com os escopos substantivo, adjetivo, advérbio e verbo formam uma unidade mórfica complexa em termos semântico-formais, um padrão genérico - a Construção Prefixal de Modificação de Grau (CPMG);
- **Hipótese 2:** A CPMG apresenta subpadrões construcionais que se integram a uma rede hierárquica no Português;
- **Hipótese 3:** Existe uma escala semântica crescente/decrescente entre os Marcadores de Grau desta rede;
- **Hipótese 4:** os sentidos construcionais da CPMG e de sua rede se multiplicam mediante a dimensão do jogo discursivo.

Frente ao anunciado, a análise empreendida está organizada da seguinte forma: primeiro, a apresentação da construção e dos Elementos Construcionais (EC) que a integram (seção 5.1). A subseção 5.1.1 traz a apresentação da Construção Mórfica de Modificação de Grau, nos termos de uma formalização “em prosa” (Fillmore et al., 2012), estabelecendo uma relação com a CPMG nos seus dois subpadrões: a Construção Prefixal

de Modificação de Grau Substantiva (CPMG Substantiva), que será tratada na subseção 5.1.2; e a Construção Prefixal de Modificação de Grau Predicadora (CPMG Predicadora), apresentada na subseção 5.1.3; em seguida, à subseção 5.1.4, trataremos dos usos dos prefixos (super-, ultra-, hiper-, mega-, archi-, maxi-, macro-, mini- e micro-) associados a um EC Escopo que se manifesta como uma Instanciação Nula. Os processos de renovação e ampliação de uso são postos em análise na descrição de cada subpadrão da CPMG. Por fim, na subseção 5.1.5, é a dimensão pragmática e discursiva da CPMG que será discutida.

5.1 A Construção Prefixal de Modificação de Grau e seus constituintes

A Construção Prefixal de Modificação de Grau (CPMG) tem no rótulo sua definição - uma unidade complexa constituída de um prefixo de grau que se funde a um escopo variável - substantivo, adjetivo, advérbio e verbo.

A pesquisa empírica de tais formações, sustentada por uma base de dados relevante, capaz de autorizar possíveis generalizações sobre padrões formais e semântico-pragmáticos a partir de exemplares reiterados pelo uso (cf. Modelos Baseados no Uso, subseção 2.1.4.1), ainda é um caminho pouco explorado, não só dentro deste tópico como dentro do campo da Morfologia em geral.

Com o compromisso de minimizar tais lacunas, nossas análises colocarão em foco tanto os exemplares mais convencionalizados da CPMG ((...) a gente era **super jovem**, foi uma coisa interessante e na mesma época eu já tinha contatos... (CP)) (Tudo sobre os **mini celulares** mais vendidos no Brasil, onde comprar pelo melhor preço... (WCB)); como suas formas renovadas e em expansão e menos recobertas por estudos da tradição gramatical e linguística. ((...) adorei o vídeo, chorei de rir e **mega quis** testar em casa...

(WCB)) (Neste blog, você encontrará dicas de maquiagem, moda, unhas, ou seja, tudo que poderá ajudar você mulher, a se tornar **ultra!** (WCB)).

Para um maior conhecimento dos elementos que integram a CPMG (prefixos e seus escopos – substantivo, adjetivo, advérbio e verbo) e da forma como se combinam em termos de frequência, passamos a um detalhamento dos dados resultantes do *corpus* específico que sustenta este estudo (Anexos 1, 2 e 3), começando pelos prefixos instanciados.

As Tabelas 9, 10 e 11 apresentam o número de ocorrências de cada prefixo pesquisado, associado às categorias de substantivo, adjetivo, advérbio, verbo e com EC Escopo Instanciação Nula, nas ocorrências coletadas usando a ferramenta Web Concordancer Beta e nos *corpora Corpus* do Português e Floresta Sintática, respectivamente (cf. seção 4.2). As Tabelas estão assim organizadas: verticalmente, temos a demarcação do número de ocorrências e porcentagem de cada prefixo associado às categorias de substantivo, adjetivo, advérbio, verbo e com EC Escopo Instanciação Nula; horizontalmente, temos o número total de ocorrências (e porcentagem) de cada prefixo no *corpus* em questão.

Prefixos	+ Subs	+ Adj	+Adv	+Verbo	Instanciação Nula	Total de ocorrências	(%)
SUPER-	25	41	14	299	21	400	46%
ULTRA-	17	47	0	6	3	73	9%
HIPER-	25	39	3	8	2	77	10%
MEGA-	26	18	1	27	0	72	8%
ARQUI-	5	58	0	0	0	63	7%
MAXI-	89	0	0	0	13	102	12%
MACRO-	16	0	0	0	5	21	2%
MINI-	44	0	0	0	2	46	5%
MICRO-	19	0	0	0	1	20	1%
Total de ocorrências	266	203	18	340	47	874	100%
(%)	31%	19%	2%	43%	5%	100%	

Tabela 9: Quantificação das ocorrências – Web Concordancer Beta

Prefixos	+ Subs	+ Adj	+Adv	+Verbo	Instanciação Nula	Total de ocorrências	(%)
SUPER-	28	32	8	0	9	77	21 %
ULTRA-	2	4	0	0	7	13	4%
HIPER-	3	0	0	0	10	13	4%
MEGA-	7	0	0	0	1	8	2%
ARQUI-	27	6	0	0	0	33	9%
MAXI-	0	0	0	0	2	2	1%
MACRO-	12	0	0	0	30	42	11%
MINI-	9	0	0	0	6	15	4%
MICRO-	124	0	0	0	32	156	44%
Total de ocorrências	212	42	8	0	97	359	100%
(%)	59%	12%	2%	0%	27%	100%	

Tabela 10: Quantificação das ocorrências – *Corpus* do Português

Prefixos	+ Subs	+ Adj	+Adv	+Ver	Instanciação Nula	Total de ocorrências	(%)
SUPER-	33	82	2	1	1	119	20%
ULTRA-	2	8	0	0	0	10	2%
HIPER-	3	3	0	0	4	10	2%
MEGA-	17	1	0	0	3	21	4%
ARQUI-	70	82	0	0	1	153	26%
MAXI-	0	0	0	0	3	3	1%
MACRO-	94	0	0	0	100	194	33%
MINI-	13	0	0	0	1	14	3%
MICRO-	29	0	0	0	35	64	10%
Total de ocorrências	261	176	2	1	148	588	100%
(%)	40%	39%	1%	1%	19%	100%	

Tabela 11: Quantificação das ocorrências – Floresta Sintática

A Tabela 12, para efeito de uma análise mais precisa, em termos de frequência, agrega todas as ocorrências oriundas das três fontes:

Prefixos	+ Subs	+ Adj	+Adv	+Ver	Instanciação Nula	Total de ocorrências	(%)
SUPER-	86	155	24	300	31	596	35%
ULTRA-	21	59	0	6	10	96	4%
HIPER-	31	42	3	8	16	100	5%
MEGA-	50	19	1	27	4	101	5%
ARQUI-	102	146	0	0	1	249	14%
MAXI-	89	0	0	0	18	107	6%
MACRO-	122	0	0	0	135	257	15%
MINI-	66	0	0	0	9	75	3%
MICRO-	172	0	0	0	68	240	13%
Total de ocorrências	739	421	28	341	292	1821	100%
(%)	41%	23%	1%	19%	16%	100%	

Tabela 12: Quantificação total das ocorrências do *corpus* específico montado

O que os dados nos mostram, incita, de pronto, à investigação. É que formas pouco referenciadas pela tradição de estudos gramaticais (cf. seção 3.1), formas verbais e formas com Instanciação Nula do EC Escopo, apresentam um número significativo de ocorrências. Em um ambiente com um total de 1.821 ocorrências, 341 (19%) correspondem a construções com EC Escopo verbo e 292 (16%) correspondem aos prefixos com EC Escopo como Instanciação Nula, i.e., aparecem sem a explicitação de seu escopo. A posição ocupada por construções com EC Escopo substantivo (739 ocorrências - 41%) e EC Escopo adjetivo (421 ocorrências - 23%) demarca um indicador já previsto, qual seja, sua alta convencionalização. O EC Escopo advérbio, por sua vez, não é produtivo no *corpus* montado (28 ocorrências, correspondendo a somente 1% do total).

A relação entre tais frequências e a produtividade e a convencionalização dessa rede será discutida adiante, quando da análise dos distintos subpadrões. Contudo, cabe pontuar, de antemão, a posição ocupada pelo prefixo **super-** nesta rede construcional. São 596 ocorrências (35%) em um total de 1.821, distribuídas entre todos os padrões. Trata-se, pois, do elemento construcional mais convencionalizado (maior frequência de *tokens*/ocorrências) e mais produtivo (maior frequência de *types*/tipos). É o que veremos em nossas análises.

Outro aspecto merecedor de atenção é a distribuição dos prefixos no Web Concordancer Beta. Nota-se que o prefixo **super-** representa a grande maioria de ocorrências (400 - 46% do total). Chama a atenção também o fato de o EC Escopo verbo ser o mais frequente - contando com 340 ocorrências contra 266 do EC Escopo substantivo, o que destoa, fortemente, da tendência dos outros dois *corpora*. Essas características estão relacionadas, claramente, às peculiaridades de cada fonte (cf. seção 4.2) e serão retomadas à subseção 5.1.5.

É relevante destacar também, conforme apresentado no capítulo 4, que, previamente à coleta dos dados nos *corpora* selecionados, fizemos uma listagem dos prefixos a serem investigados, a qual se baseou tanto em nossa intuição e observação enquanto linguista, como nas listas de prefixos de grau apresentadas nas gramáticas (cf. seção 3.1) e dicionários (cf. Tabela 13). Assim, além de visitarmos a tradição gramatical e linguística acerca dos estudos descritivos do fenômeno em foco, trazemos também a contribuição lexicográfica brasileira sobre tais morfemas. Há muitas razões para isto. Primeiro, pela associação de informações diacrônicas sobre tais morfemas só encontradas por nós nos dicionários; segundo, por se basearem estes, diferentemente das gramáticas tradicionais, em um *corpus* contemporâneo atualizado, o que pode, de algum modo, corroborar nossas análises baseadas no uso. A tabela 13 sintetiza as informações sobre estes elementos apresentadas pelo Dicionário Houaiss (2001) e Aurélio (2010) de Língua Portuguesa⁵⁵.

Prefixo	Origem	Surgimento	Grafia	Acepções (e usos)
SUPER	prefixo culto, da preposição adverbial latina <i>super</i>	introduzido no português sobretudo a partir do Renascimento	seguido de hífen quando junto de elemento começando por <i>h</i> ou <i>r</i>	‘sobre, em cima de; por cima de; além de, acima de; durante; a respeito de, por causa de, por meio de; em cima, por cima; além disso; sobremodo, demais’
ULTRA	prefixo culto ou semiculto, da preposição adverbial latina <i>ultra</i>	cunhado sobretudo a partir do século XIX	seguido de hífen, quando junto de elementos começando pela vogal <i>a</i> , e por <i>h</i> ; dobrando o <i>r</i> e o <i>s</i> do vocábulo a que se junta nos casos em que estes ocorrem	‘para além de, adiante de, fora de; além, mais longe’; o prefixo ultra- adquire um cunho quase popular, com certo matiz pejorativo quando empregado antes de adjetivos
HIPER	prefixo culto do grego <i>hupér</i>	divulgado na língua em casos episódicos a partir do século	usado com hífen antes de palavra iniciada por <i>h</i> ou <i>r</i>	‘acima; acima de, sobre; por cima, superiormente, muito, demais, para lá de’ com o lat. <i>Super-</i> , de que representa, modernamente, um nível

⁵⁵Vale ressaltar que a grande maioria das ocorrências do *corpus* montado não seguem as normas ortográficas referentes aos prefixos em estudo. Desse modo, os exemplos dados neste trabalho serão fieis à forma ortográfica apresentada no *corpus*.

		XVII, ampliado no século XIX		quantificador acima, inclusive nos usos <i>ad hoc</i> , reverentes ou pilhérios (<i>supermulher</i> : <i>hipermulher</i>)
MEGA	<i>elemento composicional antepositivo, conexo com megal(o) e megalia</i>	século XIX em diante	usado com hífen antes de palavra iniciada por <i>h</i> ou <i>a</i> ; dobrando o <i>r</i> e o <i>s</i> nos casos em que estes ocorrem no vocábulo a que se juntam	‘grande’ observe-se o emprego moderno de mega- com valor hiperbolizante em vocábulos como <i>megadesvalorização</i> , <i>megaempresário</i>
ARQUI	<i>elemento composicional antepositivo do grego arkhé, ês</i>	casos episódicos do século XVII em diante	usado com hífen antes de palavra iniciada por <i>h</i> ou <i>i</i> ; dobrando o <i>r</i> e o <i>s</i> nos casos em que estes ocorrem	‘o que está na frente, donde começo, origem, princípio; ponto de partida, donde extremidade; poder, autoridade.’ Esse elemento tem enorme fecundidade moderna como verdadeiro morfema prefixal hiperbolizante ou superlativizante, como em <i>arquibela</i> , <i>arquienfado</i> , etc.
MAXI	<i>elemento composicional antepositivo, do latim maximus, a, um,</i>	ocorrência episódica até 1950	liga-se sem hífen ao elemento que lhe segue (maxivestido) e dobra o <i>r</i> ou <i>s</i> nos casos em que estes ocorrerem (maxissaia); nos casos potenciais na língua, em que o segundo elemento se iniciar por <i>h</i> ou <i>i</i> sugere-se o uso do hífen	‘grande’; a partir de 1971 empregado também apositivamente: <i>saia maxi</i> ; passando em seguida a ser empregado como vocábulo autônomo, de curso interlocucional, em ambientes restritos
MACRO	<i>elemento composicional antepositivo do grego makrós, á, ón</i>	século XIX em diante	Liga-se sem hífen ao elemento que lhe segue e dobra o <i>r</i> ou <i>s</i> nos casos em que estes ocorrem (macrorregião); nos casos em que o segundo elemento começa com <i>o</i> ou <i>h</i> , usa-se o hífen (macro-onda)	‘comprido, longo, grande’
MINI	<i>elemento composicional antepositivo do latim minimus, a, um</i>	ocorrência episódica até 1950	liga-se sem hífen ao elemento que lhe segue (minijardim), dobrando o <i>r</i> e o <i>s</i> nos casos em que estes ocorrem (minissaia); nos casos potenciais	‘pequeno’; a partir de 1971 alguns substantivos precedidos do mini- passaram a ser usados apositivamente: <i>vestido mini</i> ; passando em seguida, a ser empregado como vocábulo autônomo

			na língua, se o segundo elemento se iniciar por <i>i</i> ou <i>h</i> , sugere-se o hífen (mini-horta)	
MICRO	elemento composicional antepositivo do grego <i>mikrós, á, on</i>	ocorre do século XIX em diante	liga-se sem hífen ao elemento que lhe segue (microbiologia), dobrando o <i>r</i> e o <i>s</i> nos casos em que estes ocorrem (microssaia); nos casos potenciais na língua, se o segundo elemento se iniciar por <i>h</i> ou <i>o</i> , sugere-se o hífen (micro-ônibus)	‘muito pequeno, curto, em pequena quantidade, pouco importante’ (não raro antonimizada com macro-, maxi- ou mega-)

Tabela 13: Características dos prefixos

A Tabela 13 apresenta informações sobre origem, surgimento, grafia, acepções e alguns usos dos prefixos marcadores de grau. No que respeita ao uso, já existe, por exemplo, a percepção da escala entre o prefixo **super-** e o prefixo **hiper-**, sendo o último modernamente visto como “um nível quantificador acima”. O prefixo **ultra-** é caracterizado com um cunho quase popular, com certo matiz pejorativo quando empregado antes de adjetivos. **Maxi-**, **mini-** e **micro-**, por sua vez, merecem destaque pelo caráter autônomo que lhes é dado, podendo aparecer positivamente; e o prefixo **arqui-** é destacado por sua “fecundidade”. Estas e outras descrições dos verbetes oferecem *insights* interessantes, confirmados ou não em nossas análises (cf. subseções 5.1.2.2 e 5.1.3).

Passemos, então, à análise do padrão construcional mobilizado pelo rol de prefixos selecionados para este estudo (sem a pretensão de esgotar a lista da Língua Portuguesa): **super-**, **ultra-**, **hiper-**, **mega-**, **arqui-**, **maxi-**, **macro-**, **mini-** e **micro-**.

5.1.1 A Construção Prefixal de Modificação de Grau e seus elos semânticos e formais

Cabe, para fins de clareza de nossos rumos analíticos, lembrar que, nos termos da Gramática das Construções Cognitiva, construções se instituem como pares de forma-sentido (i) **não estritamente preditíveis** a partir das partes que o compõem ou a partir de outras construções reconhecidamente existentes ou (ii) **mesmo totalmente preditíveis**, desde que ocorram de forma suficientemente frequente (GOLDBERG, 2006, p. 5). Outro ponto central deste escopo reside na tese de que construções não se constituem como listas aleatórias de signos e sim como redes integradas por elos semânticos e formais de distintas naturezas (cf. subseção 2.1.5). Assim, no trato da Construção Prefixal de Modificação de Grau (CPMG) estas foram hipóteses construcionistas centrais às nossas análises.

A propósito da formalização eleita - o modelo de formalização “em prosa” oferecido pelo *Constructicon* - cabe também um parêntese para algumas delimitações acerca de seu uso neste trabalho. Conforme discussão apresentada à subseção 2.3.1, o *Constructicon* - uma rede de construtos - foi proposto por Fillmore, Goldman e Rhodes (2012) para dar conta da evocação de *frames* na rede lexicográfica da *FrameNet* quando o *Lexicon* - rede de Unidades Lexicais (ULs) - fosse insatisfatório para tal função (cf. seção 2.3). Nesse sentido nossos propósitos se distanciam. Este estudo não cumpre uma meta lexicográfica (e não leva em conta, portanto, o que seria próprio ao *Lexicon* ou ao *Constructicon*) e, sim, uma meta descritiva de uma rede de construções mórnicas do Português. Assim, a escolha das formalizações “em prosa” de construtos e, em especial, do modelo para a Construção de Modificação de Grau em Inglês (cf. subseção 2.3.2), se dá por serem, de longe, melhores para os nossos propósitos analíticos de natureza

morfológica que o modelo goldbergiano de formalização proposto para a sintaxe, isto é, para as construções argumentais.

Passamos, então, primeiramente, a identificar o elo semântico-formal mais genérico da construção em foco - a Construção Mórfica de Modificação de Grau, cujo construto apresentamos a seguir:

$\{ \text{Construção Mórfica de Modificação de Grau } [\text{Escopo } \text{signo}_1]_{F1} [\text{Modificador de grau } \text{signo}_2]_{F2} \}_M$

Nome	Construção Mórfica de Modificação de Grau
M	Unidade Mórfica Complexa X que combina as valências de F1 e F2
F1	Escopo: Núcleo graduável sem modificação de grau
F2	Modificador de grau: morfema de grau (afixos)
Interpretação	Um Valor em uma Escala é estabelecido com relação a um Valor de Referência que é especificado pelo Modificador de Grau particular

Quadro 5: Construto 3 – descrição informal da Construção Mórfica de Modificação de Grau

A configuração do Construto 3 é uma descrição da Construção Mórfica de Modificação de Grau (CMMG), proposta em uma linguagem que Fillmore et al. (2012) consideram como uma formalização “em prosa”. Assim, conforme observamos (cf. Quadro 5), a Construção-Mãe é um sintagma variável estruturado internamente pelas duas Filhas (F1 e F2): o Escopo (F1), que é o núcleo graduável sem modificação de grau e o Modificador de Grau (que é o Elemento Evocador da Construção (EEC)) com sua valência F2. A primeira Filha (F1) é representada por uma classe de palavras com valência própria (substantivos, adjetivos; (alguns) advérbios e (alguns) verbos), já a segunda Filha (F2) é um afixo (prefixo ou sufixo) modificador de grau (super-, hiper-, -íssimo, -ésimo, -ão, dentre outros). Cada um destes elementos que integra o construto é um Elemento

Construcional (EC). As valências de F1 e F2 são combinadas para formar a valência da Construção-Mãe. A função de F2 é modificar o grau da propriedade escalar expressa (ou implícita) em F1.

De acordo com a proposta no *Constructicon*, temos as seguintes anotações das instâncias (exemplos de 25 a 27) da Construção Mórfica de Modificação de Grau (os Elementos Construcionais se delimitam por colchetes; a construção, por chaves) (cf. subseção 2.3.1):

- (25) Maria voltou {[cansad^{Escopo/adjetivo}]_{F1}[-íssima^{Modificador de Grau/sufixo}]_{F2}}_{CMMG} de sua festa.
- (26) Joaquim bateu seu {[carr^{Escopo/substantivo}]_{F1} [-ão^{Modificador de Grau/sufixo}]_{F2}}_{CMMG} ontem à noite.
- (27) Maria estava {[hiper^{Modificador de Grau/prefixo}]_{F2} [feliz^{Escopo/adjetivo}]_{F1}}_{CMMG} em seu aniversário.

Partindo deste padrão semântico-formal mais genérico - a Construção Mórfica de Modificação de Grau - a Construção Prefixal de Modificação de Grau (CPMG) pode ser tomada como um subpadrão deste construto, e assim formalizada:

{Construção Prefixal de Modificação de Grau [Modificador de Grau^{signo1}]_{F1} [Escopo^{signo2}]_{F2}}_M

Nome	Construção Prefixal de Modificação de Grau
M	Unidade Mórfica Complexa X que combina as valências de F1 e F2
F1	Modificador de grau: prefixos de grau
F2	Escopo: Núcleo graduável sem modificação de grau (Sub., Adj., Adv. e Verbo)
Interpretação	Um Valor de Referência em uma escala superlativa é estabelecido para F2 pelo Modificador de Grau particular (F1)

Quadro 6: Construto 4 – descrição informal da Construção Prefixal de Modificação de Grau

Na configuração do Construto 4, temos a Construção-Mãe que é um Sintagma variável formado pela valência combinada de F1 e F2. O *slot* equivalente ao Elemento Construcional - EC Modificador de Grau (F1) - pode ser preenchido, dentre outros, pelos seguintes prefixos: super-, ultra-, hiper-, mega-, archi-, maxi-, macro-, mini-, micro-, ressaltando que é o EC Modificador de Grau o Elemento Evocador da Construção. Quanto ao EC Escopo (F2), temos substantivos, adjetivos, advérbios e verbos. As valências de F1 e F2 são combinadas para formar a valência da Construção-Mãe. A função de F1 (cada Modificador de Grau particular) é vincular a F2 um Valor de Referência em uma escala superlativa.

De acordo com a proposta no *Constructicon*, temos as seguintes anotações das instâncias (exemplos de 28 a 31) da Construção Prefixal de Modificação de Grau:

- (28) Ou diz fazer melhor, aos 72 anos, vô colocar no carro uma {[mini]^{Modificador de Grau/prefixo}]_{F1} [loja^{Escopo/substantivo}]_{F2}}_{CPMG} volante e juntar meus dois amores,

revela o homem que se diz " palhaço " ou " palhaço homem ", se preferir minha filha... *id="4058" titulo="entre-vinis"* (FS)

- (29) O ambiente na hora de tomar banho também é {[**ultra**^{Modificador de Grau/prefixo}]_{F1} [**aconchegante**^{Escopo/adjetivo}]_{F2}}CPMG: chuveiro, pia e decoração para você se sentir nas nuvens... (WCB)
<<http://boaforma.abril.com.br/blog/malhadora-de-carteirinha/2010/02/page/2/>>

- (30) Senti muito isso dessa vez que fomos pra San Diego. Fomos {[**super**^{Modificador de Grau/prefixo}]_{F1} [**bem**^{Escopo/advérbio}]_{F2}}CPMG tratados pelos fãs e também pelos profissionais da área... 19Or:Br:Intrv:Web (CP)

- (31) ... Geeeeente eu amei as imagens, sua criatividade e a música... {[**Hiper**^{Modificador de Grau/prefixo}]_{F1} [**amei**^{Escopo/verbo}]_{F2}}CPMG o vídeo (WCB)
<<http://www.youtube.com/watch?v=G6fB58YmPjY>>

Por sua vez, a CPMG - a partir de um critério semântico e morfossintático, isto é, a partir dos distintos *frames* evocados pelos ECs Modificadores de Grau e a partir de seus Escopos, pode ser configurada, em uma nova hierarquia, em dois subpadrões mais específicos, quais sejam:

1. Construção Prefixal de Modificação de Grau Substantiva (CPMG Substantiva), com dois (2) subpadrões:

- **CPMG Substantiva de Tamanho:** EC Escopo: substantivo; EC Modificador de Grau: maxi-, macro-, mini-, micro-;
- **CPMG Substantiva Polissêmica:** EC Escopo: substantivo; EC Modificador de Grau: super-, ultra-, hiper-, mega-, arqui-.

2. Construção Prefixal de Modificação de Grau Predicadora (CPMG

Predicadora): EC Escopo: adjetivo, advérbio ou verbo; EC Modificador de Grau: super-, ultra-, hiper-, mega-, archi-.

Nas próximas subseções, os dois subpadrões da CPMG serão apresentados em suas especificidades formais e semânticas.

5.1.2 A CPMG Substantiva

De modo geral, instâncias de expressões que integram a CPMG Substantiva já foram, graças a seu alto grau de convencionalização, parcialmente descritas pela tradição gramatical. Por conseguinte, sabe-se que são fundamentalmente constituídas a partir da integração e/ou fusão, sintética, do que estamos nomeando como um Modificador de Grau (prefixos) e um Escopo/Núcleo Graduável (substantivos).

Os seguintes exemplos ilustram a CPMG Substantiva:

- (32) Por que deveriam pagar caro em 360 e PS3, se pretende mais jogar um jogo casual? Precisa de um **{{hiper^{Modificador de Grau/prefixo}**_{F1} **[gráfico^{Escopo/substantivo}**_{F2}}]CPMGSubstantiva para isso? (WCB) <http://info.abril.com.br/noticias/tecnologia-pessoal/com-wii-nintendo-nao-planeja-nova-versao-170620...>>
- (33) Meu bronzado caiu. \$49, diretamente para o carpete! Com este **{{ultra^{Modificador de Grau/prefixo}**_{F1} **[raio-X^{Escopo/substantivo}**_{F2}}]CPMGSubstantiva eu poderei ver por dentro... (WCB) <http://www.tips4life.com.br/2011/05/raio-x-mauro-estrela/>>

- (34) Está começando a fase de colocação da cobertura da **{{mega^{Modificador de Grau/prefixo}**_{F1} **[loja^{Escopo/substantivo}**_{F2}CPMGSubstantiva de supermercados da rede Bompreço, em Boa Viagem, ao lado do Shopping Center Recife. 19N:Br:Recf (CP)
- (35) ... a gente acredita - até hoje eu permaneço escrevendo em jornal - em jornal da **{{arqui^{Modificador de Grau/prefixo}**_{F1} **[diocese^{Escopo/substantivo}**_{F2}CPMGSubstantiva - e a minha linha de jornalismo é uma linha assim de levar uma mensagem. 19Or:Br:LF:SP (CP)
- (36) Aí eu me lembrei das três milhões de janelinhas, abinhas, materiazinhas, mancheteszonas e afins falando da **{{super^{Modificador de Grau/prefixo}**_{F1} **[banda^{Escopo/substantivo}**_{F2}CPMGSubstantiva cachorro grande. id="1790" titulo="por que bandas do rio grande do sul nao-emplacam"(FS)
- (37) Os **{{maxi^{Modificador de Grau/prefixo}**_{F1} **[colares^{Escopo/substantivo}**_{F2}CPMGSubstantiva são peças que dão um toque especial ao look. Sejam de pedras grandes, franjas, metais, correntes, com detalhes em tecido, os maxi colares estarão presentes no pescoço das mulheres... (WCB)
<<http://asfilomenas.blogspot.com/2012/04/moda-maxi-colares.html>>
- (38) Recordou ainda que Falcone sofreu um desaire num **{{macro^{Modificador de Grau/prefixo}**_{F1} **[processo^{Escopo/substantivo}**_{F2}CPMGSubstantiva, instaurado em 1988 contra quatro centenas de mafiosos. par=ext1538486-soc-92a-1 (CP)
- (39) Esses preciosos títulos estão protegidos em seu **{{micro^{Modificador de Grau/prefixo}**_{F1} **[ambiente^{Escopo/substantivo}**_{F2}CPMGSubstantiva (caixas e rolos de plástico) e no macro ambiente (reserva climatizada e desumidificada). id="2616" titulo="cinema e memoria no para" (FS)

- (40) Eu concordo com você num sentido, o CD-Rom precisa de um decodificador (o computador) para ser lido, a revista é direta, é aquela velha história: você prefere carregar na sua carteira um {[mini^{Modificador de Grau/prefixo}]_{F1} [CD^{Escopo/substantivo}]_{F2}}CPMGSubstantiva com milhares de fotos da sua esposa e filhos, ou uma foto dele sem suporte papel. 19Or:Br:Intrv:Web (CP)

Os exemplos (32 a 40) evidenciam a maior riqueza de *types* construcionais para a CPMG Substantiva, ou seja, este subpadrão conta com quatro prefixos a mais que o segundo subpadrão (CPMG Predicadora) dado o fato de que as construções formadas pelos prefixos **maxi-**, **macro-**, **mini-** e **micro-** apresentam uma restrição de valência, qual seja, ocorrem apenas com substantivos. Isto traz para a CPMG Substantiva um estatuto diferenciado: além de mais **convencionalizada** (porque é a mais frequente, com 40% das ocorrências totais) (cf. Tabela 14), é também a mais **produtiva** (porque dispõe de mais tipos/*types* construcionais) (cf. subseção 2.1.4.1).

A Tabela 14 adiante explicita o número de ocorrências e a porcentagem de cada subpadrão distinto da CPMG Substantiva, que emerge da fusão entre o EC Modificador de Grau (prefixo) e o Escopo (substantivo). Assim, temos um subpadrão, a **CPMG Substantiva de Tamanho**, em que o EC Modificador de Grau são os prefixos maxi-, macro-, mini- e micro- e o EC Escopo é um substantivo, que corresponde a 25% do total das ocorrências do *corpus* e um subpadrão, a **CPMG Substantiva Polissêmica**, em que o EC Modificador de Grau são os prefixos super-, ultra-, hiper-, mega- e archi- e o EC Escopo um substantivo (14% do total das ocorrências do *corpus*).

Construção Prefixal de Modificação de Grau Substantiva (CPMG Substantiva)	Frequência	Percentual
	739 ocorrências	41% (total 1.821)
1. CPMG Substantiva de Tamanho EC Modificador de Grau: maxi-, macro-, mini-, micro-	449	25%
2. CPMG Substantiva Polissêmica EC Modificador de Grau: super-, ultra-, hiper-, mega- e arqui-	290	16%

Tabela 14: Quantificação das ocorrências dos subpadrões da CPMG Substantiva

Passamos à apresentação das propriedades semânticas e formais específicas que nos conduziram à postulação dos dois subpadrões apontados na Tabela 14: **CPMG Substantiva de Tamanho e CPMG Substantiva Polissêmica**.

5.1.2.1 A CPMG Substantiva de Tamanho

Instâncias de expressões que integram a CPMG Substantiva de Tamanho são fortemente convencionalizadas, portanto, descritas parcialmente pela tradição gramatical e linguística (cf. cap. 3), como formações prefixais marcadas pelo grau aumentativo ou diminutivo. Sandmann (1987, p. 60) (cf. subseção 3.2.2), em consonância com Turunen (2009) (cf. subseção 3.2.1), ressalta o uso preferencial dos prefixos **maxi-**, **macro-**, **mini-** e **micro-** para marcar aumento e diminuição de tamanho uma vez que não “estão tão carregados de emotividade como eventualmente podem estar os sufixos de aumento e diminuição”. Mais que isso, Sandmann (1987) afirma que essa maior neutralidade favorecerá o emprego crescente desses prefixos em contextos formais ou técnicos (cf.

subseção 5.1.5). Os dicionários consultados (cf. Tabela 13), ressaltam essa acepção de tamanho (maxi: grande; macro: comprido, grande; mini: pequeno; micro: muito pequeno, curto), assim como Laroca (2011) (cf. subseção 3.2.3) que chega a sugerir uma escala entre eles: maxi (muito grande) > macro (grande); micro (mínimo) > mini (pequeno). A tais discussões, incorporando-as ou não, retomaremos à subseção 5.1.5, sobre os usos discursivos.

Dentro do escopo teórico assumido, portanto, são construções constituídas a partir da integração e/ou fusão, sintética, do que estamos nomeando como um EC Modificador de Grau (prefixos maxi-, macro-, mini- e micro-) e um EC Escopo/Núcleo Graduável (substantivos), como buscamos formalizar a seguir:

{ Construção Prefixal de Modificação de Grau Substantiva de Tamanho [Modificador de Grau_{signo1}]_{F1} [Escopo_{signo2}]_{F2} }_M

Nome	Construção Prefixal de Modificação de Grau Substantiva de Tamanho
M	Unidade Mórfica Complexa X com valência combinada de F1 e F2
F1	Modificador de Grau: prefixos de grau
F2	Escopo: núcleo substantivo sem modificação de grau
Interpretação	A Modificação de Grau promovida por F1 estabelece um valor escalar de grau para F2 de modo a evocar o <i>frame</i> de Posição_em_uma_escala_superlativa_de_tamanho

Quadro 7: Construto 5 - descrição informal da CPMG Substantiva de Tamanho

Na configuração do Construto 5, temos a Construção-Mãe que é um Sintagma Nominal formado pela valência combinada de F1 e F2. O *slot* equivalente ao Elemento Construcional - EC Modificador de Grau (F1) - pode ser preenchido pelos seguintes prefixos: maxi-, macro-, mini-, micro-. Quanto ao EC Escopo (F2), temos substantivos. A interpretação remete ao *frame* específico evocado pela construção e que lhe confere a

restrição de sentido construcional:
 Posição_em_uma_escala_superlativa_de_tamanho.

Vejamos os exemplos seguintes:

- (41) Aparecendo cada vez maiores, os **{{maxi^{Modificador de Grau/prefixo}}}**_{F1} **[acessórios^{Escopo/substantivo}]**_{F2}CPMG SubstantivaTamanho estão com tudo! Não só dão um up em qualquer look mais basiquinho... (WCB)
 <<http://amomuito.com/blog/2011/08/17/maxi-acessorios/>>
- (42) Para consultar o seu histórico de Carteira na **{{macro^{Modificador de Grau/prefixo}}}**_{F1} **[região^{Escopo/substantivo}]**_{F2}CPMG SubstantivaTamanho, por favor informe a Data de Nascimento e RG do aluno ou responsável. (WCB)
 <portal.detran.ce.gov.br/index.php/carteira-macro-regioes>
- (43) Somos criadores de **{{mini^{Modificador de Grau/prefixo}}}**_{F1} **[coelhos^{Escopo/substantivo}]**_{F2}CPMG SubstantivaTamanho, animais dóceis e mais interativos que os coelhos comuns, são muito inteligentes e conquistam pessoas de todas as idades. (WCB) <<http://www.minicoelhos.com/>>
- (44) Ninguém usa um blaser como ela, ninguém fica tão bem de **{{micro^{Modificador de Grau/prefixo}}}**_{F1} **[vestido^{Escopo/substantivo}]**_{F2}CPMG SubstantivaTamanho (olha o trocadilho...) como ela! (WCB) <<http://microvestido.blogspot.com/>>

Os Modificadores de Grau **maxi-**, **macro-**, **mini-** e **micro-** apresentam, conforme explicitado, uma restrição de valência em relação ao EC Escopo, que só pode ser substantivo (são 449 ocorrências, correspondendo a 25% do total). As CPMG Substantivas de Tamanho com tais prefixos são as únicas que têm inteiramente convencionalizada a propriedade semântica posta em foco em relação ao EC Escopo

substantivo, qual seja, a noção de tamanho (*frame* Posição_em_uma_escala_superlativa_de_tamanho), atribuída ao sentido convencionalizado de tais *types* de ECs Modificadores de Grau, isto é, aos prefixos maxi-macro-, mini- e micro-. Basílio (2011) e Laroca (2011) (cf. subseção 3.2.3), considerando o grau aumentativo/diminutivo dos substantivos, já destacam a noção de grande e pequeno veiculada por esses prefixos.

Conforme anunciado acima, temos, pois, a descrição do *frame* acionado por esse subpadrão da CPMG Substantiva: o *frame* Posição_em_uma_escala_superlativa_de_tamanho (descrição nossa, com base nos modelos de descrição da *FrameNet*):

***Frame* Posição_em_uma_escala_superlativa_de_tamanho**

Definição: Neste *frame* um **EF Valor** diminui ou aumenta um **EF Entidade** colocando-o em uma posição máxima ou mínima em uma escala superlativa de tamanho.

EFs Nucleares:

Entidade: O **EF Entidade** é o escopo graduável. Pode ser explícito ou não (INSTANCIACÃO NULA).

Os maxi **acessórios** estão com tudo!
E a senhora encrenca com aquele super **nariz**
Eu não uso colar, mas os maxis **EF Entidade** são lindos! (Instanciação nula)

Valor: O **EF Valor**, implícito na UL, é o item responsável pela modificação de grau de Tamanho da **EF Entidade**.

Os **mini** **vestidos** estão em alta!
20 anos à espera dos **mega** **mercados**

ULs e UCs: maxi+N, mini+N, micro+N, super+N, hiper+ N, mega+N, ultra+N: enorme, muito grande, muito pequeno, pequeno demais...

Quadro 8: *Frame* Posição_em_uma_escala_superaltiva_de_tamanho

Agregando as informações do *frame* evocado (Posição_em_uma_escala_superlativa_de_tamanho) pela CPMG Substantiva de Tamanho e as descrições de seu construto (cf. Quadro 7), podemos apresentar sua descrição nos seguintes termos: a CPMG Substantiva de Tamanho, por meio do EC Modificador de Grau/EF Valor (os prefixos de grau), evoca o grau de tamanho superlativo do EC Escopo/EF Entidade. Os exemplos (45, 46, 47 e 48) adiante explicitam essa relação, ressaltando que as chaves indicam, na notação abaixo, os limites do padrão construcional em foco:

- (45) Ah, a saia pelo meio da perna, só fica bem, não sei se os senhores já repararam nisso, eu acho que só fica bem com bota. Porque senão fica exatamente aquela parte da perna que é mais feia, magrinha, à mostra. E... A $\{[\text{maxi}]^{\text{EF Valor/Modificador de Grau}}_{\text{F1}} [\text{Instanciação Nula}]^{\text{EF Entidade/Escopo}}_{\text{F2}}\}_{\text{CPMGSubstantivaTamanho}}$ fica bem a raparigas altas e, e bem lançadas.
19Or:Pt:CRPC (CP)

- (46) ... evidências de que o $\{[\text{macro}]^{\text{EF Valor/Modificador de Grau}}_{\text{F1}} [\text{ambiente}]^{\text{EF Entidade/Escopo}}_{\text{F2}}\}_{\text{CPMGSubstantivaTamanho}}$ exerce forte influência sobre seu desempenho, quando medido pela Margem Líquida ... (WCB)
<www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2007_tr630468_9224.pdf>

- (47) Uma grandiosidade que nos imobiliza e nos faz sentir pequeninos, como as formigas. Mas a viagem no interior da cidade, com $\{[\text{mini}]^{\text{EF Valor/Modificador de Grau}}_{\text{F1}} [\text{programas}]^{\text{EF Entidade/Escopo}}_{\text{F2}}\}_{\text{CPMGSubstantivaTamanho}}$ de visitas organizadíssimos, surpreende a cada canto. 19N:Pt:Beira (CP)

- (48) A ANDC, através dos seus $\{[\text{micro}]^{\text{EF Valor/Modificador de Grau}}_{\text{F1}} [\text{empresários}]^{\text{EF Entidade/Escopo}}_{\text{F2}}\}_{\text{CPMGSubstantivaTamanho}}$, vai tornar-lhe a vida mais

fácil ao disponibilizar os contatos dos seus microempresários por tipo de atividade e por concelho. (WCB) <<http://www.microcredito.com.pt/>>

Dada a configuração semântica dos ECs Modificadores de Grau e a descrição do *frame* por eles ativado, passamos à consideração dos campos conceituais a que se vinculam o EC Escopo/EF Entidade neste subpadrão. A proposta é verificar se existe, além da restrição sintática interna apontada para tal Elemento Construcional (o substantivo), alguma restrição de seleção em termos de sua integração conceptual. Para tanto, passamos a nos valer de ontologias⁵⁶ simples, com suas hierarquias construídas a partir de uma Semântica Lexical.

É fato, como anunciado, que a Semântica de *Frames* é nosso substrato teórico central para o trato da semântica construcional. É assim que invocamos o *frame* Posição_em_uma_escala_superlativa_de_tamanho como o sentido construcional da CPMG Substantiva de Tamanho. Contudo, para o trato semântico de um Elemento Construcional preenchido pela categoria substantivo, a Semântica Lexical, com as relações e hierarquia que propugna, é uma saída analítica mais eficaz. A Semântica de *Frames* (cf. seção 2.2), como é sabido, é uma semântica voltada para a valência sintático-semântica de uma cena, o que a torna altamente eficaz para o trato de predicadores, mas não de substantivos.

As tabelas 15, 16 e 17 apresentam, pois, pequenas ontologias⁵⁷ (com suas hierarquias) das categorias relacionais que contemplam os diferentes tipos/*types* de EC Escopo/EF Entidade instanciados pela CPMG Substantiva de Tamanho com os

⁵⁶Em Ciência da Computação e Ciência da Informação, uma ontologia é um modelo de dados que representa um conjunto de conceitos dentro de um domínio e os relacionamentos entre estes. Uma ontologia é utilizada, portanto, para realizar inferências sobre os objetos de um certo domínio, ou seja, os comprometimentos ontológicos determinam o que é relevante em um determinado domínio para que seja representado em uma base de conhecimento. (MOREIRA, 2012)

⁵⁷ É importante ressaltar o caráter simplificado das ontologias aqui estabelecidas. O objetivo é unicamente facilitar a análise através da divisão dos substantivos em categorias.

Modificadores de Grau maxi-, macro-, mini- e micro- e o número de ocorrências correspondente, aferido em relação ao total de representações no *corpus* constituído para este estudo (449 ocorrências, 25% em um total de 1.821).

CPMG Substantiva de Tamanho		Types	
EC Modificador de Grau: maxi- EC Escopo: substantivo			
Entidade concreta (85 ocorrências)	Artefato	Vestuário	saia, acessório, pulseira, colar, bolsa, brinco, <i>clutch</i> , anel, joia, óculos, biju, vestido, <i>dress</i> , colete, gola, jeans, <i>skirt</i> , carteira, camisa, cardigã, bolsa-carteira, tricô, cachecol, bordado
		Higiene	absorvente
	Lugar	Comercial	banco
Entidade viva (1 ocorrência)	Vegetal	Planta	flor
Entidade abstrata (3 ocorrências)	Medida		comprimento

Tabela 15: Categorias conceptuais do EC Escopo da CPMG Substantiva de Tamanho com o EC Modificador de Grau maxi-

Em relação à ontologia acima, destaca-se a categoria conceptual Entidade Concreta, que abarca 85 (96%) das 89 ocorrências da CPMG Substantiva de Tamanho instanciada pelo Modificador de Grau **maxi-**. E, dentro desta categoria, é a subcategoria

de Artefato, no que se refere a itens do vestuário, a que apresenta maior número de *types* (25 *types*). Tal fato nos oferece, de pronto, o campo conceitual em que tal construção apresenta sua maior produtividade, isto é, apresenta um maior número de tipos/types (cf. conceito de produtividade e convencionalização na subseção 2.1.4.1) em nosso *corpus*, o campo da moda, o que voltamos a discutir na seção que tematiza o ambiente discursivo (cf. subseção 5.1.5).

Passamos à ontologia da CPMG Substantiva de Tamanho com o EC Modificador de Grau macro-:

CPMG Substantiva de Tamanho	
EC Modificador de Grau: macro- EC Escopo: substantivos	Types
Entidade concreta (13 ocorrências)	Lugar Região, ambiente, mercado
	Produção cultural Fotografia
Entidade abstrata (109 ocorrências)	Mercado financeiro Economia, cenário, estrutura, processo

Tabela 16: Categorias conceptuais do EC Escopo na CPMG Substantiva de Tamanho com o EC Modificador de Grau macro-

Em relação à ontologia acima, destaca-se a categoria conceptual Entidade Abstrata, que abarca 109 (89%) das 122 ocorrências da CPMG Substantiva de Tamanho instanciada pelo Modificador de Grau **macro-**. E, dentro desta categoria, destaca-se a subcategoria de Mercado financeiro que, dados os limites do campo, apresenta apenas 4 *types* (baixa produtividade), correspondendo às 109 ocorrências/tokens (alto grau de

convencionalização). Tal fato indica, portanto, o campo conceitual em que a construção instanciada pelo prefixo macro- apresenta uma forte convencionalização em nosso *corpus*, o campo da economia (cf. seção 5.1.5 sobre ambiente discursivo).

Adiante a ontologia da CPMG Substantiva de Tamanho instanciada pelo prefixo mini-.

CPMG Substantiva de Tamanho

Types

EC Modificador de Grau: mini-

EC Escopo: substantivos

Entidade concreta (37 ocorrências)	Artefato	Vestuário	saia
		Veículo	moto, trailer
		Utensílio	prato, forno
		Tecnologia	celular, cd, TV
		Móvel	cama
	Alimentação	Comida	calzone, bolo, doce, cupcake, panetone, pizza, quiche, kafkas
	Lugar	Moradia	apartamento
		Cultura	biblioteca, museu
		Diversão	cervejaria
		Consumo	loja
	Produção cultural	Escrita	resenha, conto
		Encenada	série, programa

Entidade viva (15 ocorrências)	Humano	Profissão	fashionista, cozinheiro, produtor rural
	Animal	Mamífero	coelho, vaca, búfalo, gado, pônei, porco
		Ave	passarinho
Entidade abstrata (14 ocorrências)	Instituição		casamento <i>wedding</i>
	Procedimento médico		lipo
	Atividade intelectual		curso, concurso

Tabela 17: Categorias conceituais do EC Escopo na CPMG Substantiva de Tamanho com o EC Modificador de Grau mini-

Na ontologia acima, em que há a descrição das categorias conceituais do EC Escopo na CPMG Substantiva de Tamanho com o Elemento Modificador de Grau **mini-** destaca-se a categoria conceptual Entidade Concreta (37 ocorrências (56%)) das 66 ocorrências instanciadas pelo prefixo mini-, especificamente a subcategoria Comida, com maior número de *types* (8 *types*), o que põe em relativo relevo um *frame* de uso deste grupo, o *frame* Alimentação (cf. seção 5.1.5 sobre ambiente discursivo).

No caso da CPMG Substantiva de Tamanho cujo EC Modificador de Grau é o prefixo **micro-**, a ontologia a seguir (Tabela 18) nos mostra *types* bastante variados, sendo a categoria Entidade concreta a que apresenta maior número de ocorrências (116 ocorrências). Destaca-se a predominância de *types* do campo conceitual da economia: *empresa* (vale lembrar que empresa pequena se convencionalizou como micro),

empresário, empreendedor, orçamento, finança, crédito, além do campo conceitual da tecnologia, em que temos *computador* (convencionalizado como micro), *satélite* e *impressora*. Também têm destaque os *types* que remetem à indústria da moda, *vestido, short, biquíni* (cf. seção 5.1.5 sobre o ambiente discursivo).

CPMG Substantiva de Tamanho

EC Modificador de Grau: micro- EC Escopo: substantivos	Types		
Entidade concreta (116 ocorrências)	Artefato	Vestuário	Vestido, short, biquíni
		Veículo	Trator, ônibus
		Tecnologia	Computador, satélite, impressora
	Produção cultural	Escrita	Conto, narrativa
		Encenada	Documentário
	Lugar	Trabalho	Empresa
Entidade viva (35 ocorrências)	Humano	Profissão	Cientista, empresário, empreendedor
Entidade abstrata (21 ocorrências)	Atividade Intelectual		Leitura
	Economia		Orçamento, finança, crédito

Tabela 18: Categorias conceptuais do EC Escopo na CPMG Substantiva de Tamanho com o EC Modificador de Grau micro-

Enfeixando os resultados, nota-se a prevalência da categoria Entidade concreta (251 ocorrências e 68 *types*), correspondendo a 14% do total de ocorrências do *corpus*, seguida da categoria Entidade abstrata (147 ocorrências 13 *types*), correspondendo a 8% do total. A categoria Entidade viva é a que possui menor número de ocorrências (51), correspondendo a 3% do total e 15 *types*. De fato, é este um resultado esperado - entidades concretas apresentam uma relação mais básica com o conceito de tamanho.

Uma visada sobre o conjunto de todas as ontologias apresentadas pode nos levar a dizer que não há restrições em relação à fusão de tais prefixos com seu escopo, a não ser em relação à categoria de substantivo. De fato, a partir de nosso *corpus* não pudemos fixar restrições de seleção semântica dentro do conjunto de *types* de escopo substantivo encontrados. Contudo, ainda que amplos os campos conceituais em que se espraíam, vale considerá-los, dadas as pistas que nos dão sobre alguns de seus *types* com usos mais frequentes e, portanto, semanticamente mais estabilizados ou convencionalizados. Nos demais *types*, as escolhas semânticas delineadas se entrecruzam no jogo discursivo, como é predito em termos da continuidade essencial semântica-pragmática afirmada pelo modelo construcional eleito (cf. subseção 2.1.2). Assim, estas restrições operam implicando preferências por um ou outro EC Modificador de Grau - posição máxima nas duas pontas da escala para menos (mini-, micro-) ou para mais (maxi-, macro-) - de acordo com as circunstâncias em que nossos discursos se tecem. As considerações sobre tais achados semânticos-pragmáticos serão retomadas à subseção 5.1.5 em que tomaremos a dimensão pragmática-discursiva destes usos.

Frente ao exposto, podemos postular o seguinte conjunto de traços definidores da CPMG Substantiva de Tamanho e de seus ECs:

1. Maxi-, macro-, mini- e micro- são ECs Modificadores de Grau semanticamente vinculados ao *frame* Posição_em_uma_escala_superlativa_de_tamanho;
2. As instanciações da CPMG Substantiva de Tamanho com estes prefixos são as mais fortemente composicionais em termos de integração conceptual, uma vez que, independente do substantivo com que se integram, os prefixos têm seu sentido convencionalizado (não são polissêmicos como os outros), evocando sempre o *frame* Posição_em_uma_escala_superaltiva_de_tamanho;
3. Uma hipótese plausível em relação à produtividade da CPMG Substantiva de Tamanho com estes prefixos seria a ocorrência de polissemia nas construções **sufixais** aumentativas e diminutivas cujo sentido central não é o de Tamanho, como postulam Rosa (1983), Gonçalves (2002, 2003) e Turunen (2009) (cf. subseção 3.2.1). Assim, a construção prefixal estaria preenchendo este espaço semântico, no que tange ao nível máximo/mínimo em uma escala.

5.1.2.2 A CPMG Substantiva Polissêmica

A CPMG Substantiva Polissêmica pode ser formalizada da seguinte maneira:

{ Construção Prefixal de Modificação de Grau Substantiva Polissêmica [^{Modificador de Grau}signo₁]_{F1} [^{Escopo}signo₂]_{F2} }_M

Nome	Construção Prefixal de Modificação de Grau Substantiva Polissêmica
M	Unidade Mórfica Complexa X com valência combinada de F1 e F2
F1	Modificador de Grau: prefixos de grau
F2	Escopo: núcleo substantivo sem modificação de grau
Interpretação	A Modificação de Grau promovida por F1 estabelece um valor escalar para F2 de modo a evocar o <i>frame</i> Posição_entidade _em_ uma_escala_superlativa

Quadro 9: Construto 6 - descrição informal da CPMG Substantiva Polissêmica

Na configuração do Construto 6, temos a Construção-Mãe que é um Sintagma Nominal formado pela valência combinada de F1 e F2. O *slot* equivalente ao Elemento Construcional - EC Modificador de Grau (F1) - pode ser preenchido pelos seguintes prefixos: super-, ultra-, hiper-, mega-, archi-. Quanto ao EC Escopo (F2), temos substantivo, como ilustram os exemplos a seguir:

- (49) (...) como consequência temos uma **{[hiper^{Modificador de Grau/prefixo}]_{F1} [inflação^{Escopo/substantivo}]_{F2}}_{CPMGSubstantiva Polissêmica}** que decorre da impunidade total gerada por outro pilar do poder, os veneradores do ócio. (WCB)
<<http://veja.abril.com.br/blog/cenas-urbanas/brasil/amor-por-dinheiro/>>
- (50) Os **{[ultra^{Modificador} de ^{Grau/prefixo}]_{F1} [maratonistas^{Escopo/substantivo}]_{F2}}_{CPMGSubstantivaPolissêmica}**, Gerson e Vieira, que estão treinando para o revezamento da Ultramarathon BR 135 - 217 km, foram de Juiz de Fora a Santos Dumont (...) (WCB) <<http://ultragersonjf.blogspot.com/>>

- (51) Imagina se não fica o máximo se vestir de bruxa e pintar **{[mega^{Modificador} de Grau/prefixo]_{F1} [unhas^{Escopo/substantivo]_{F2}}CPMGSubstantivaPolissêmica}** postças com um esmalte craquelado... Fica muuuito legal!!! (WCB)
<<http://usofmarcela.blogspot.com/>>
- (52) Para aqueles que acham esses carros japoneses novidades ... pois bem o **{[super^{Modificador de Grau/prefixo]_{F1} [carro^{Escopo/substantivo]_{F2}}CPMGSubstantivaPolissêmica}}** que se cometa na verdade é o Veloster (...) (WCB)
<<http://www.competisom.com.br/>>
- (53) ...senzala, sendo o **{[arqui^{Modificador de Grau/prefixo]_{F1} [modelo^{Escopo/substantivo]_{F2}}CPMGSubstantivaPolissêmica}}** para o brasileiro das funções de lazer, produção, justiça, e de igualdade de identidade. (WCB)
<www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-2389>

A interpretação construcional da CPMG Substantiva Polissêmica, conforme descrito no Construto 6, remete ao *frame* Posição_ entidade_em_uma_escala_superlativa que descrevemos a seguir (descrição nossa, baseada nos modelos da *FrameNet*):

Frame Posição_entidade _em_ uma_ escala_ superlativa

Definição: Neste *frame* um **EF Valor** gradua uma **EF Entidade**, colocando uma propriedade sua ou a ela atribuída, **EF Variável** (não explícita), em uma posição em uma escala superlativa.

EFs Nucleares:

Entidade: O **EF Entidade** é o elemento sobre o qual recai a gradação. Pode ser explícito ou não (INSTANCIACÃO NULA).

O super **carro** que se comenta é o Veloster!
A mega **balada** de house enfrentou rejeição.

Valor: O **EF Valor**, implícito na UL, é o item responsável pela modificação de grau do **EF Entidade**.

O **ultra** **desafio** este ano é a maratona.
A **hiper** **maquiagem** deixa o rosto perfeito!

EF Variável (não explícita): propriedade do **EF Entidade** colocada em uma escala superlativa.

ULs e UCs: super+N, hiper+N, ultra+N, mega+N

Quadro 10: *Frame Posição_entidade _em_ uma_ escala_ superlativa*

O *frame* acima se institui através de três EFs; um deles nunca explícito, o EF Variável. A postulação deste EF não-explícito deve-se, em nossa leitura semântica, à mobilização de um processamento metonímico (RELAÇÃO PARTE-TODO - a parte mais relevante pelo todo)⁵⁸, o que significa dizer que uma propriedade (PARTE) inferível, relativa ao EF Entidade (TODO), é colocada em foco pelo processo de escalarização. Disto, i.e., deste processamento metonímico, resulta uma significativa polissemia deste

⁵⁸Metonímia é um tipo fundamental de relação cognitiva, experiencialmente motivada e imediatamente disponível à pragmática discursiva (LAKOFF, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1980). No entanto, Lakoff (1987) adverte que a Metonímia não pode ser vista como uma mera relação de substituição, mas sim como um fenômeno referencial que dispara um significado alvo dentro de um mesmo domínio conceptual. Na Língua Portuguesa, encontramos vários princípios metonímicos, empregados para uma ampla variedade de propósitos. Por exemplo: EFEITO pela CAUSA (*As indústrias despejam a morte nos rios*); MARCA pelo PRODUTO (*Minha filha adora Danone*); AUTOR pela OBRA (*Lemos Noam Chomsky por interesse*); CONTINENTE pelo CONTEÚDO (*Bebeu o cálice da salvação*); POSSUIDOR pelo POSSUIDO (*Fui ao barbeiro*); LUGAR pela COISA (*O garçom serviu-nos uma garrafa de Porto*); PARTE pelo TODO (*Tenho quinhentas cabeças de gado*); etc. (PIRES, 2013, p. 40-41)

subpadrão, cujas instanciações tem, além do valor escalar superlativo (este é o sentido construcional), um sentido específico dependente do contexto discursivo da ocorrência. Daí o nome CPMG Substantiva “Polissêmica”.

Para uma melhor compreensão deste fenômeno, retomemos os exemplos 49 a 53. Estas ocorrências apresentam um **sentido construcional** único, de Posição-entidade_em_uma_escala_superlativa, mas cada *type* vincula uma dimensão conceitual (EF Variável) distinta a tal escala, gerando uma significativa polissemia. O exemplo 49 “hiper inflação” remete à propriedade Dimensão (paráfrase: “inflação de dimensões extremamente grandes”); em 50, “ultra maratonistas” remete à Condicionamento (paráfrase: “maratonistas extremamente condicionados fisicamente”); em 51, “mega unhas” remete a Tamanho (paráfrase: “unhas muito grandes”); em 52 “super carro” remete à Potência (paráfrase: “carro extremamente potente”); e em 53, “arqui modelo” remete à Qualidade (paráfrase: “modelo superior aos demais”).

Em termos dos estudos descritivos resenhados neste estudo, poucas discussões - e de pouca relevância - foram encontradas sobre tal questão (cf. seção 3.2). Gramáticos (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 212; BECHARA, 2004, p. 141), conforme explicitado (cf. subseção 3.1), pontuam o fato de o aumentativo e o diminutivo nem sempre indicarem o aumento ou a diminuição de uma entidade (conforme visto na CPMG Substantiva de Tamanho), e de que os sufixos aumentativos/diminutivos também podem emprestar ao nome outras ideias como afetividade, sarcasmo, desproporção, deformidade, brutalidade, grosseria ou coisa desprezível. Rosa (1983) e Turunen (2009) (cf. subseção 3.2.1) também fazem observações a respeito dessas outras acepções envolvidas na marcação do grau aumentativo e diminutivo dos substantivos. Basílio (2007, p. 93-94) (cf. subseção 3.2.3) considera o fator emocional e sua expressão morfológica, incluindo aí a relação entre pejoratividade e grau, com os prefixos inclusive.

Para ilustrar, tomemos mais algumas considerações e exemplos de ocorrências em nosso *corpus* relacionadas à evocação de distintas propriedades ou *frames*⁵⁹, como Partes de um Todo (o EF Entidade), resultando em um efeito polissêmico para a CPMG Substantiva Polissêmica:

1. *Frame* Tamanho⁶⁰

São raras, no *corpus* montado, as ocorrências em que os prefixos super-, ultra- hiper-, mega- e archi-, combinados com substantivo, têm o significado vinculado a tal *frame*. Assim, das 290 ocorrências com esses prefixos, apenas 25 (nem 2% do total das ocorrências do *corpus*) evocam tal *frame* (exemplos 54, 55 e 56) em que as construções {hiper pôster}, {super nariz} e {mega mercados} evocam a noção de *tamanho exagerado, muito grande*, da mesma forma que acontece com outros *types* do *corpus* como *hiper exposição, hiper gráfico, hiper desconto, hipermercado, mega igrejas, megacidades, megacílios, mega turnê, mega centro, megaloja, supermercado, mega unhas*.

(54) (...) haha' amei a edição do Rob, mais gostaria que o Luan Santana viesse na capa, e viesse um {[hiper^{EFValor/Modificador de Grau}]_{F1} [pôster^{EF Entidade/Escopo}]_{F2}}CPMGSubstantivaPolissêmica do Fiuk! Nossa ia ser a melhor coisa...
(WCB) <http://capricho.abril.com.br/clube/dizai/131939_dizai.shtml>

(55) E a senhora encrena com aquele {[super^{EFValor/Modificador de Grau}]_{F1} [nariz^{EF Entidade/Escopo}]_{F2}}CPMGSubstantivaPolissêmica. Grande demais. Super nariguda,

⁵⁹Diante da impossível tarefa de descrever todos os *frames*, neste trabalho apenas fizemos uma remissão aos rótulos de conceitos expressos em cada cena não descrita.

⁶⁰ Vale ressaltar que no *corpus* específico montado nenhuma ocorrência com o EC Modificador de Grau *ultra-* evocando o sentido de tamanho ou dimensão foi encontrada.

mas canta muito... (WCB) <<http://papelpop.com/2011/02/beyonce-fez-plastica-e-afinou-o-nariz-para-aparecer-no-superbowl/>>

- (56) 20 anos à espera dos {[**mega**^{EFValor/Modificador de Grau}]_{F1} [**mercados**^{EF}
Entidade/Esopo]_{F2}}CPMGSubstantivaPolissêmica. Um painel de futuristas avaliou os milhões
de dólares que vão estar em jogo no começo do milênio e reserva-nos surpresas.
19N:Pt:Expr (CP)

Vale pontuar, mais uma vez, que a vinculação a uma propriedade (e a um *frame*) depende do contexto de uso, o que significa dizer que {super nariz} lido no exemplo 55 como associado ao *frame* de Tamanho, poder, em outro contexto, ser lido, por exemplo, como “um nariz que cheira muito bem”, remetendo a outro *frame*, como o de Qualidade ou Eficiência, nesse segundo caso.

2. *Frame* Dimensão

Considerando a irradiação figurativa do sentido de Tamanho, outras 102 ocorrências (5% do total) expressam a ideia de Dimensão, sendo que 96 delas correspondem ao *type arquidiocese*. Os exemplos 57, 58, 59 e 60 em que temos, respectivamente, as noções de *distância muito longa*; *população muito numerosa*; *juros muito altos*; *diocese ampla que agrupa as demais*, ilustram esse *frame*.

- (57) Temos que nos unir e fazer acontecer o nosso clube de maratonistas que correm {[**ultra**^{EFValor/Modificador de Grau}]_{F1} [**distância**^{EF}
Entidade/Esopo]_{F2}}CPMGSubstantivaPolissêmica funcionar para que possamos ser mais
respeitados e valorizados... (WCB) <<http://ultraromantic.blogspot.com/>>

- (58) Aonde vai esta relação? Porque é tão importante casar e ter filhos? Há um problema de **{[super]^{EFValor/Modificador} de Grau]_{F1} [população]^{EF Entidade/Escopo}]_{F2}}CPMGSubstantivaPolissêmica. Quem sabe donde saiu isso? (WCB)
<<http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/13995-o-mito-da-superpopulação.html>>**
- (59) ... teremos consequências como hiper inflação ou **{[hiper]^{EFValor/Modificador} de Grau]_{F1} [juros]^{EF Entidade/Escopo}]_{F2}}CPMGSubstantivaPolissêmica? A primeira decorre da impunidade total gerado por outro pilar do poder, os veneradores do ócio... (WCB)
<<http://veja.abril.com.br/blog/cenas-urbanas/brasil/amor-por-dinheiro/...>>**
- (60) pelo Dia do Trabalho, na catedral, foi organizada por várias pastorais sociais da **{[arqui]^{EF Valor/Modificador} de Grau]_{F1} [diocese]^{EF Entidade/Escopo}]_{F2}}CPMGSubstantivaPolissêmica de São Paulo. Para lembrar a campanha da Fraternidade deste ano, a pastoral 19N:Br:SCat (CP)**

Nas outras 163 ocorrências (8% do total) com os prefixos super-, ultra-, hiper-, mega- e archi-, outras propriedades são postas em escalas, dependendo do domínio conceitual evocado em relação ao EF Entidade/EC Escopo substantivo em cada contexto discursivo. De fato, como já explicitado, a propriedade escalar (EF Variável) do EC Escopo substantivo é implícita; depende do cálculo de sentido produzido pragmaticamente em cada contexto semântico-discursivo (processamento metonímico). Nas ocorrências registradas em nosso *corpus* pudemos identificar, além de Tamanho e Dimensão, a evocação dos *frames* de Força, Qualidade, Potência, Dificuldade, Excelência, Agitação, Destruição, Superioridade, dentre outros, exemplificados nas ocorrências adiante:

(61) ...cujo General comandante deseja transformar aquele tipo de mutação em supersoldiers, armas humanas, {[super]^{EF} Valor/Modificador de Grau]_{F1} [soldados]^{EF} Entidade/Escopo]_{F2}}CPMGSubstantivaPolissêmica, etc., e assim tentar dominar outros Afeganistãos, Iraques, Vietnãs, quiçá Amazônias, quiçá Brasis...! ! ! *id="1055"* *titulo="reflexões da professora que ve"* (FS)

(62) Valorize seus traços, corrija imperfeições, ilumine-se com uma {[super]^{EF} Valor/Modificador de Grau]_{F1} [maquiagem]^{EF} Entidade/Escopo]_{F2}}CPMGSubstantivaPolissêmica. Fique por dentro de todas as tendências sobre maquiagem, beleza e estilo pessoal... (WCB)
<<http://www.chatadegalochoa.com/2011/08/vestida-pra-festejar/>>

Parafraseando as ocorrências com o prefixo super- em 61 e 62 poderíamos ter: “soldados muito fortes” (*Frame* Força); e “ilumine-se com uma maquiagem perfeita” (*Frame* Qualidade).

Nos exemplos 63 e 64 com o prefixo ultra-, temos, respectivamente, a ativação do *frame* Condicionamento (atleta muito/extremamente treinado e condicionado); e *frame* Dificuldade (desafio muito/extremamente difícil).

(63) Amigos {[ultra]^{EF} Valor/Modificador de Grau]_{F1} [atletas]^{EF} Entidade/Escopo]_{F2}}CPMGSubstantivaPolissêmica, Temos que nos unir e fazer acontecer o nosso clube de ultradistância, para que possamos ser mais respeitados e valorizados na busca de nossos ... (WCB)
<<http://ultramaratonistacd.wordpress.com/>>

- (64) Isso é um **{[ultra]^{EF}Valor/Modificador** de **Grau]_{F1}** **[desafio]^{EF}**
Entidade/Escopo]_{F2}CPMGSubstantivaPolissêmica?. Aí as 56 vagas serão modestas para a
 quantidade de corredores fortes que querem participar de um SP? Rio em equipes
 de oito. (WCB) <http://runnersworld.abril.com.br/blogs/correria/vai-quebrar-300664_p.shtml>

No exemplo 65, por sua vez, temos a ativação do *frame* Excelência (uma {hiper interpretação} e uma {hiper tradução} seriam uma interpretação e uma tradução excelentes).

- (65) E essa meia-ideia serve de salvaguarda contra a presunção de uma
{[hiper]^{EF} **Valor/Modificador** de **Grau]_{F1}** **[interpretação]^{EF}**
Entidade/Escopo]_{F2}CPMGSubstantivaPolissêmica – com também de uma
{[hiper]^{EF}Valor/Modificador de **Grau]_{F1}** **[tradução]^{EF}**
Entidade/Escopo]_{F2}CPMGSubstantivaPolissêmica – teorizante e toda-poderosa, que reifica e
 eviscera o poema de modo a fazer com que sua existência se justifique apenas
 para servir às necessidades desta mesma interpretação... (WCB)
 <<http://blogs.estadao.com.br>>

As ocorrências 66 e 67 exemplificam usos da construção com o prefixo mega- que, nesses casos apresentados, ativam *frames* Agitação (uma {mega balada} é uma balada animada, agitada); e Potência (um {mega ciclone} é um ciclone destruidor).

(66) Acostumados com o pagodinho e o sertanejo de quinta no London a
 {[**mega**^{EF}Valor/Modificador de Grau]_{F1} [**balada**^{EF}Entidade/Escopo]_{F2}}CPMGSubstantivaPolissêmica
 de houseenfrentou rejeição. Mas ao poucos foi ganhando forma e na
 noite ...(WCB) <www.londonjaragua.com.br/preparamos-uma-mega-balada-de-house-mu...>

(67) Qual o pior cenário? Eu diria que nas próximas 24 horas vamos assistir à
 formação destes {[**mega**^{EF}Valor/Modificador de Grau]_{F1} [**ciclones**^{EF}
 Entidade/Escopo]_{F2}}CPMGSubstantivaPolissêmica – até o menor granizo vai ser do tamanho
 de bolas de basquete.(WCB) <<http://forum.jogos.uol.com.br/meteorologia-do-papo-cabeça-atualizando/>>

Com relação ao prefixo *arqui-*, temos, por exemplo, {arquimodelo}, indicando a
 noção de Superioridade:

(68) ...espécie de {[**arqui**^{EF}Valor/Modificador de Grau]_{F1} [**modelo**^{EF}
 Entidade/Escopo]_{F2}}CPMGSubstantivaPolissêmica formal para a escrita histórico-crítica: a
 colagem surrealista, a montagem cinematográfica, a coleção. Mesmo a cidade
 moderna, palco ... (WCB)
 <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?view=vtls000392130>

Em síntese, no caso das construções substantivas com os prefixos *super-*, *ultra-*,
hiper-, *mega-* e *arqui-*, não temos a convencionalização do *frame* evocado pelo prefixo,
 ou seja, da propriedade escalar atribuída ao EC Escopo substantivo. O significado que os
 exemplares põem em relevo vai depender da configuração discursiva da ocorrência.
 Assim, ao sentido construcional, como formalizado (*frame* Posição_entidade

_em_uma_escala_superlativa), somam-se os demais *frames* evocados, que dependem de usos específicos. Para o modelo construcionista adotado (a GRCC) tal resultado não representa nenhum entrave teórico-analítico. Goldberg (1995, 2006) ressalta, enfaticamente, que nem todo sentido é construcional. Dito de outro modo, a dimensão semântica posta no construto de uma construção pode se expandir em múltiplos sentidos no jogo discursivo – Semântica e Pragmática se colocam, neste modelo, como um contínuo.

Cabe considerar, por fim, outra questão relativa ao que Goldberg (1995, 2006) nomeia como Fusão entre forma-sentido em uma construção. Como vimos, o Construto da CPMG Substantiva Polissêmica envolve apenas dois (2) Elementos Construcionais (ECs Modificador de Grau e Escopo), diferentemente do *frame*, isto é, da cena conceptual que este subpadrão evoca. É que, em termos construcionais, conforme explicitado à subseção 2.1.4, o que vale na descrição de um padrão é a Hipótese da Generalização de Superfície, o que significa dizer que “o que se tem é o que se vê”. Assim, a construção se institui na superfície mórfica, ainda que remeta a um terceiro papel semântico inferível na cena conceptual.

Passemos, por fim, às sínteses analíticas a respeito da CPMG Substantiva Polissêmica e seus constituintes:

1. A CPMG Substantiva Polissêmica tem como sentido construcional o *frame* Posição_entidade_em_uma_escala_superlativa;
2. Este processo de escalarização superlativa vincula-se a distintas propriedades (EF Variável) ou *frames*, dependendo do contexto semântico-pragmático da ocorrência específica;

3. A polissemia decorrente da inferência de distintas propriedades neste subpadrão vincula-se ao efeito de um processamento metonímico (relação PARTE-TODO), a partir do EF Entidade/EC Escopo;
4. Os exemplares já fixados no léxico do Português (super-herói, super-homem, superpopulação) tem, naturalmente, um sentido igualmente convencionalizado.

5.1.3 A CPMG Predicadora

A CPMG Predicadora cumpre uma função semântica bastante transparente, qual seja, a de intensificação de seu escopo. Por intensificação entende-se “(...) a disposição de uma predicação em uma escala de intensidade ou o grau de realização de uma predicação alcançando de um nível muito/extremamente baixo a um nível muito/extremamente alto” (CLARIDGE, 2011, p.9).

Seu construto pode ser assim descrito:

{ Construção Prefixal Modificação de Grau Predicadora [^{Modificador de Grau}signo₁]_{F1} [^{Escopo}signo₂]_{F2} }_M

Nome	Construção Prefixal de Modificação de Grau Predicadora
M	Unidade Mórfica Complexa X com valência combinada de F1 e F2
F1	Modificador de Grau: prefixos de grau
F2	Escopo: núcleo adjetival, adverbial e verbal sem modificação de grau
Interpretação	A Modificação de Grau promovida por F1 estabelece um valor escalar de intensidade para F2 de modo a evocar o <i>frame</i> Intensificação

Quadro 11: Construto 7 - descrição informal da CPMG Predicadora

Na configuração do Construto7, temos a Construção-Mãe que é um Sintagma Adjetivo, Adverbial e Verbal formado pela valência combinada de F1 e F2. O *slot* equivalente ao Elemento Construcional - EC Modificador de Grau (F1) - pode ser preenchido pelos seguintes prefixos: super-, ultra-, hiper-, mega- e archi-. Quanto ao EC Escopo (F2), temos adjetivos, advérbios e verbos.

A CPMG Predicadora, em todos os seus tipos de Escopo, soma 790 ocorrências (43% do total) e tem a ela agregado um valor semântico estável, expresso pela evocação do *frame* Intensificação (descrição nossa, baseada nos modelos da *FrameNet*) como descrito no Quadro12 a seguir, onde nos limitamos à descrição dos EFs centrais que são os que interessam ao nosso estudo – EF Item, EF Variável e EF Valor:

Frame Intensificação Definição: Este <i>frame</i> descreve o posicionamento de uma entidade-alvo (EF Item) em um ponto muito/extremamente alto ou muito/extremamente baixo de uma escala, em relação a um escopo/núcleo graduável (EF Variável) atribuído por um EF Valor. EFs Nucleares: Item: O EF Item identifica a entidade-alvo a qual o escopo/núcleo graduável EF Variável é relacionado. O nosso programa é ultra simples. Variável: O EF Variável é o escopo/núcleo graduável atribuído ao EF Item. Na CPMG Predicadora, o EF Variável pode ser explícito ou não (INSTANCIACÃO NULA). O sonho de todo homem é um carro super potente. Aquele cara é super EF Variável (Instanciação nula) Valor: O EF Valor, implícito na UL, é o item responsável pela modificação de grau/intensificação do EF Variável. Hoje as pessoas priorizam as comidas hiper saudáveis.

Quadro 12: *Frame* Intensificação

Agregando as informações do *frame* evocado (Intensificação) pela Construção Prefixal de Modificação de Grau Predicadora e as descrições do construto que a mesma integra (cf. Quadro 11), podemos apresentar sua descrição nos seguintes termos: a CPMG Predicadora, por meio do EC Modificador de Grau/EF Valor (os prefixos), evoca a intensificação do EC Escopo/ EF Variável, em relação a uma entidade-alvo (EF Item). Os exemplos 69, 70 e 71 adiante explicitam essa relação:

- (69) (...) os **alimentos**^{EFItem} {[**hiper**^{EFValor/Modificador de Grau}]_{F1} [**caloricos**^{EFVariável/Escopo}]_{F2}}CPMGPredicadora daum barriga ou naum? uma dúvida frequente de todos os adeptos de musculação...(WCB)
<<http://www.treinomestre.com.br/hipercaloricos-o-que-sao-efeitos-e-como-tomar/>>
- (70) Noivinhas, a **data**^{EFItem} para o meu casamento está {[**mega**^{EFValor/Modificador de Grau}]_{F1} [**longe**^{EFVariável/Escopo}]_{F2}}CPMGPredicadora, fico olhando coisas de casamento e bate uma ansiedade... (WCB) <www.casamentos.com.br > ... > Fórum Casamentos.com.br > Debate>
- (71) Carol, {[**ultra**^{EFValor/Modificador de Grau}]_{F1} [**amei**^{EFVariável/Escopo}]_{F2}}CPMGPredicadora o **look**^{EFItem}! Essa cor da saia é linda. Comprei uma ontem bandage também, só que preta. (WCB)
<<http://toquedeneon.com/2010/01/mais-um-look-bandage>>

As chaves indicam, na notação acima, os limites do padrão construcional em foco (a construção Mãe); os parênteses, os limites dos ECs (as Filhas). Assim, o EF Item integra o contexto sintático da construção, mas não o seu construto, como vimos no Quadro 11.

Uma vez que neste subpadrão temos ocorrências de EC Escopo adjetivo, advérbio e verbo, cada um desses tipos, por razão de clareza expositiva, será tratado separadamente adiante, a começar pelo EC Escopo adjetivo:

- (i) {[super-, ultra-, hiper-, mega-, arqui- Modificador de
Grau]_{F1}[adjetivo^{Escopo}]_{F2}}CPMGPredicadora

Consideremos os exemplos:

- (72) Como é tendência, nas lojas dá pra encontrá-las estampando várias peças, desde bolsas e mochilas até blusas e vestidos. Os **colares**^{EF Item} de coruja são {[**super**^{EF Valor/Modificador de Grau}]_{F1}[**fofos**^{EF Variável/Escopo}]_{F2}}CPMGPredicadora e estilosos! (WCB) <<http://fashionsliberty.blogspot.com/>>
- (73) Além do corriqueiro francês e os usos da sociedade, os aspirantes a diplomatas começam nos passeios e reuniões da capital da República a ensaiar o uso de roupas, mais ou menos à última moda. Não esquecem nem o modo chic de atar os cordões dos sapatos, nem o **jeito**^{EF Item} {[**ultra**^{EF Valor/Modificador de Grau}]_{F1}[**fashion**^{EF Variável/Escopo}]_{F2}}CPMGPredicadora de agarrar a bengala; estudam os modos apurados de cumprimentar, de sorrir; 19:Fic:Br:Barreto:Bruz (CP)
- (74) Nunca mais a embriaguez fácil dos primeiros encontros, nunca mais o gozo múltiplo regido por **solos**^{EF Item} {[**hiper**^{EF Valor/Modificador de Grau}]_{F1} [**técnicos**^{EF Variável/Escopo}]_{F2}}CPMGPredicadora, notas difíceis, malabarismos musicais, notas jogadas fora pra nada, pra se varrer do palco ao fim do espetáculo, notas em vão. id="4639" titulo="a musicabioquímica do hamilton-de-holanda"(FS)
- (75) Tudo em um **projeto**^{EF Item} {[**mega**^{EF Valor/Modificador de Grau}]_{F1} [**bacana**^{EF Variável/Escopo}]_{F2}}CPMGPredicadora em prol de uma causa melhor ainda. O Instahelp é

um projeto criado pra arrecadar fundos para ajudar a ...(WCB)

<www.idealiza.com/um-brasileiro-criou-um-projeto-mega-legal-para-ajud..>

(76) Tricolor vence o **Flamengo**^{EF Item}, seu **{arqui**^{EF Valor/Modificador de Grau}_{F1}

[rival^{EF Variável/Escopo}_{F2}CPMGPredicadora fora de casa. Pela segunda rodada do campeonato sergipano de futebol sub-15, o Itabaiana foi à ...(WCB)

<www.reporterbetosilveira.com.br/.../futebol-sub-15-tricolor-vence.html>

A Tabela 19 adiante explicita o rol de adjetivos (EC Escopo) que, em nosso *corpus*, se fundem com os ECs Modificadores de Grau *super-*, *ultra-*, *hiper-*, *mega-* e *arqui-* na CPMG Predicadora e o número de ocorrências correspondente a cada prefixo. Ressalta-se o fato de os adjetivos estarem separados segundo a expressão de propriedades positivas ou negativas, o que, de fato, desconstrói o que aponta Basílio (2007) (cf. subseção 3.2.3) ao dizer que composições com **super-**, via de regra, não funcionam com bases de valor negativo, ao contrário de **ultra-**, por exemplo, que, segundo a autora, não rejeita base de semântica negativa. Cavalcanti (1980) (cf. subseção 3.2.2), por sua vez, afirma que o prefixo **super-** pode ocorrer com todo e qualquer adjetivo que possa ser intensificado – convergindo com nossos dados.

A partir das ocorrências do *corpus* específico montado (cf. cap. 4), a Tabela 19 nos mostra que, embora os adjetivos com semântica de base positiva sejam mais frequentes (108 *types*) os adjetivos de base negativa (29 *types*) também fazem parte da construção, inclusive com o EC Modificador de Grau *super-*. Este caráter avaliativo (positivo/negativo) que estamos atribuindo ao EC Escopo adjetivo foi atribuído ante análise do contexto discursivo específico de cada instanciação.

EC Modificador de Grau (prefixos)	Nº de ocorrências	EC Escopo (adjetivos)	
		Positivos	Negativos
Super-	155	fofos, antenada, alto, recomendado, populares, vaidosa, bacana, legal, <i>fashion</i> , novos, linda, original, gostoso, ricos, expressivo, feminina, magro, moderno, contagiantes, elaborada, favorita, provocante, sensual, jovem, sereno, seguro, prestigiado, atual, talentosa, acessível, especial, criativa, premiado, delicado, elogiado, valorizado, contente, avançado, assistido, gelada, simpático, interessante, glamorosa, generosa, rápido, poderosa, inteligente, receptiva, realizada, protetora, respeitável, generosa, cheiroso.	Cafona, ansiosa, apertado, lotado, simples, precário, restrito, agressivas, revoltado, escorregadio, básica, estranho, clichê, sacana.
Ultra-	59	<i>Suingada</i> , rápida, suave, contemporânea, seguro, fino, moderno, bacana, compacto, exclusivo, personalizado, crocante, delicado, aconchegante, qualificado, hidratante, bombado, descontraído, interessante, feminino, criativo, <i>fashion</i> , colorido, detalhista, alternativo, superior.	Esquisita, baixa, infame, polido, pirado.
Hiper-	42	Conhecido, pós-graduado, citada, realista, fofo, proteica, espaçosa, conectada, interessante, sensível, veloz, criativo, feliz, técnico, resistente, curto, fino, racional, especial, lindo.	Consumista, calórico, volumoso, ciumenta, pesada, bagunçado, saturada.
Mega-	19	Legal, feliz, refinado, fera, bacana, moderna.	Lotado, dramática.
Arqui-	146	Milionário, feliz	Rival, inimigo
Totais	421 ocorrências	Total de <i>types</i> positivos 108	Total de <i>types</i> negativos 29

Tabela 19: Número de ocorrências e *types* do EC Escopo adjetivo da CPMG Predicadora

Passemos ao EC Escopo advérbio:

- (ii) {[super-, hiper-, mega-^{Modificador de Grau}]_{F1} [advérbio^{Escopo}]_{F2}}CPMG Predicadora

Conforme explicitado no capítulo 3 (cf. seção 3.1), a gradação mórfica de advérbios é, de modo geral, descrita somente em termos da sufixação (BECHARA, 2004), não havendo, nas gramáticas e manuais de morfologia consultados (cf. subseção 3.2.3) sequer alguma citação de instâncias de expressões que nomeamos como CPMG Predicadora com EC Escopo advérbio.

O número de ocorrências do EC Escopo advérbio encontradas no *corpus* montado apontam para o seu baixo grau de convencionalização e produtividade. São somente 28 ocorrências (1% do total das ocorrências do *corpus*) distribuídas entre os ECs Modificadores de Grau super- (24 ocorrências), hiper- (3 ocorrências) e mega- (1 ocorrência); e somente 6 *types* (*mal, certo, tarde, bem, perto, longe*), como ilustram os exemplos 77 e 78 a seguir:

- (77) Toda vez que **eu**^{EF Item} estou me sentindo {[**super**^{EF Valor/Modificador de Grau}]_{F1}

[**bem**^{EF Variável/Escopo}]_{F2}}CPMGPredicadora comigo mesmo um cara vem e mexe

comigo, dps por algum motivo eu me decepçiono e me sinto um lixo... isso ...

(WCB) <www.bolsademulher.com/forum/amor/f9/202735/>

- (78) Ela conta que já era {[**hiper**^{EF Valor/Modificador de Grau}]_{F1} [**tarde**^{EF}

Variável/Escopo]_{F2}}CPMGPredicadora. Eu tinha que ir correndo pra escola (é bem pertinho

da minha casa). Minha mãe disse que ia comigo caso eu não conseguisse

entra...(WCB)<<http://capricho.abril.com.br/blogs/blogdojerri/tags/humor/page/3>

[1/?doing_wp_cron...](#)>

Quando o EC Escopo é um verbo temos um quadro bem produtivo, como veremos a seguir.

- (iii) {[super-, ultra-, hiper-, mega-^{Modificador de Grau}]_{F1}[verbo^{Escopo}]_{F2}}_{CPMG}

Predicadora

Reportando aos estudos descritivos resenhados, temos, na Tradição Gramatical (cf. seção 3.1), um destaque para a intensificação de verbos marcada lexicalmente (*Eu gostei muito da sua blusa*; *Eu gostei demais da sua blusa*). Nas descrições linguísticas, Rosa (1983) (cf. subseção 3.2.1) considera a gradação de verbos como um acidente excepcional na língua, restrita à citação de exemplos (*Nenê está dormindinho*). De igual modo, Sandmann (1987) (cf. subseção 3.2.2) ressalta o uso raro de afixos de grau com verbos (*supervalorizar* e *correndinho*).

Em nosso *corpus*, contudo, a ocorrência de verbos morficamente intensificados não parece ter este caráter accidental. São 341 ocorrências (19% do total), em relativa consonância com os estudos de Cavalcanti (1980) a respeito do uso do prefixo super- mais base verbal (cf. subseção 3.2.2).

Vale ainda destacar que 340 desses exemplares foram encontrados no *corpus* constituído pela ferramenta computacional Web Concordancer Beta. No *Corpus* do Português nenhuma ocorrência desse padrão foi encontrada e no Floresta Sintática, somente uma ocorrência foi identificada (cf. especificidades dos *corpora*, seção 4.2).

Em consulta ao Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, registramos as seguintes entradas lexicais (Tabela 20) dos prefixos super-, hiper- e ultra- com verbos (não há entradas lexicais no dicionário em que os prefixos mega- e archi- se fundem a verbos):

Prefixos	Entradas lexicais
Super-	Superabundar, superagasalhar, superalimentar, superaquecer, superativar, supercalandrar, superciliar, superelevar, superestimar, superexaltar, superexcitar, superexpor, superfaturar, superintender, superlativar, superlotar, supernaturalizar, superoxidar, superpor, superpovoar, superproteger, super-representar, supersaturar, supervalorizar, supervisar, supervisionar.
Ultra-	Ultra-existir, ultrajar, ultrapassar.
Hiper-	Hiperbolizar, hiperestender, hiperestesiari, hiperpolarizar, hipertrofiar, hipervalorizar, hiperventilar.

Tabela 20: Instâncias dicionarizadas da CPMG Predicadora com EC Escopo verbo

Além das informações provenientes das Gramáticas Tradicionais e Dicionários, o uso expandido do prefixo *super-* com verbos já havia sido identificado por Cavalcanti (1980) (cf. subseção 3.2.2). Em seu trabalho, somente verbos que expressam sentimentos ou processos mentais em geral (*superagitar*, *superexaltar*, *superexcitar*, entre outros) e verbos de ação (*supertrabalhar*, *superprocurar*, *superfalar*, entre outros) são passíveis de intensificação pelo prefixo. O uso dos demais prefixos (*mega-*, *ultra-* e *hiper-*) com verbos, no entanto, sequer foi citada nesse trabalho.

Os exemplos 79 a 87 são ocorrências com o EC Escopo verbo:

- (79) Oooi meninas! O esmalte de hoje é uma **combinação**^{EF Item} que eu **{[super^{EF Valor/Modificador de Grau}]_{F1}[amei^{EF VariávelEscopo}]_{F2}}**^{CPMGPredicadora}! Primeiro eu usei o 205 da Hits, se não me engano passei 2 camadinhas e não usei extra brilho... (WCB)<<http://dicaseciadecosmeticos.blogspot.com/>>
- (80) Não é melequento, nem grudento, super cheiroso (o cheiro é leve e não briga com perfume), contém aloe vera e vitamina. E pra nutrir a pele. **{[Super^{EF}]**

Valor/Modificador de Grau]_{F1} [gostei^{EF} Variável/Escopo]_{F2}}CPMGPredicadora! Quem tiver alguma amiga ou estiver indo pra Gringa, eu {[super^{EF} Valor/Modificador de Grau]_{F1} [recomendo^{EF}Variável/Escopo]_{F2}}CPMGPredicadora! (WCB)
<<http://trendytucuma.com/>>

(81) Um prata de vez em quando é o máximo que consigo gostar realmente, só que com as coberturas craqueladas não tenho esse bloqueio e {[super^{EF} Valor/Modificador de Grau]_{F1} [curti^{EF} Variável/Escopo]_{F2}}CPMGPredicadora esse azul cibernético^{EF} Item. (WCB) <<http://esmaltadas.com.br/>>

(82) Daí que a gente não comentou o cabelinho novo de Mayaninha, mas um amiguinho novo que {[super^{EF} Valor/Modificador de Grau]_{F1}[quis^{EF} Variável/Escopo]_{F2}}CPMGPredicadora mandar um recadinho depois de ver essas fotos... Diz ae, querido: "Mayziiinha, curti teu ixtiluuu... Tá um I-X-C-Â-N-D-A-L-O, gata..." (WCB) <<http://rafaelapedepato.blogspot.com/>>

(83) Então, {[mega^{EF} Valor/Modificador de Grau]_{F1} [curti^{EF} Variável/Escopo]_{F2}}CPMGPredicadora OS craquelados^{EF} Item de cores metalizadas (dourado e prata). As combinações são infinitas e o resultado final lindíssimo! Eu aprovo! <<http://usofmarcela.blogspot.com/>>

(84) Olhem só o look da semana!!Amei a camisa, amei a calça,{[mega^{EF} Valor/Modificador de Grau]_{F1}[amei^{EF} Variável/Escopo]_{F2}}CPMGPredicadora a clutch^{EF} Item e super quis as sandalias! Com esse look a italiana Veronica Ferraro, descreve no seu site que depois de desembarcar em Paris, vestiu-se assim para almoçar com amigas (uii que tudooo!). (WCB) <<http://tokedediva.blogspot.com/>>

(85) ... um look bacana sem aquele estilo dragqueem que a supershok deixa (que fora isso tbm é boa...deixarei minha opinião a respeito dela mais p frente tbm...uma coisa puxa a outra né minha gente...rsrs)...fica bem natural apesar do

volume...axo que eu {{mega^{EF} Valor/Modificador de Grau]_{F1}[gostei^{EF} Variável/Escopo]_{F2}}CPMGPredicadora dela^{EF} Item por isso... (WCB)
<<http://experienciascomavon.zip.net/>>

(86) {{Hiper^{EF} Valor/Modificador de Grau/_{F1}[amei^{EF} Variável/Escopo]_{F2}}CPMGPredicadora a história!!! Eu usei a mesma renda de minha mãe em duas ocasiões: No meu noivado, usei a mesma renda rosé do noivado dela e no meu casamento usei a renda do vestido de casamento dela que D. Mena (do Rio – uma saudosa muito querida que entendi... (WCB) <<http://www.sayido.com.br/archives/1094>>

(87) EEEEEEEITA!!! Parabens!! hámto tempo naum me emocionava com um Ouro taum merecido como o seu!! o de vcs!! Da equipe inteira!!!! Parabensmeeeeesmo!! {{Ultra^{EF} Valor/Modificador de Grau]_{F1}[curti^{EF} Variável/Escopo]_{F2}}CPMGPredicadora!! ultra mega merecido!!!! (WCB)
<<http://www.facebook.com/pages/Arthur-Zanetti/127106330727567>>

A Tabela 21 adiante mostra o número de ocorrências e os *types* verbais encontrados em nosso *corpus* para a CPMG Predicadora com EC Escopo verbo:

Prefixo	Nº total de ocorrências com verbos	Types verbais	Nº de ocorrências de cada <i>type</i> verbal
Super-	300	Amei	144
		Curti	49
		Gostei	45
		Faz	24
		Recomendo	9
		Quer	9
		Quis	7
		Fiz	6
		Quero	1
		Adorei	1
		Adoro	1
		Necessito	1
		Surtei	1
		Fazendo	1

		Protege	1
Mega-	27	Amei	20
		Curti	5
		Gostei	1
		Quis	1
Hiper-	8	Amei	6
		Gostei	1
		Gosto	1
Ultra-	6	Amei	3
		Curti	1
		Gostei	1
		Recomendo	1
Total	341	15 <i>types</i> verbais⁶¹	341

Tabela 21: Número de ocorrências e *types* verbais da CPMG Predicadora

Vale pontuar que a busca realizada – ferramenta Web Concordancer Beta, *Corpus* do Português e Floresta Sintática (cf. cap. 4) – foi feita utilizando o prefixo (EC Modificador de Grau) como palavra-chave. Diante disso, os verbos listados na Tabela 21 emergiram naturalmente no *corpus*, i.e., não fizemos uma listagem anterior dos verbos que desejávamos buscar, embora já tivéssemos uma intuição sobre quais apareciam mediante observação dos usos pelos falantes da Língua Portuguesa.

Torna-se, pois, relevante, fazer uma análise em torno da semântica dos *types* verbais da CPMG Predicadora. Para isso, valemo-nos da classificação de predicados proposta por Castilho (2012, p. 396-407), segundo o qual a transitividade é a propriedade gramatical mais importante do verbo, estando sua importância na estruturação da sentença e na seleção dos argumentos. Castilho (2012, p. 397) estabelece, pois, a seguinte tipologia:

⁶¹ Consideramos aqui diferenças de conjugação e tempo verbal do mesmo verbo.

1. Predicados agentivos, tais como ‘X faz Y’.
2. Predicados experienciais, que exprimem propriedades de natureza perceptiva, cognitiva ou estados afetivos, tais como ‘X sabe/pensa/ama Y’.
3. Predicados possessivos, ou de transferência de posse, tais como ‘X tem/possui/envia/dá/recebe Y de/a Z’.
4. Predicados causativos, em que um dos argumentos designa a entidade que sofre uma mudança de estado ou de lugar, como em ‘X abre/destrói/sobe Y’.

Segundo a tipologia estabelecida por Castilho (2012), temos a seguinte divisão dos verbos que atuam como EC Escopo da CPMG Predicadora em nossos dados:

- (i) predicados agentivos: recomendar, fazer, proteger;
- (ii) predicados experienciais: amar, curtir, gostar, adorar, surtar;
- (iii) predicados possessivos: querer, necessitar.

O maior número de *types* e ocorrências está no segundo padrão (predicados experienciais), o qual corresponde a 280 das 341 ocorrências da CPMG Predicadora. Essa informação aponta, portanto, para uma convergência com o que afirma Cavalcanti (1980, cf. subseção 3.2.2) a respeito dos julgamentos de aceitabilidade dos verbos antecidos pelo prefixo *super-*; em sua maioria são verbos de sentimento ou processos mentais.

Nas descrições propostas pela *FrameNet*, estes predicados de experiência evocam o *frame*: Foco_no_Experienciador/Experiercer_Focus (disponível em <https://framenet2.icsi.berkeley.edu/fnReports/data/frameIndex.xml?frame=Experiercer_focus>)⁶² descrito adiante:

⁶²*Frame* traduzido por Lima (2014, p. 121).

Frame Foco_no_Experienciador

Definição: as palavras neste *frame* descrevem as emoções de um **Experienciador** com relação a algum **Conteúdo**. Embora o conteúdo possa se referir a um verdadeiro, atual estado das coisas, muitas vezes refere-se a uma situação geral que provoca a emoção.

EF central:

Conteúdo: O **EF Conteúdo** é para onde os sentimentos ou experiências do **Experienciador** são direcionados ou baseados. O conteúdo difere de um estímulo porque não é interpretado como sendo diretamente responsável por causar a emoção.

Evento: O **EF Evento** é a ocasião ou acontecimento que o **Experienciador** em certo estado emocional participa.

Experienciador: O **EF Experienciador** experimenta a emoção ou outro estado interno.

Tópico: é a área sobre a qual o **Experienciador** tem a experiência particular.

Central não expresso:

Expressor, Estado.

EF não central

Circunstâncias, Grau, Parâmetro, Razão, Tempo.

Unidades Lexicais:

Abominar v., aversão n., detestar v., adoração n., adorar v., medo n., boquiaberto n., antipatia n., apreensivo a., calmo a., confortável n., compaixão n., legal n., prazer n., desesperar v., desprezar v., detestar v., desconforto n., desgostar v., insatisfeito a., pavor n., temor n., fácil a., empatia n., desfrutar v., inveja n., perturbado a., farto a., febril a., apaixonado a., (...).

Quadro 13: *Frame Foco_no_experienciador*

Outro aspecto a ser considerado na CPMG Predicadora com EC Escopo verbo, respeito à flexão de pessoa desses verbos nas instâncias encontradas no *corpus*: a maioria encontra-se na 1ª pessoa do singular (297 ocorrências), o que reforça a força expressiva do experienciador nestas instanciações.

Considerações pragmáticas e discursivas sobre tais usos serão melhor desenvolvidas na subseção 5.1.5.

5.1.4 Quando o EC Escopo é uma Instanciação Nula

Considerar a ocorrência de prefixos quando o EC Escopo é uma Instanciação Nula não é novidade entre os gramáticos e estudiosos da área, conforme discutimos no capítulo 3, sendo esses casos nomeados pelos gramáticos como formas livres dos prefixos. Bechara (2004, p. 338) afirma que, por aparecerem como formas livres, os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical um novo significado, ou seja, “ao contrário dos sufixos, que assumem valor morfológico, os prefixos têm mais força significativa; podem aparecer como formas livres e não servem, como os sufixos, para determinar uma nova categoria gramatical”. Cunha e Cintra (2008) (cf. seção 3.1) também afirmam a maior independência dos prefixos com relação aos sufixos, já que aqueles se originam, em geral, de advérbios ou preposições que têm ou tiveram vida autônoma na língua.

Essa abordagem é confirmada em nosso *corpus* uma vez que, de um total de 1.821 ocorrências dos dois subpadrões (CPMG Substantiva e CPMG Predicadora), 292 são ocorrências da CPMG em que o EC Escopo é uma Instanciação Nula, ou seja, 16% do total.

São exemplos do tipo:

(88) A gente tem um convidado para hoje. Meu **{{super, hiper^{Modificador de Grau/Prefixo}}}**_{F1} **[Instanciação Nula^{Escopo}]**_{F2}^{CPMG}, sei lá, o quê... - O cara é foda. Nando Reis. Quero chamar ele pra tocar uma música com a gente. (WCB) opus.lingfil.uu.se/OpenSubtitles2012/xml/pt_br/.../50361_1of1.xml.gz

(89) Sobre o que você está falando?! - Eu posso olhar na sacola se eu quiser. - Estou amando essa cor. - **{{Super^{Modificador de Grau/Prefixo}}}**_{F1} **[Instanciação Nula^{Escopo}]**_{F2}^{CPMG} pra você, colega, mas eu não sou o Pete, e estou indo. Tchau. (WCB) www.lucianeferraes.com.br/o-esmalte-da-vez/

- (90) Raios, delicioso chocolate coberto de passas. Maldição. Devia ter comprado o **{[mega^{Modificador de Grau/Prefixo}]_{F1} [Instanciação Nula^{Escopo}]_{F2}}**_{CPMG}. (WCB) <<http://paracozinhar.blogspot.com/2007/06/mini-quiches.html>>
- (91) Todos nós podemos realizar as nossas ultras, nossas metas, nossos sonhos. Todos nós somos capazes, todos nós somos **{[ultra^{Modificador de Grau/prefixo}]_{F1} [Instanciação Nula^{Escopo}]_{F2}}**_{CPMG}. Faltam 300 metros!! Hora de comemorar com todos Abraço após a chegada, não faltaram lágrimas!! (WCB) <<http://somosultra.blogspot.com/>>
- (92) E o processo é **{[arqui^{Modificador de Grau/prefixo}]_{F1} [Instanciação Nula^{Escopo}]_{F2}}**_{CPMG}! *par=ext149798-des-93a-1*(FS)
- (93) Se é verdade que se está longe de qualquer micro ou **{[macro^{Modificador de Grau/prefixo}]_{F1} [Instanciação Nula^{Escopo}]_{F2}}**_{CPMG}, é inegável que se assiste a um autêntico paradoxo: as economias mantêm-se débeis enquanto as bolsas estão a arder de agitação. *par=ext59501-eco-93b-1*(FS)
- (94) Responder Deise, eu não uso colar, mas os **{[maxi^{Modificador de Grau/prefixo}]_{F1} [Instanciação Nula^{Escopo}]_{F2}}**_{CPMG} são lindos! Em acrílico é bem moderno também...(WCB) <<http://www.smooch.com.br/eles-voltaram-maxi-colaes/>>
- (95) Eu concordo com eles com relação ao Neon e ao Bib! muito exagerados! prefiro uns **{[maxi^{Modificador de Grau/prefixo}]_{F1} [Instanciação Nula^{Escopo}]_{F2}}**_{CPMG} mais discretos. (WCB) <<http://www.justlia.com.br/2012/04/o-que-eles-pensam-sobre-maxi-colar/>>
- (96) ... com renda é nobre, com as costas nuas, muito sexy, rodado é tão feminino... Acho lindo o movimento que faz quando ao caminhar os babados se movem, e claro, o **{[micro^{Modificador de Grau/prefixo}]_{F1} [Instanciação**

Nula^{Escopo}_{F2}}CPMG! Ah, uma boa joia e um bom perfume fecham o look! (WCB)

<<http://microvestido.blogspot.com/>>

- (97) Com o orçamento apertado e assustados com os valores dos fornecedores, resolveram fazer um casamento com a cara deles. Trabalharam na ideia de **{[mini**^{Modificador de Grau/prefixo}_{F1} [**Instanciação Nula**^{Escopo}_{F2}]}CPMG, eco e outdoor. O noivo colocou a mão na massa (o que é raridade..rsrs), fez o layout do convite que foi impresso em papel reciclável e para economizar ainda mais e ajudar o meio ambiente... (WCB) <<http://minicasamentos.blogspot.com/>>

Em termos construcionais, o EC Escopo não é lexicalizado. Temos, portanto, uma Instanciação Nula (Definida ou Indefinida) uma vez que o *slot* não é preenchido (EF Entidade ou EF Variável – cf. *frames* Posição_em_uma_escala_superlativa_tamanho e Posição_entidade_em_uma_escala_superlativa (Quadros 8 e 10); *frame* Intensificação (Quadro 12)). Assim, a título de exemplo, podemos retomar as ocorrências 88 e 90 – cujos ECs Escopos são uma Instanciação Nula Definida do EF Entidade (podem ser inferidos pelo contexto – “músico” em 88 (cf. *frame* Quadro 10) e “chocolate” em 91 (cf. *frame* Quadro 8)). Conforme apresentado (cf. subseção 2.2.2), a Instanciação Nula Definida (IND) corresponde a casos em que os elementos podem ser recuperados anaforicamente pelo contexto.

A Tabela 21 adiante mostra o número de ocorrências de cada EC Modificador de Grau associado a um EC Escopo que se manifesta como uma Instanciação Nula:

EC Modificador de Grau/prefixos com EC Escopo/Instanciação Nula	Número de ocorrências	(%) em 292 ocorrências
Macro-	135	46%
Micro-	68	23%
Super-	31	11%
Maxi-	18	7%
Hiper-	16	6%
Ultra-	10	3%
Mini-	9	2%
Mega-	4	1,7%
Arqui-	1	0,3
Total	292	100%

Tabela 22: Número de ocorrências da CPMG com EC Escopo Instanciação Nula

Os dados dessa tabela evidenciam o número elevado de ocorrências em que há uma Instanciação Nula do EC Escopo com os prefixos macro-, micro- e super-. Com relação ao prefixo **macro-**, as 135 ocorrências referem-se, no *corpus*, majoritariamente à macroeconomia, o que nos leva ao campo conceitual de Mercado Financeiro (cf. ontologia do EC Escopo macro-, Tabela 16). No caso do prefixo **micro-**, por sua vez, o número elevado de ocorrências refere-se, no *corpus*, a microcomputador, microempresa e microempresário (cf. ontologia do EC Modificador de Grau micro-, Tabela 18). Sandmann (1987) (cf. subseção 3.2.2) destaca a ocorrência dos prefixos macro- e micro- como abreviações convertidas em substantivos: (a) macro (empresa), (a) micro (empresa), (o) micro (computador).

O uso do **super-** associado a um EC Escopo/Instanciação Nula pode ser explicado levando em conta o seu elevado grau de convencionalização na língua (cf. subseção 5.1.5).

Outros exemplos que confirmam a emergência desses casos na Língua Portuguesa trazem junto a ocorrência de alguns fenômenos que põem à prova o estatuto dos prefixos estudados:

- (98) Se há forma de vida inteligente? Mas será que algum dia vamos encontrar uma raça superior? Se acontecer, será muito **super!** - Será incrível! Isto acontecerá um dia. Porquê não conosco? (WCB) <hypescience.com/nao-existe-vida-inteligente-fora-da-terra-segundo-cient...>
- (99) ... quero MUITO comprar uma maxi colar, **BEM MAXI**, com pedras na cor cristal e base preta, pode me mandar foto e orçamento por e-mail ?? (WCB) <<http://morenamelbazar.blogspot.com/2010/06/maxi-colares.html>>
- (100) Essa bolsa é uma das mais bonitas. Ela é em couro envernizado com detalhes nos bolsos em pele sintética. **Super maxi**. Novíssima. (WCB) <<http://mariaflorbrecho.blogspot.com/>>
- (101) Os maxi colares já estão no hall da fama há algum tempo e vão continuar mais **MAXIS** ainda nessa temporada!!! (WCB) <<http://www.totalmentein.com/tag/maxi-colares-2012/>>

Nesses exemplos, os prefixos super- e maxi- estão sendo intensificados (**muito super, bem maxi, super maxi**) ou flexionados em número (**maxis**), o que comprova a crescente convencionalização dessas formas como formas livres, ou seja, registra-se, nestes casos, uma tendência à perda de consciência do prefixo, que estaria adquirindo autonomia enquanto radical; nestes casos como adjetivos (ainda que sem apresentar todas as flexões desta categoria; só houve um exemplo no plural).

Além disso, dentre as 292 ocorrências dos prefixos acompanhados de um EC Escopo/Instanciação Nula, há casos no *corpus* em que os prefixos aparecem apositivamente, conforme já apontado no capítulo 3 e nas observações da Tabela 13, em que se destaca esse uso para **maxi-** e **mini-**. Esse uso prova esta forma livre mais forte ainda, em posição não convencional do graduador mórfico que é anteposto. São exemplos do tipo:

- (102) obesidade - declarando ser uma epidemia nacional. Lembrem-se, estamos tornando tudo em **tamanho super**. Você entra em qualquer estabelecimento de fast food - e os funcionários são treinados... (WCB)
<www.napisy.com.pl/download.php?sub=1&nb=5253>
- (103) O que acontece é que com toda essa **tendência maxi**, às vezes a gente deixa de usar porque não tem nem ideia do que fazer ou porque acha esquisito. É tudo questão de costume. (WCB) <<http://amomuito.com/blog/2011/08/17/maxi-acessorios/>>
- (104) Se você não dispensa os outros acessórios para a produção, escolha os mais discretos, que não vão correr o risco de 'brigar' com a **peça maxi** no look. Acho bacana que hoje em dia... (WCB)
<<http://www.diariodeacessorios.com.br/tag/maxi-bijus/>>
- (105) As dicas de hoje são especificamente para **fotos macro**, ou seja, aquelas tiradas de objetos bem pequenos e bem de pertinho. Você pode ir ... (WCB)
<umiaconversations.microsoft.com/.../guia-do-fotografo-lumia-usando-o>
- (106) São coisas pequenas, ao **nível micro**, que não estavam presentes na filosofia de economia de escala do grande mercado único.19N:Pt:Público (CP)

- (107) O diretor recebeu-nos em sua residência, com **manifestações ultra** de afeto. Fez-se cativante, paternal; abriu-nos amostras dos melhores padrões do seu espírito, evidenciou as faturas do seu coração. *18:Pompéia:Ateneu(CP)*

Os exemplos de 102 a 107 reforçam a tendência de convencionalização como forma livre, uma vez que o que era anteposto (PREfixo) passa ser apositivo. Por outro lado, em 105 e 107 temos, sucessivamente, “fotos macro” e “manifestações ultra” que evidenciam que, como adjetivo, o processo ainda não se completou, uma vez que as formas, ao lado de um substantivo plural, se mantêm no singular.

De fato, tais resultados apontam para um estatuto híbrido dos prefixos estudados. A maioria ainda se comporta como tal. No *corpus* específico montado são 1.529 (84%) os casos de formas presas, antepositivas, contra 292 (16%) de ocorrências com Instanciação Nula. As aposições registradas no *corpus* correspondem a apenas 33 ocorrências.

No entanto, esses usos parecem cada vez mais ampliados. Em pesquisa em curso dentro do projeto “Construções Superlativas Morfológicas do Português” (cf. Introdução), Magalhães e Mattos (2015)⁶³ vêm atestando esse caráter híbrido dos prefixos de grau super-, hiper- e mega- que, no *corpus* montado por elas, aparecem apositivos a verbos (21 ocorrências), na função da categoria “advérbio”, como ilustram os exemplos adiante:

⁶³Essa pesquisa inédita - em andamento - tem como objetivo estudar como os prefixos superlativos super-, mega- e hiper- se apresentam em um suporte textual específico, as Revistas *Teenager online* e *Capricho*. Pretende-se investigar como o público-alvo, jovens de 12 a 21 anos, “superlativam” a linguagem quando lançam mão dessas construções, seja em sua forma mais canônica, como “super bacana” ou em construções marginais no PB, como “hiper apoio” e “combina super”, além de rastrear os ambientes discursivos onde emergem.

- (108) Ser mais moleca cria um mistério que deixa qualquer menino curioso! Não se preocupar em parecer delicadinha todo o tempo e curtir fazer coisas que os meninos também gostam, são formas de **interagir super** com eles! <http://todateen.uol.com.br/papo-bff/menina-moleca-ser-desencanada-com-o-visual-e-questao-de-estilo/>
- (109) Você vai sentir o que a falta de comunicação pode fazer com um casal e **aprenderá super!** <http://todateen.uol.com.br/papo-bff/um-amor-pra-ja-2/>

Questões relativas ao ambiente discursivo da CPMG serão discutidas na próxima seção.

5.1.5 Alguns achados sobre o ambiente discursivo da Construção Prefixal de Modificação de Grau

No que toca, em especial, aos processos de significação, nossas análises mostraram, até este ponto, o caráter generalista da semântica dos prefixos modificadores de grau estudados - posição em uma escala superlativa, de modo geral, para super-, hiper-mega-, ultra- e archi-; e uma escala superlativa de tamanho, para maxi-, macro-, mini- e micro-. Contudo, alguns aspectos do comportamento discursivo dos subpadrões da CPMG já perpassaram as discussões desenvolvidas, como passamos a discutir a seguir.

Contudo, antes de avançarmos com a discussão em torno do ambiente discursivo da construção estudada, cabem aqui algumas considerações sobre nossos limites analíticos neste campo.

O primeiro limite ou entrave à nossa entrada no campo pragmático, advém da escolha metodológica. A pesquisa baseada em *corpus* se, por um lado, traz grandes

vantagens pela amplitude de dados colhidos na diversidade de fontes e de vozes, favorecendo a postulação de padrões semântico-formais pela frequência de uso; por outro limita, de modo claro, as condições de aprofundamento na natureza discursiva destes dados. São fontes de busca diversas, com múltiplos ambientes discursivos, mas com restrições de acesso. Assim, dada a extensão dos *corpora*, o pesquisador precisa lidar com fragmentos de textos, não havendo uma possibilidade plausível de se acessarem todos os textos na íntegra com suas condições de produção e veiculação. Acresce-se a isto o estado da arte bastante frágil em relação aos *corpora* disponíveis em Língua Portuguesa (cf. seção 4.2), obrigando o pesquisador a operar com o nível de rigor “possível” na constituição do *corpus* específico.

Foi com isto que tivemos de lidar nesta tese. As buscas em *corpora* tratados (*Corpus* do Português e os *corpora* constituintes do Projeto Floresta Sintática) e no Web Concordancer Beta trouxeram dados significativos em quantidade e qualidade, mas nem sempre comparáveis uma vez que, com a última ferramenta, obtivemos um *corpus* bastante diversificado do século XXI, enquanto nos dois primeiros temos uma significativa limitação com relação aos gêneros dos textos, além de serem, predominantemente, *corpora* constituídos por textos do registro formal da língua, o *Corpus* do Português com ocorrências do século XIV a XX e o Projeto Floresta Sintática com ocorrências dos séculos XIX, XX e XXI.

Deste modo, nossa incursão no campo discursivo se faz dentro destes limites. Toda escolha imprime perdas; o fenômeno linguístico, abarcado de modo holístico, implica múltiplas faces, mas ao analista cabe recortar o que pode enxergar com o seu escopo teórico. Assim, para as análises centrais, semântico-formais, ditadas pelas escolhas teóricas deste estudo (GRCC e Semântica de *Frames*), os *corpora* são uma excelente ferramenta, representando um avanço significativo neste paradigma. Decorre

daí que, ainda que a Gramática das Construções tenha como uma de suas teses mais caras a continuidade essencial entre Semântica e Pragmática (uma marca de seu antimodularismo), suas ferramentas analíticas (e os caminhos metodológicos baseados em *corpus*), que permitem ao pesquisador grandes avanços no campo da Semântica, não lhe oferecem, contudo, incursões mais amplas no jogo pragmático.

Dados os limites apresentados, nosso percurso no campo discursivo não se fez, contudo, impossível, podendo trazer à tona - dada a frequência de ocorrência de dados - alguns achados relevantes. É o que passamos a apresentar.

Os primeiros resultados auferidos vinculam-se à natureza do *corpus* específico construído. Começando pela ferramenta de busca usada primeiramente, conforme delineado na subseção 4.2.1, o Web Concordancer Beta, que possibilita a busca nos domínios do site Bing, o qual disponibiliza, por sua vez, o acesso aos mais diversos tipos de textos – diferentes gêneros, variações significativas no grau de formalidade, expressividade e temáticas (cf. Anexo 1). Essas características parecem justificar, de pronto, o grande número de ocorrências dos prefixos com o EC Escopo verbo: das 341 ocorrências totais deste tipo, 340 são oriundas da busca através do Web Concordancer Beta (cf. Tabela 21). A alta frequência de *tokens* deste tipo se relaciona diretamente ao caráter contemporâneo e majoritariamente informal dos gêneros discursivos em foco nesta busca. São gêneros textuais como comentário, fórum, coluna social, anúncio, entrevista e, especialmente, *posts* de blogs, em que a força elocucionária ganha relevo, mediante contundentes (e mesmo exageradas!) manifestações de opinião. Dois mecanismos simultâneos marcam tal força - a intensificação do verbo através dos prefixos de grau e o uso majoritário da primeira pessoa (cf. subseção 5.1.3).

O *Corpus* do Português, segunda estratégia de busca de ocorrências utilizada (cf. Anexo 2), caracteriza-se por textos do português dos séculos XIV a XX, oriundos dos

“ditos” gêneros acadêmico, notícia, ficção, oral, caracterizando-se, majoritariamente, por textos mais formais (cf. subseção 4.2.2), o que justifica, pois, o padrão da CPMG mais produtivo encontrado nesse *corpus*, a CPMG Substantiva - padrão mais convencionalizado na Língua Portuguesa - somando 212 ocorrências. O uso dos prefixos de grau como formas livres também tem alta frequência nesse caso - são 97 ocorrências, valendo destacar, no entanto, que 62 dessas com os ECs Modificadores de Grau macro- e micro- (cf. subseção 5.1.4), fortemente convencionalizados como tal nos campos da economia e tecnologia.

As ocorrências advindas da busca no Floresta Sintática apresentam características similares às do *Corpus* do Português, com justificativas também similares (cf. Anexo 3). O Floresta Sintática (cf. subseção 4.2.3) contém textos em português do Brasil e de Portugal dos séculos XIX a XXI (especificamente até o ano de 2009), com registro basicamente formal do modo escrito, abarcando os “ditos” gêneros jornalístico, opinião, literário, acadêmico, informativo e debate, compreendendo domínios como educação, computação, economia, política e cultura brasileira de forma genérica (cf. Tabela 7). Tendo isto em vista, explica-se a emergência mais convencionalizada dos padrões CPMG Substantiva e CPMG Predicadora com EC Escopo adjetivo, correspondendo, respectivamente, a 261 e 176 ocorrências. Os prefixos de grau usados como formas livres também emergem em um número significativo nesse *corpus* - são 148 ocorrências no total, sendo 100 do EC Modificador de Grau macro- e 35 do EC Modificador de Grau micro- (cf. subseção 5.1.4), nos mesmos campos convencionalizados registrados no *Corpus* do Português.

Outro achado analítico em relação ao processo de significação discursiva - e substancial em relação à postulação de um padrão construcional - deu-se em relação à CPMG Substantiva Polissêmica para a qual se postulou que significações mais

específicas são acrescidas ao seu sentido construcional, mediante cálculos de sentido vinculados ao contexto (cf. subseção 5.1.2.2).

Outro ângulo analisado corresponde (i) aos eixos temáticos em que os subpadrões da CPMG se espraíam no discurso e (ii) ao público alvo destes discursos. Passamos à discussão dos usos a partir dessas duas categorias.

No que se refere aos eixos temáticos, 13 (treze) foram as delimitações mais significativas no *corpus* específico montado a partir das três fontes (cf. cap. 4): Moda e Beleza; Economia; Arte e Cultura; Tecnologia; Política - que representam 79% das ocorrências, o que corresponde a 1.445 ocorrências. Os outros 9 (nove) eixos temáticos - Religião; Serviços e Produtos; Esporte; Viagens; Culinária; Problemas sociais e ecológicos; Medicina; Educação - somam 376 ocorrências (21% do total). A Tabela 23 adiante delimita o eixo temático predominante nas ocorrências com cada prefixo de grau pesquisado (super-, ultra-, hiper-, mega-, archi-, maxi-, macro-, mini- e micro-).

Eixos temáticos	Super	Ultra	Hiper	Mega	Arqui	Maxi	Macro	Mini	Micro	Total
Moda e Beleza	408	22	29	27	1	88	0	25	8	608
Economia	0	0	8	5	40	11	202	3	117	386
Arte e cultura	88	23	21	35	2	0	13	6	21	209
Tecnologia	0	10	6	5	0	0	24	0	77	122
Política	13	7	0	3	85	0	8	1	3	120
Religião	0	0	0	1	96	0	0	0	0	97
Serviços e produtos	17	3	21	10	0	8	0	14	8	81
Esportes	14	12	0	0	25	0	0	4	0	55
Viagens	21	13	4	6	0	0	0	0	0	44
Culinária	13	4	0	0	0	0	0	22	0	39
Problemas sociais e ecológicos	20	2	0	5	0	0	4	0	4	35
Medicina	0	0	11	4	0	0	3	0	2	20
Educação	2	0	0	0	0	0	3	0	0	5
Total	596	96	100	101	249	107	257	75	240	1.821

Tabela 23: Número de ocorrências por eixos temáticos característicos da CPMG

O Gráfico 1 adiante, por sua vez, complementa as informações da Tabela 23 ao mostrar a distribuição percentual aproximada dos Eixos Temáticos no *corpus*:

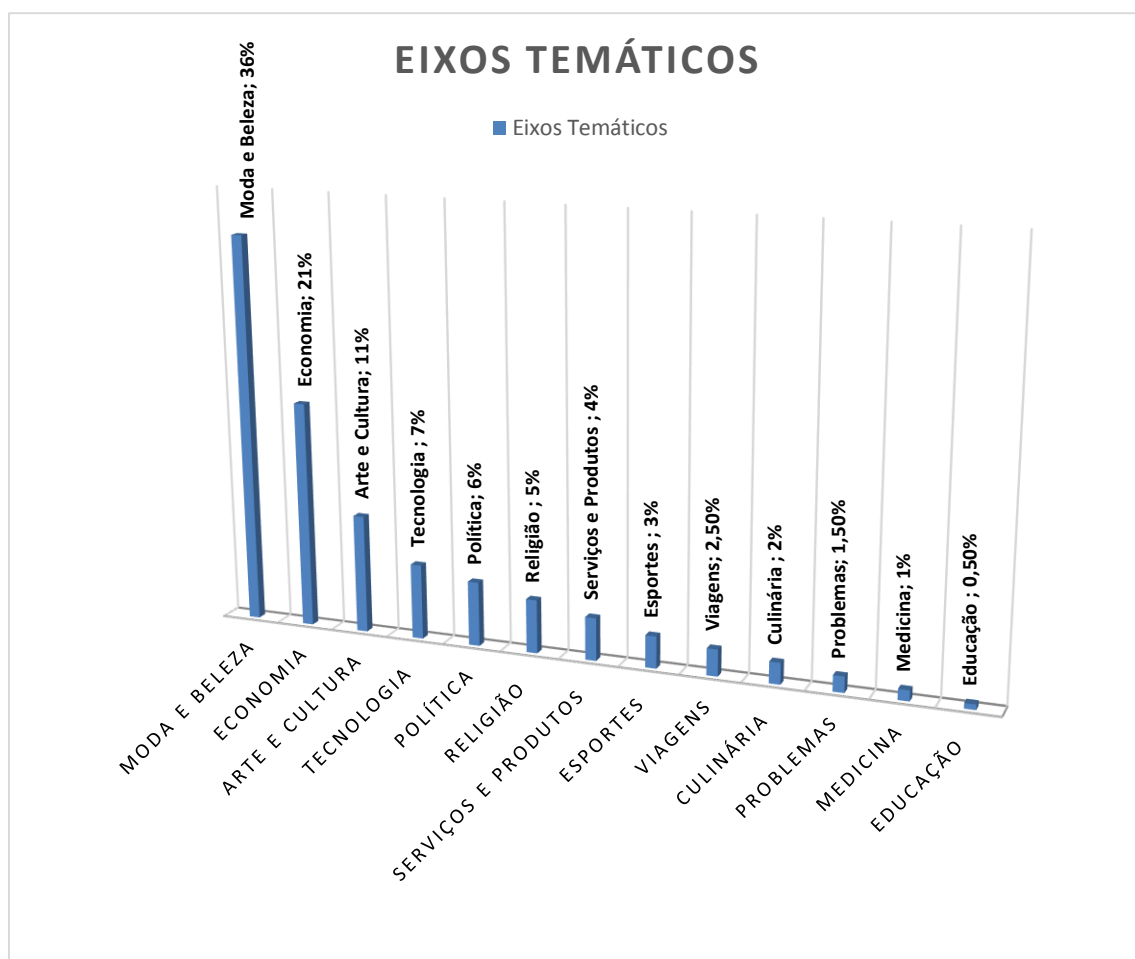


Gráfico 1: Percentual dos eixos temáticos da CPMG

Notamos, portanto, que, apesar do maior número de ocorrências do eixo temático Moda e Beleza (36% do total), há uma variação considerável de eixos temáticos nos quais a CPMG se distribui. Ressalte-se, contudo, que não há como afirmar que estes dados revelem restrições de usos dos prefixos de grau em estudo; o que temos pode ser apenas uma tendência do *corpus* específico montado para esta tese, ou quiçá uma tendência configurada nos discursos mais marcantes de nossa contemporaneidade?

É exatamente esta questão que nos leva de volta à Hipernormatividade de Lipovetsky (2004) (cf. Introdução). Teríamos nos eixos temáticos desvelados alguma pista sobre um “hipermodo” de dizer no jogo dos excessos da Hipernormatividade?

Para o filósofo (LIPOVETSKY, 2004, p. 55), “cada domínio apresenta uma vertente excrescente, desmesurada, sem limites”. A cultura do “sempre mais” (super-, hiper-, mega-, ultra-, arqui-, maxi-, macro-: mais rentabilidade, mais desempenho, mais beleza, mais inovação) não tem limites claros e abrange diversos aspectos da sociedade. E, quando observamos o lado oposto da escala (mini- e micro-) notamos que a cultura do “sempre menos” não deixa de ser pautada pela lógica da hipernormatividade, como veremos no decorrer desta seção.

É fato que, ante os limites de nossos *corpora*, não temos como confrontar dados diacrônicos com sincrônicos em uma variação de gêneros, de registros e de suportes similares. Assim, só os dados do concordanciador eletrônico Web Concordancer Beta trazem à tona, de modo claro e contundente, o modo hiperbólico de viver, sentir e dizer no século XXI. É claro que exageros - e um modo superlativo de dizer - não são uma invenção deste século, mas nos parece plausível afirmar que a “era do hiper” (LIPOVETSKY, 2004) levou o exagero à ponta da escala; estamos em uma era de “intensidades aceleradas”.

Assim, as frequências de *types* e *tokens* que passamos a comentar parecem fortalecer a hipótese de um “hipermodo” de dizer neste século.

Começamos pela temática Moda e Beleza que se sobressai sobre as demais. Os falantes fazem uso contundente da CPMG quando desejam abordar assuntos relativos a roupas, sapatos, aparência, produtos de beleza, forma física (o que inclui hábitos saudáveis como alimentação regrada, atividades físicas, prevenção de doenças) dentre outros. Chama atenção a presença de: (i) maxi- (88 ocorrências) e super- (408 ocorrências) neste eixo temático.

Esse uso majoritário da CPMG em ambientes discursivos referentes à Moda e Beleza parecem sinalizar o que aponta Lipovetsky (2004, p. 25-26) a respeito da

transformação da sociedade, que passa a ser caracterizada pelo hiperconsumo e pelo hipernarcisismo. Isto significa que as pessoas consomem cada vez mais para sentir prazer, em uma lógica hedonista. O objetivo é a satisfação que o consumo e o objeto/serviço consumido podem proporcionar. A beleza, por sua vez, em um mundo que valoriza a estética e a forma física, traz à tona, mais uma vez, o conceito do hipernarcisismo.

Para Lipovetsky (2004, p. 55) há, neste ponto, duas tendências contraditórias. Ao mesmo tempo em que os comportamentos individuais são movidos pelos extremos - o *frenesi* consumista, o *doping*, os esportes radicais, as bulimias, as compulsões, os vícios - as pessoas preocupam-se, mais do que nunca, com seus corpos e saúde.

Se o hiperconsumo e o hipernarcisismo caracterizam as pessoas na atualidade, espera-se que sejam também esses assuntos bastante recorrentes, como visto no *corpus* específico montado para esta pesquisa. Se há, portanto, uma tendência em sermos superlativos, é plausível associarmos esse comportamento a um “hipermodo” de dizer.

Os exemplos 110, 111 e 112 adiante ilustram o uso da CPMG nesse ambiente discursivo.

(110) Micha querida, desculpa a demora, recebi na quarta - feira depois do carnaval os meus creminhos... **Super amei** os dois, mas o da viscaya foi feito especialmente para meus cabelos, acho que finalmente achei o creme certo para os meus cabelos! (WCB)
<<http://deusasniponicas.blogspot.com/2010/01/banho-de-creme-da-bio-extratus.html>>

(111) Os defensores das dietas **hiper proteicas** tendem a prometer uma perda de peso dentre 2 a 3 quilos em só uma semana, e a favorecer a eliminação de

líquidos. (WCB) <<http://www.vivendosaudavel.com/a-dieta-hiper-proteica/>>

(112) ...o tecido preto com o fundo de paetês no **mínivestido** Carlos Tufvesson.

O comprimento **hipercurto** fica melhor nas magras e com poucas curvas.

Use com scarpin e carteira preta. (WCB)

<<http://manequim.abril.com.br/blogs/com-que-roupa/seção/festa/page4>>

Em 110, é a beleza o assunto tratado (*creminhos para os cabelos*) e, se a sociedade se pauta pelo sempre mais, em termos hiperbólicos, os sentimentos e avaliações também o são. Conforme apontamos à subseção 5.1.3, na CPMG Predicadora com EC Escopo verbo, o maior número de ocorrências são dos *types* que indicam sentimento e avaliação pessoal (*amei, curti, gostei*) (cf. Tabela 21). Ainda dentro deste eixo temático, a preocupação com a saúde e forma física também se destaca, conforme visto no exemplo 111.

No que tange à moda, conforme já pontuado à subseção 5.1.2.1 (CPMG Substantiva de Tamanho), são ECs Modificadores de Grau maxi-, mini- e micro-, associados ao EC Escopo substantivo que, conforme descrito nas ontologias (cf. Tabelas 15, 17 e 18), apresentam o maior número de *types* no que se refere à itens do vestuário (26 *types* no total).

Desse modo, equacionando a hipermodernidade ao “hipermodo” de dizer, podemos fazer as seguintes inferências:

1. Em tempos hiperbólicos de consumo, de individualismo e de busca pelo sucesso a qualquer preço, a moda deve, necessariamente, ser maxi (*maxi colar, maxi bolsa, maxi brinco*) para que o indivíduo possa ser visto;

2. Já para evidenciar os corpos sarados, que são expostos devido ao estímulo de um mundo fortemente erotizado, as roupas devem ser micro (*micro biquíni, micro vestido, micro short*);
3. A variação entre o topo da escala (maxi-) e a sua base (micro-) se dá orientada pela lógica do hipernacisismo – o objetivo é ser visto, se destacar entre muitos, ou pelo exagero de tamanho do que se usa, ou pelo contrário, se o intuito for exibir a forma física.

Em relação íntima com este eixo emergem os *types* do domínio da culinária (39 ocorrências). O alimento deve ser mini-, já que comer exageradamente está na contramão do culto ao corpo e da vida saudável tão evidenciados, além de refletir outras duas características dos tempos hipermodernos, para remeter à Lipovetsky: o fato de as pessoas viverem mais sozinhas e comprarem comidas em porções mini ou individuais; e a relação entre o consumo de porções pequenas de comida e elegância.

Exemplos:

- (113) A festa foi lindíssima, a atriz trocou o tradicional bolo por uma estrutura toda forrada em tecido com cerca de 70 cm de altura e repleta de nossos lindos **minibolos**, decorados com tela de chocolate branco e flores de marzipan. (WCB) <<http://mini-forno.precos.com.pt/>>
- (114) Há quem diga que cozinhar é uma arte. Mas, para mim, é essencialmente um grande prazer. Uma forma de descontrair, de relaxar, de me divertir. E hoje a receita é de **miniquiche**. (WCB) <<http://paracozinhar.blogspot.com/2007/06/mini-quiches.html>>

Para Lipovetsky (2004, p. 21) o indivíduo, nessa “era dos excessos”, tem a opção de assumir ou não a responsabilidade de se autocontrolar e, para ele, a alimentação é o melhor exemplo:

Uma vez que desaparecem nesse âmbito as obrigações sociais e, particularmente as religiosas (jejum, quaresma, etc.), observam-se tanto comportamentos individuais responsáveis (monitoramento do peso, busca de informação sobre saúde, ginástica) que às vezes beiram o patológico pelo excesso de controle (condutas anoréxicas) quanto atitudes completamente irresponsáveis que favorecem a bulimia e a desestruturação dos ritmos alimentares. Nossa sociedade da dieta é também a do sobrepeso e da obesidade. (LIPOVETSKY, 2004, p. 21)

Desse modo, retomando o que já foi apontado no início desta seção, estamos oscilando entre as duas pontas da escala (o “sempre mais”: super-, hiper-, ultra-, mega-arqui-, maxi-, macro-; e o “sempre menos”: mini- e micro-), a depender das escolhas realizadas pelo indivíduo. É a chamada “bipolarização do individualismo” por excesso ou por escassez, segundo Lipovetsky (2004, p. 79). Nos exemplos 115 e 116 abaixo, é o “sempre mais” que está no comando do comportamento do falante:

- (115) Quero o lanche do quarteirão duplo com queijo. Acho que vou ter que levar o **super!** Vejam essa Coca-Cola! (WCB) www.napisy.com.pl/download.php?sub=1&nb=52532
- (116) Na verdade temos vários brinquedos do McDonald's. Eu como o nº 2. O tamanho **super** do cheeseburger com coca e fritas. Transforme tudo em **super!** (WCB) www.napisy.com.pl/download.php?sub=1&nb=52532

No campo da Economia, as ocorrências se polarizam entre o micro- (117 ocorrências) e o macro- (202 ocorrências). Na lógica do hipercapitalismo, existem os mercados gigantes (a macroeconomia) e os pequenos mercados (a microempresa, o

microempresário que, para se manter no mercado, recorre ao microcrédito junto ao macroempresário). É também grande a lista dos arquimilionários que movimentam o mercado de luxo, elemento de distinção social que entra na esfera do hiperconsumo, segundo Lipovetsky (2004, p. 26). Os exemplos adiante ilustram esse ambiente discursivo da CPMG:

- (117) O Simpi sugere que o critério de classificação das **microempresas** seja alterado para se ajustar ao de países do Mercosul. Para tanto, o limite de faturamento, que é de 700 mil Ufirs, deveria ser aumentado cinco vezes. *19N:Br:Folha(CP)*
- (118) Divulgue junto de todos os seus amigos e conhecidos e façamos desta iniciativa um grande movimento de promoção do **microcrédito**, ou seja, a favor daqueles que pretendem mudar o rumo da sua vida. (WCB)
<<http://www.microcredito.com.pt/>>
- (119) Olha, vai depender muito da **macroeconomia**. Porque a própria bolsa sofreu um esvaziamento muito grande... *19Or:Br:Intrv:Web(CP)*
- (120) A Glamourosa Vida dos **Arquimilionários** no VH1. Quarta-feira, dia 23 de maio, às 23h. Ninguém vive de forma mais fabulosa que superastros. (WCB) <blog.lineup.net.br/2007/05/glamourosa-vida-dos-arquimilionrios-no.html>

Nesta era do hipercapitalismo, Lipovetsky (2004, p. 56) considera o modelo do *homo economicus*, aquele que persegue a maximização de seus ganhos na maioria das esferas da vida (escola, sexualidade, procriação, religião, política, sindicalismo). Temos, então, a busca de desempenho máximo, a corrida incessante por inovação e lucros na

Tecnologia, (exemplo 121), nos Esportes (exemplo 122); na Medicina (exemplo 123); na Educação - garantia de sucesso profissional (exemplo 124):

- (121) ... vamos falar sobre as vendas de notebooks **ultrafinos** que vão explodir em 2009. (WCB) <<http://info.abril.com.br/noticias/ti/intel-mostra-novo-chip-para-notebooks-finos>>
- (122) **Ultra** Desafio? Aí as 56 vagas serão modestas para a quantidade de corredores fortes que querem participar de um SP - Rio em equipes de oito. (WCB) <http://runnersworld.abril.com.br/blogs/correria/vai-quebrar-300664_p.shtml>
- (123) ... me recomendaram a coronariotomografia **ultra-rápida**. Ele detectou placa de cálcio numa das coronárias. (WCB) <http://veja.abril.com.br/280600/p_118.html>
- (124) Quando ao campo universitário -- região onde se situa o epicentro das eventuais perturbações para o próximo ano -- está já a ser elaborado um estudo **macro**, que será divulgado em Outubro sobre as perspectivas de crescimento desse sector. *par=ext1322109-soc-96b-2* (FS)

Nesta era exacerbada, o *homo economicus* supera o homem político (para Lipovetsky, é a subpolítica) e sobram rivais, inimigos nesse campo (exemplos 125 e 126). Aliás, 85 das 120 ocorrências com o prefixo *arqui-* neste campo são do *type arqui-inimigo*.

- (125) Humberto Leite diz que o grupo do prefeito é **arqui-inimigo** do PT, Jose Reis Filho discorda. (WCB) <www.blogdovalente.com.br/.../humberto-leite-diz-que-o-grupo>

- (126) Só não falo na vida com o prefeito de Antas [Wanderlei dos Santos Santana (por acaso, do PP)], que é meu **arqui-inimigo**. De resto, eu falo ...
(WCB) <www.carlinosouza.com.br/2014/.../antas-ba-so-nao-falo-com-prefeito.ht...>

As ocorrências com as temáticas Serviços e Produtos e Viagens configuram pouco mais que 6% do total (são 125 ocorrências) e refletem, mais uma vez, a lógica da hipermodernidade: do topo da escala em que temos o mercado de luxo, o consumo excessivo, os grandes eventos, as grandes festas, o turismo e suas multidões em férias (exemplos 127 e 128) à base da escala, a qual reflete a consciência do indivíduo com relação às dificuldades econômicas e sociais também postas por esta “era do hiper” (exemplo 129).

- (127) Fiquei em um hotel de terceira classe, que tem restos de alimentos gordurosos na colher, mas aluguei um **super carro** e queria um bem grande! (WCB) <<http://quatorrodas.abril.com.br/veloster-elantra-ja-estao-venda-concessionarias-303>>
- (128) Estivemos no último fim de semana 2011, e adoramos a pousada, **super perto** da av principal, o acesso é ótimo. O quarto é **super grande** e confortável. (WCB) <...www.boamontanha.com.br/depoimentos-e-comentarios.html>
- (129) ... casamentos para menos de 100 são mais econômicos. Cerimônias e festas para poucos, com tudo que se tem direito, saem bem mais baratas: vestido de noiva, cerimônia, festa com jantar, decoração sofisticada, bolo de três andares e muitos bem-casados. Tudo por \$ 14 mil. O segredo da economia? Ela optou pelo modelo **mini wedding**. "Estávamos com o

orçamento apertado e preferimos fazer um evento melhor, em um bom lugar, para poucas pessoas, a uma coisa simples para muitos”. (WCB) <http://delas.ig.com.br/noivas/cerimoniaefesta/mini+weddings+casamentos+para+menos+de+100+sao+mais+economicos/n1237766603.html>

O eixo temático Arte e Cultura, por sua vez, inclui assuntos referentes a teatro, cinema, música, livros, séries de televisão, atores e atrizes, shows, jogos online, dentre outros. É o terceiro tema mais recorrente no *corpus*, correspondendo a 11% do total (209 ocorrências) e aparece em exemplos do tipo:

- (130) O pouco de paciência que ainda tenho nesta sexta-feira chuvosa se acaba quando o Bossacucanova inicia uma versão para Águas de Março, que eu ainda aturo no comercial **ultrapirado** da animação Sealab, do Cartoon Network. (WCB) <http://forum.cifraclub.com.br/forum/1/140693/>
- (131) Não só a música, como também os clipes, me chamaram atenção por serem **super bem** produzidos, com historinhas e com um estilo bem vintage. A cantora Joyce Jonathan tem um som mais pop e eu **super gostei** das suas músicas. É sempre bom conhecer novos cantores para atualizar a play list, não é mesmo? Beijinhos (WCB) <http://speakingprada.blogspot.com/>

O número de ocorrências relativamente alto desse eixo temático se justifica, primeiramente, pela origem dos *corpora* consultados (questão discutida no início desta seção) e, além disso, por englobarem assuntos recorrentes na atualidade, onde, também, a busca pela satisfação pessoal se instaura: estamos inseridos em uma sociedade de

espetáculos, então nos interessa tudo o que nos distrai, nos diverte, nos impressiona. Para Lipovetsky (2004, p. 60):

Dos objetos industriais ao ócio, dos esportes aos passatempos, da publicidade à informação, da higiene à educação, da beleza à alimentação, em toda parte se exibem tanto a obsolescência acelerada dos modelos e produtos ofertados quanto os mecanismo multiformes da sedução (novidade, hiperescolha, self-service, mais bem estar, humor, entretenimento, desvelo, erotismo, viagens, lazers). O universo do consumo e da comunicação de massa aparece como um sonho jubiloso. Um mundo de sedução e de movimento incessante cujo modelo não é outro senão o sistema da moda. (LIPOVETSKY, 2004, p. 60)

Problemas sociais e ecológicos fazem parte, também, da lógica hipermoderna. E, embora seja um eixo temático pouco frequente no *corpus* montado (35 ocorrências), nem 2% do total, suas ocorrências refletem uma realidade clara dessa era (LIPOVETSKY, 2004, p. 55): “aglomerações urbanas e suas megalópoles superpovoadas, asfixiadas, tentaculares, com criminalidade elevada nas ruas e escassez de recursos”. É o que vemos no exemplo adiante:

- (132) Arrependido, eu estava atrasado, em um **engarrafamento super**. O engarrafamento embora é desculpa muito boa ... (WCB)
<<http://super.abril.com.br/cienci/engarrafamentos-ai-tem-jeito-445665.shtml>>

No eixo temático Religião, conforme já dito, nada de novo; apenas o cristal - “arquidiocese” é o *type* convencionalizado em questão (96 ocorrências das 97 desse eixo, restando arquidiocesano, também um *type* cristalizado).

Com relação ao segundo item investigado (público alvo destes discursos), ao contrário do que postula Gonçalves (2002) (cf. subseção 3.2.1) ao propor a existência de uma função indexical nos processos de intensificação morfológica no português, caracterizando-os, essencialmente, como próprios do falar feminino e homossexual, as informações disponíveis em nosso *corpus* não nos possibilitam fazer esse tipo de afirmação. Se considerarmos o senso comum, o qual sugere o eixo temático Moda e Beleza como uma escolha preferencialmente feminina, o maior número de ocorrências deste eixo no *corpus* – 608 ocorrências – poderia sinalizar o tipo de público que as produz. Do mesmo modo que o número de ocorrências significativo da CPMG nos eixos Economia e Tecnologia (386 e 122 ocorrências, respectivamente) configurariam um falar prototipicamente masculino. No entanto, dada a virada de comportamentos dos gêneros neste século - crescente gosto dos homens pela moda e das mulheres pela economia e tecnologia - essas generalizações, sem comprovações adequadas no *corpus* específico montado, não podem ser feitas, e, conforme já discutido nesta seção e no capítulo 4, nossa escolha metodológica nos impõe limites que devem ser respeitados.

Cabe discutir ainda nesta seção a escala de intensificação postulada entre os prefixos em ocorrências do nosso *corpus*. São exemplos do tipo:

- (133) ...que ele fosse para a final para detonar o Barça ou Manchester United pra mim se fosse 3 a 1 para o Liverpool-ING aqui no Brasil sou **hipermegasupertorcedor...** (WCB)
 <<http://placar.abril.com.br/blogs/blog-do-james/2009/05/27/jogo-eterno-roma-170121/...>>

- (134) Eu **super hiper amei** o look romântico sim! Eu **super hiper amei** o boot rosa e tudo o mais! Agora tens que me ajudar a comprar as peças! (WCB)
<http://www.danigarlet.com/2010/04/look-para-ana.html>
- (135) Eu **super, mega, hiper gostei** dos jogos "Cata milho" e "Cata vento".
 Visconde, eu **SUPER, MEGA, HIPER gosto** de você porque você é inteligente e conta magníficas histórias! (WCB)
<http://mundodositio.globo.com/blog/2011/02/07/um-jogo-com-a-cara-do-sitio-o-piquenique>

O desgaste pragmático das formas convencionalizadas leva os usuários da língua a recorrerem a uma escala de intensificação que vai do superlativo à hipérbole, i.e., a necessidade de assegurar o impacto de seu discurso, associada à diminuição da força expressiva do super-, por exemplo, justificaria o uso dos prefixos juntos, um após o outro. Atestamos, portanto, em nosso *corpus*, novos *types* com essa força hiperbólica, daí a possibilidade de estabelecermos hierarquias entre os próprios prefixos (há os que estão em uma posição máxima na escala superlativa). De fato, quanto mais frequente, mais convencionalizado e, quanto mais convencionalizado, maior a “opacidade” da força expressiva do prefixo (cf. Modelos Baseados no Uso, subseção 2.1.4.1).

A Tabela 13, com informações oriundas dos dicionários (AURÉLIO, 2010; HOUAISS, 2001) já aponta para essa escala: o prefixo hiper- representa modernamente um nível quantificador acima do super- (hipermulher > supermulher); os prefixos mega- e arqui- são caracterizados pelo seu valor hiperbolizante; e o prefixo micro- pode estar em oposição à mega-, macro- e maxi-. Desse modo, temos uma hierarquia ascendente/descendente entre os prefixos, destacando-se a escala entre o superlativo caracterizado por uns (é o caso do super-) e a hipérbole caracterizada por outros (ultra-,

hiper-, mega-). De fato, voltamos aos questionamentos de Lipovetsky (2004, p. 53): “o que mais não é hiper? O que mais não expõe uma modernidade elevada à potência superlativa?”

Retomando o trabalho de Magalhães e Mattos (2015), já apresentado na subseção 5.1.4, ressalta-se a emergência desse tipo de ocorrência em que se estabelece uma escala entre os prefixos no *corpus* montado por elas (em 10 páginas da Revista Capricho, por exemplo, foram encontradas 26 ocorrências desse tipo):

(136) ... Sou **Super Hiper Mega Ultra** Fã da Mc Tati Zaqui!!

(137) Nossa a Tay está **super hiper mega** perfeita!

Todos esses *insights* analíticos a respeito do ambiente discursivo da CPMG apontam, pois, para a lógica que parece guiar a sociedade do século XXI: a lógica da euforia, dos excessos, dos superlativos. Não basta, pois, graduar a realidade ao nosso redor. Faz-se necessário hiperbolizar essa realidade. Não basta ser super. É preciso ser e sentir super hiper ultra mega! Para retomar Lipovetsky (2004, p.79) mais uma vez, tantas mudanças à nossa frente, e tão rápidas, fazem emergir no homem deste século o desejo de “intensificar e reintensificar o cotidiano”.

Após a análise dos padrões morfossintáticos e semânticos da Construção Prefixal de Modificação de Grau e do ambiente discursivo que a caracteriza, passamos às considerações finais do trabalho.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Exagerado
Jogado aos teus pés
Eu sou mesmo exagerado
Adoro um amor inventado*

*Eu nunca mais vou respirar
Se você não me notar
Eu posso até morrer de fome
Se você não me amar*

*Por você eu largo tudo
Vou mendigar, roubar, matar
Até nas coisas mais banais
Pra mim é tudo ou nunca mais
(...)*

Cazuza

Os versos de Cazuza super abusam do exagero. Ninguém melhor para personificar os excessos de uma geração. Cazuza, por certo, super amou a vida e foi um superhipermega ultra compositor - é o que os blogueiros e os internautas de maneira geral, em seus inúmeros *posts* e comentários, diriam dele hoje, por certo, no mundo da web.

De fato, foi em contextos como este, de grande força elocucionária, que emergiram as Construções Prefixais de Modificação de Grau mais intensas: as CPMG Substantivas Polissêmicas e as CPMG Predicadoras Verbais, além das manifestações dos padrões em que o EC Escopo é uma Instanciação Nula. Jogados aos pés da emoção, movidos pelo desejo de serem ouvidos pelo interlocutor, pela necessidade de expressarem seus sentimentos, opiniões e sensações, os falantes do Português - dentro de um vasto repertório de escolhas - recorrem, de modo convincente, à CPMG.

Que tal força expressiva pode ser a marca de uma Hipermodernidade nos pareceu uma hipótese bem plausível neste estudo. Pela ausência de um *corpus* diacrônico com gêneros mais informais, e a consequente não comparabilidade entre os *corpora* tratados

(*Corpus* do Português e Projeto Floresta Sintática) e a ferramenta da web usada nesta pesquisa (Web Concordancer Beta), não podemos enfeixar generalizações analíticas mais categóricas sobre tais relações. É fato que esta era não inventou o exagero; contudo, o colocou na ponta da escala. Um hipercapitalismo, inserido em uma mega crise, gerada pelo hiperconsumo e pela exigência iminente de inovação, poder, avanços, qualificação, alteraram o comportamento social de uma geração que, refletindo todas essas “necessidades”, tornou-se hipernacisista: estamos todos firmes no propósito de alcançar satisfação pessoal o máximo que for possível! E, dentro deste movimento, léxico e gramática se renovam - colocando em chama o que vira cristal, isto é, buscando novas e incessantes formas de expressão para que o falante não perca a vez e a voz no espaço de milhões e milhões delas - a internet.

Para além da relação dessas construções com a hipermodernidade, há que se reconhecer, para não ser reducionista, que, em todos os tempos, a CPMG serve à intensificação de foco, à intenção do falante de pontuar de forma superlativa ou hiperbólica a sua palavra, de dar mais força à sua expressão como uma estratégia de **modalização**.

O registro dessas múltiplas vozes foi um ganho analítico trazido pela opção de uma linguística baseada em *corpus* (cf. cap. 4) neste trabalho, uma metodologia coerente com nosso paradigma teórico e nossas questões de pesquisa eleitas (o desvelamento de padrões formais e semântico-pragmáticos da rede - central ou periférica - de Construções Superlativas Morfológicas do Português). Uma base de dados significativa nos permitiu, pois, o acesso à CPMG, em um número grande de ocorrências de modo a capturar, pela reiteração, a configuração desse padrão construcional da Língua Portuguesa. A fixação de subpadrões da CPMG mediante o levantamento de frequência de ocorrência/*tokens* e de tipos/*types* (Anexos 1, 2 e 3 - *corpus* específico de instâncias), foi também um

procedimento de sucesso, na medida em que nos permitiu aceder aos processos de convencionalização e de produtividade de nossa rede construcional, de modo a delinear (observados os limites e restrições de nossas bases de dados) seus usos efetivos na Língua Portuguesa.

A opção por um modelo teórico fortemente ancorado na experiência ditou tal escolha metodológica. O percurso teórico-analítico desenvolvido é, pois, uma mostra da riqueza dos construtos oferecidos pela Gramática das Construções Cognitiva como um Modelo Baseado no Uso (cf. seção 2.1) e da Semântica de *Frames* (cf. seção 2.2) para a descrição da construção eleita. Primeiro, pelo relevo que não só suas teses, mas também suas ferramentas analíticas oferecem ao trato da diversidade linguística. Segundo, pela possibilidade de articular, através das formalizações oferecidas pelo *Constructicon* (cf. seção 2.3), Gramática das Construções e Morfologia Derivacional (cf. seção 2.4).

Enfeixando tais contribuições, foram fundamentais à análise da Construção Prefixal de Modificação de Grau (CPMG), o conceito de construção, a hipótese da generalização de superfície (“*what you see is what you get*”), a perspectiva de que o uso da linguagem desenha as representações gramaticais, dentre outros construtos oferecidos pelo modelo goldbergiano de gramática. Das contribuições do *Constructicon*, as propostas de definição de Construções de Modificação de Grau e a formulação de seus construtos, foram ferramentas decisivas para a configuração empreendida do padrão semântico-formal da CPMG. A Semântica de *Frames* – com os instrumentos analíticos específicos da *FrameNet* – propiciou uma definição semântica mais refinada da CPMG, pela identificação dos *frames* que evoca.

Partindo de uma relação coerente entre esses construtos, uma abordagem holística dos processos de significação subjacentes à Construção Prefixal de Modificação de Grau se fez possível. Mais que isso, frente à reconhecida marginalização de estudos na área da

Morfologia, em especial dentro da Gramática das Construções, devido à sua forte tradição no campo da Sintaxe, a busca de sustentação empírica para o empreendimento teórico da Gramática das Construções no campo da Morfologia se coloca como uma questão central para este estudo.

De modo a evidenciar tais ganhos, passamos aos principais achados analíticos desta tese, partindo da concepção geral de que instâncias de expressões modificadoras de grau do tipo *maxi bolsa*, *mega refinados*, *super quis*, *super hiper mega ultra legal* integrariam um padrão construcional específico da Língua Portuguesa, a Construção Prefixal de Modificação de Grau - um nóculo da rede de Construções Superlativas Morfológicas do Português.

Em relação à configuração formal e semântico-pragmática da CPMG, buscamos:

1. Evidenciar o caráter generalista da semântica dos construtores de grau mórficos garantindo-lhes, assim, o estatuto de prefixo - não de radicais livres;
2. Propor uma rede de subpadrões da CPMG a partir de um critério semântico e morfossintático, isto é, a partir dos distintos *frames* evocados pelos ECs Modificadores de Grau e a partir de seus ECs Escopos: (i) CPMG Substantiva de Tamanho e CPMG Substantiva Polissêmica, com EC Escopo substantivo; (ii) CPMG Predicadora, com EC Escopo adjetivo, advérbio e verbo; padrões sumarizados na Figura 3 adiante:

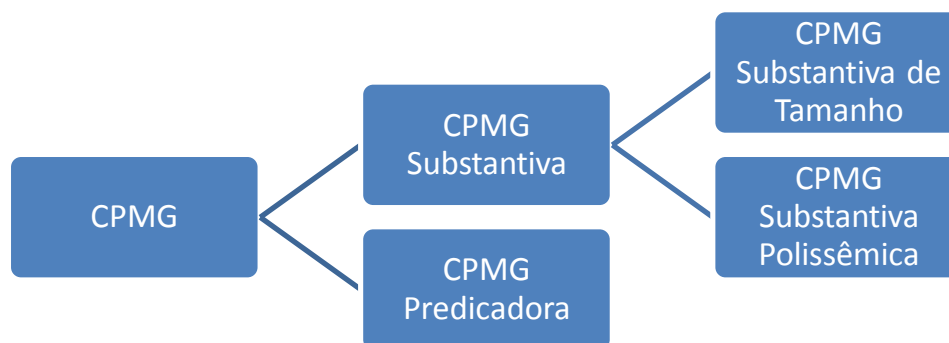


Figura 3: A representação dos subpadrões da CPMG

3. Identificar os *frames* evocados por cada subpadrão da CPMG:
 Posição_em_uma_escala_superlativa_tamanho;
 Posição_entidade_em_uma_escala_superlativa e Intensificação;
4. Ressaltar que os sentidos construcionais da CPMG - em específico, a CPMG Substantiva Polissêmica - e de sua rede se multiplicam mediante a dimensão do ambiente discursivo que a caracteriza: ocorrências primordialmente oriundas da web (*posts*, comentários, fóruns, dentre outros) com forte marca expressiva do enunciador.
5. Conjuguar, analiticamente, a Semântica de *Frames* e a Semântica Lexical, reconhecendo o papel distinto de cada uma.

Nossos ganhos teóricos advém da tarefa, inovadora dentro deste campo de investigação, de se sustentar, empiricamente, articulações entre Morfologia Derivacional e Gramática das Construções implicadas na CPMG, utilizando os construtos oferecidos pelo *Constructicon*. Desse modo, postulamos que o morfema é uma construção, i.e., um

mapeamento complexo, uma correlação entre forma e significado com possibilidades de análise similares às unidades básicas tratadas pela GRCC. Dentro de tal articulação, pudemos mostrar, como sustenta Goldberg (1995, 2006), que “nem todo sentido é construcional”, o que fortalece a articulação, a continuidade necessária entre Semântica e Pragmática no processo de interpretação.

Nossa expectativa, por fim, com este trabalho, para sermos otimistas, é trazer uma parcela de ajuda à enorme tarefa posta pelos construcionistas, qual seja, o desenho de uma gramática maximalista, com TODAS as construções de uma língua. Assim, dentro da diversidade de padrões construcionais do Português, pudemos contribuir com a descrição de mais um nóculo da rede de Construções Superlativas e trazer à cena dos estudos linguísticos construções morfológicas relegadas à margem, conferindo-lhes um estatuto nunca concedido. De fato, arrancar os prefixos de meras listas dentro da tradição gramatical, e avançar com um trato holístico, tomando-os em sua fusão construcional com o escopo, é, dentro da agenda que nos impusemos, um passo relevante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERGARIA, G. **Projeção Figurativa e Expansão Categorical no PB: o caso de um frame ‘animal’**. 2008, 107 p. Dissertação de Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2008.
- ARONOFF, M. **Word formation in Generative Grammar**. Massachussetts: The MIT Press, 1976.
- BASÍLIO, M. **Teoria Lexical**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.
- BOAS, H. Cognitive Construction Grammar. In: TROUSDALE, G.; HOFFMANN, T. (eds.). **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- BOOIJ, G. Morphology and construction grammar in BOOIJ, G. **Construction Morphology**, p. 1-24. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BYBEE, J. **Morphology – a study of the relation between meaning and form**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- _____. From usage to grammar: the mind’s response to repetition. **Language**, v. 82, p. 711-733, 2006.
- _____. Usage-based grammar and second language acquisition. In: ROBINSON, P.; ELLIS, N. (eds.). **Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition**, p. 216-236. New York and London: Routledge, 2008.
- _____. Usage-based perspective on language. In: BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge University Press, 2010.
- CARMO, C. B. da S. **A configuração da rede de construções dos agentivos denominais x-ista: uma abordagem sociocognitivista**. 2005. 119f. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.
- CARRARA, A. C. F. **As Construções Superlativas Causais Nominais do Português – uma abordagem construcionista**. 2010. 150f. Dissertação de Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

- CARVALHO-MIRANDA, L. **As construções concessivas de polaridade negativa no Português do Brasil**. 2008, 159 p. Dissertação de Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2008.
- CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTI, R. F. **Um estudo sobre alguns prefixos de origem latina numa abordagem gerativa**. 1980. 262f. Dissertação de Mestrado em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.
- CLARIDGE, C. **Hyperbole in English: A corpus-based study of exaggeration**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- CORPUS DO PORTUGUES.ORG. **O corpus do Português**. Disponível em < <http://www.corpusdoportugues.org/>>. Acesso em: julho a novembro de 2013.
- COSTA, I. O. **A Construção Superlativa de Expressão Corporal: uma abordagem construcionista**. 2010. 142f. Dissertação de Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- FARIA, E. **Gramática Superior da Língua Latina**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The Way We Think: Conceptual Blending and The Mind's Hidden Complexities**. New York: Basic Books, 2002.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 8. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- FILLMORE, C. J. The case for case. In BACH, E.; HARMS, R. (eds.), **Universals in Linguistic Theory**. p. 1-90. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1968.
- _____. **An alternative to checklist theories of meaning**. Proceedings of the first annual meeting of the Berkeley Linguistics Society, p. 123-131, 1975.
- _____. The case for case reopened. In Peter COLE, P.; SADOCK, J. (eds.). **Syntax and Semantics 8: Grammatical Relations**. p. 59-82. New York: Academic Press, 1977a.
- _____. Topics in lexical semantics. In COLE, R. W. (ed.). **Current Issues in Linguistic Theory**, p. 76-138. Bloomington: Indiana University Press, 1977b.

- _____. Frame semantics. In The Linguistic Society of Korea (org.). **Linguistics in the morning calm**. p. 111-137. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982.
- _____. Frames and the semantics of understanding. **Quaderni di Semantica**, v. 6, p. 222-254, 1985.
- FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomatic in grammatical constructions. **Language**, 64(3), p. 501-538, 1988.
- FILLMORE, C. J.; KAY, P. **Construction Grammar**. Berkeley: Manuscript, University of California, 1995.
- FILLMORE, C. J.; JOHNSON, C. R.; PETRUCK, M. R. L. Background to FrameNet. **International Journal of Lexicography**, v. 16, n. 3, p. 235-250, 2003.
- FILLMORE, C. J.; LEE-GOLDMAN, R. R.; RHODES, R. The FrameNet Construction. In: BOAS, H.; SAG, I. (eds.). **Sign-Based Construction Grammar**. Stanford: CSLI Publications, 2012.
- GOLDBERG, A. **Construction: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- _____. **Constructions at work: The nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GONÇALVES, C. A. Morfopragmática da intensificação prefixal em português. **Revista de Letras**, n°. 24, v. 1/2, p. 43-50, jan/dez. 2002.
- _____. A função indexical das formações x-íssimo, x-érrimo e x-ésimo no português do Brasil. **Veredas**, v. 5, n°. 2, p. 47-59, 2003.
- _____. **Iniciação aos estudos morfológicos – flexão e derivação em português**. São Paulo: Contexto, 2011.
- _____. Prefixação: composição ou derivação? Novos enfoques sobre uma antiga polêmica. **Revista Matraca**, Rio de Janeiro, v. 19, n°. 30, jan./jun. 2012.
- GONZALEZ-MARQUEZ, M. et al. **Methods in Cognitive Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007.
- GRIES, S. T.; DIVJAK, D. Behavioral profiles: a corpus-based approach to cognitive semantic analysis. In: EVANS, V.; POURCEL, S. (eds.). **New directions in Cognitive Linguistics**. Philadelphia: John Benjamins, p. 57-75, 2009.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- JACKENDOFF, R. **Foundations of Language: Brain, Meaning, Grammar, Evolution**. New York: Oxford University Press, 2002.
- LAROCA, M. N. de C. **Manual de Morfologia do Português**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2011.
- LAKOFF, G. The Invariance Hypothesis: is abstract reason based on Image-schemas? **Cognitive Linguistics** 1 (1), p. 39-74, 1990.
- _____. **Woman, Fire and Dangerous Things**. Chicago: University of Chicago Press: 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras, 1980 [2002].
- _____. **Philosophy in The Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.
- LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. vol. 1. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.
- LIMA, F. R. O. **A perspectiva discente sobre a formação profissional em letras/ufjf – construindo um diálogo interteórico a partir da análise semântica do discurso**. 2014. 241f. Doutorado em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.
- LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- MACHADO, P. M. **A Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo -íssimo: um caso de desencontro/mismatch morfológico**. 2011. 139f. Dissertação de Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.
- MIRANDA, N. S. **Agentivos deverbais e denominais: um estudo da produtividade lexical**. 1980. 108f. Dissertação de Mestrado em Letras/Linguística, Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.
- _____. **Gramaticalização e Gramática das Construções – algumas convergências**. Um estudo de caso: as Construções Negativas Superlativas de IPN. Relatório Acadêmico de Pós-doutoramento apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 108f. São Paulo, dezembro de 2008.
- _____. **Construções Superlativas do Português: uma abordagem sociocognitiva**. Projeto de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Linguística; GP “Gramática e Cognição”, CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

- _____. **Construções Superlativas Morfológicas do Português**. Projeto de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Linguística; GP “Gramática e Cognição”, CNPq, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.
- MOREIRA, A. **Proposta de um framework apoiado em ontologias para detecção de frames**. 2012. 191f. Doutorado em Linguística. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.
- MOURA-NEVES, M. H. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, S. M. **Derivação prefixal**: um estudo sobre alguns prefixos do português brasileiro. 2004. 171f. Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.
- PERINI, M. A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PETRUCK, M. R. L. Frame Semantics. In VERSCHUEREN, J.; ÂSTMAN, J.; BLOMMAERT, J.; BULCAN, C. (eds.). **Handbook of Pragmatics**. Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- PIRES, R. E. S. **Forte que nem touro, alto que nem torre, livre que nem passarinho** – a configuração de uma construção hiperbólica do Português. 2013. 179f. Doutorado em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora: 2013.
- PIRES, G. S. **O desenvolvimento da Plataforma FrameNet Brasil**: descrição de algumas Unidades Lexicais dos frames Fechamento e Movimento_Corporal. 2010. 249f. Dissertação de Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- PROJETO FLORESTA SINTÁTICA. O Projeto Floresta Sintática. Disponível em <<http://www.linguateca.pt/floresta/principal.html>>. Acesso em: julho a novembro de 2013.
- RHODES, R. A. **What is a Morpheme?** A view from Construction Grammar. Proceedings of the Eighteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society: General Session and Parasession on The Place of Morphology in a Grammar, p. 409-423, 1992.
- RIBEIRO, T. S. A internet e as novas construções com o prefixo super-. **Palimpsesto** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. v. 5, ano 5, p. 136-152. Rio

- de Janeiro: 2006. Disponível em http://www.uerj.br/institutodeletras/palimpsesto/num5/estudos/estudos5_internet.htm
- ROSA, M. C. **A Formação de Aumentativos em Português**. 1983. 85f. Dissertação de Mestrado em Letras/Linguística, Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.
- RUPPENHOFER, J. et al. **FrameNet II: Extended theory and practice**. 2010. Disponível em: <https://framenet2.icsi.berkeley.edu/docs/r1.5/book.pdf>.
- SAG, I. A. Sign-Based Construction Grammar: An informal synopsis. Revised version to appear in BOAS, H.; SAG, A. (eds.). **Sign-Based Construction Grammar**. Stanford: CSLI Publications, 2010.
- SALOMÃO, M. M. M. Tudo certo como dois e dois são cinco – todas as construções de uma língua. In: MIRANDA, N. S.; SALOMÃO, M. M. M.; (orgs.). **Construções do Português do Brasil** – da gramática ao discurso. 01 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, v. 1, p. 33-74, 2009
- SANDMANN, A. J. Novidades do ‘front’ da formação de palavras. **Revista Letras**. n.º. 36, p. 54-88, Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 1987.
- SAMPAIO, T. F. **O uso metafórico do léxico da Morte**. 2007. 167f. Dissertação de Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.
- _____. **A família de construções de argumento cindido no português do Brasil**. 2010. 151f. Tese de Doutorado em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- SARDINHA, T. B. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.
- TOMASELLO, M. **Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano**. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [2003].
- _____. **Constructing a grammar: a usage-based theory of language acquisition**. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- TORRENT, T. T. **A Rede de Construções em Para (SN) Infinitivo**: Uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudança construcionais. 2009. 182f. Tese de Doutorado em Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- TURUNEN, V. J. **A reversão da relevância**: aspectos semânticos e pragmáticos de formações diminutivas no português do Brasil. 2009. 194f. Tese de Doutorado em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

WEB CONCORDANCER BETA. **O Web Concordancer Beta**. Disponível em <<http://webascorpus.org/searchwac.html>>. Acesso em: novembro 2011 a julho 2012.